

TIRO, GUERRA E MITO

A história de um barreirense
na Segunda Guerra Mundial

2ª EDIÇÃO DE CENTENÁRIO

João Pinheiro

Copyright © by João Pinheiro
Direitos desta edição reservados à Assembleia
Legislativa do Estado da Bahia

PRODUÇÃO EDITORIAL

EDITOR: Paulo Bina

ASSISTENTES EDITORIAIS: Idalina Vilasboas e Aleksandro Mateus

AUTOR: João Pinheiro

REVISÃO: João Pinheiro

PROJETO GRÁFICO E EXECUÇÃO: Bira Paim

P654t

Pinheiro, João

Tiro, Guerra e mito : a história de um barreirense na Segunda guerra mundial / João Pinheiro. – 2. ed. - Salvador : ALBA, 2019.

174 p.

1. Pamplona, Eurypedes – Biografia.
2. Barreiras, Ba - Pamplona, Eurypedes. 3. Guerra, Segunda – História militar. I. Bahia. Assembleia Legislativa. II. Título.

Cdd 923

ISBN 978 8571963221



Salvador, 2019



ALBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA



ALBA
CULTURAL

MESA DIRETORA

Presidência
Nelson Leal

1ª Vice-Presidência
Alex Lima

2ª Vice-Presidência
Ivana Bastos

3ª Vice-Presidência
Fabício Falcão

4ª Vice-Presidência
Soldado Prisco

1ª Secretaria
Maria del Carmen

2ª Secretaria
Tom Araújo

3ª Secretaria
Talita Oliveira

4ª Secretaria
Euclides Fernandes

Suplentes
Fabiola Mansur
Samuel Júnior
Neusa Cadore
Pedro Tavares
Jurailton Santos

Chefe da Assessoria de
Comunicação Social
Paulo Bina

SUMÁRIO

CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO.....	Pág.7
AGRADECIMENTOS (1ª. e 2ª. Edição)	Pág. 11
PREFÁCIO E PRÓLOGO À 1ª. Edição.....	Pág. 19
PREFÁCIO E PRÓLOGO À 2ª. Edição.....	Pág. 23
INTRODUÇÃO (1ª. e 2ª. Edição).....	Pág. 27
CAPÍTULO I	
AURORA DE BARREIRAS, AURORA DE UMA VIDA.....	Pág. 33
CAPÍTULO II	
O TIRO DE GUERRA 128	Pág. 39
CAPÍTULO III	
DO TIRO PARA A GUERRA	Pág. 51
CAPÍTULO IV	
DA FEB PARA A ITÁLIA	Pág. 63
CAPÍTULO V	
O CAMINHO PARA A GUERRA.....	Pág. 71
CAPÍTULO VI	
UM BARREIRENSE NO FRONT	Pág. 81
CAPÍTULO VII	
O REGRESSO.....	Pág. 93
CAPÍTULO VIII	
O ÚLTIMO LACERDA PAMPLONA	Pág. 103
CAPÍTULO IX	
A CONSTRUÇÃO DE UM MITO	Pág. 115
CAPÍTULO X	
O CENTENÁRIO	Pág. 149
GALERIA DE FOTOS	Pág. 154
REFERÊNCIAS	Pág. 163



DEDICATÓRIA

E hoje, no uso das minhas atribuições legais de historiador, eu decreto que é o Dia Municipal do Herói Barreirense!

E é por isso que dedico esta obra a estes grandes heróis:

- A Deus, o Herói dos Heróis!*
- À Sra. Vera, ao Sr. Fred e a Ana Marques, bem como a Wanderlany Pinheiro, Layne, Layanne, Layla e João Pinheiro Segundo, os meus heróis!*
- Em memória de Osvaldo Pinheiro, Terezinha, Eliane, “Cêça”, “Osvaldinho”, e Inally, heróis da Família Leão Pinheiro.*
- Aos Srs. Edmar e Regina, heróis da Família Paz Lima.*
- A todos os professores do Brasil, heróis inspiradores de milhões de jovens, especialmente a Tia Têca; Marcelo Pinheiro, Marcolino; Nelson; Paula; Viviane Landim; Ivanilza Batista; Gliceia Pimentel; e Willamy Shelig, o herói de milhares de Vencedores.*
- A todos os policiais militares da Bahia, sobretudo aos heróis Guardiões do Oeste, e do Vale do Rio Preto.*
- A todos os soldados da nação, heróis da pátria com ou sem estrelas, seja por terra, mar ou ar.*
- Aos heróis de Casa Forte, principalmente aos de 2010.*
- Em memória do Tenente Guimarães, o Velho Guima, herói do Tocantins e do Barão de Maruim.*
- Em memória do Soldado Jessé, herói do 4º BEC e do Jaguar.*
- Em memória de Aracy Sampaio, heroína das mulheres do Brasil.*
- Em memória de Everson, o “Négo Vê”, herói da Família Barreto Pamplona.*
- E ao protagonista desta história, Eurypedes Lacerda Pamplona, há cem anos herói de Barreiras, da Bahia, do Brasil e do Mundo!*

Vida Longa e Eterna Aos Nossos Heróis!

CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO

Letra: Guilherme de Almeida
Música: Spartaco Rossi

Você sabe de onde eu venho?
Venho do morro, do engenho.
Das selvas, dos cafezais,
da boa terra do côco,
da choupana onde um é pouco,
dois é bom, três é demais.
Venho das praias sedosas,
das montanhas alterosas,
dos pampas, dos seringais,
das margens crespas dos rios,
dos verdes mares bravios,
da minha terra natal.

REFRÃO

**Por mais terras que eu percorra,
não permita Deus que eu morra,
sem que volte para lá!
sem que leve por divisa
esse “V” que simboliza a vitória que virá!
Nossa vitória final
que é a mira do meu fuzil,
a ração do meu bernal,
a água do meu cantil,
as asas do meu ideal,
a glória do meu Brasil.**

Eu venho da minha terra,
da casa branca da serra,
e do luar do meu sertão;
venho da minha Maria
cujo nome principia
na palma da minha mão.



Braços mornos de Moema,
lábios de mel de Iracema
Estendidos para mim.
Ó minha terra querida
da Senhora Aparecida,
e do Senhor do Bonfim!

REFRÃO

**Por mais terras que eu percorra,
não permita Deus que eu morra,
sem que volte para lá!
sem que leve por divisa
esse “V” que simboliza a vitória que virá!
Nossa vitória final
que é a mira do meu fuzil,
a razão do meu bernal,
a água do meu cantil,
as asas do meu ideal,
a glória do meu Brasil.**

Você sabe de onde eu venho?
É de uma pátria que eu tenho
no bôjo do meu violão,
que de viver em meu peito
foi até tomando jeito
de um enorme coração.
Deixei lá atrás meu terreiro,
meu limão, meu limoeiro,
meu pé de jacarandá,
minha casa pequenina
lá no alto da colina,
onde canta o sabiá.

REFRÃO

**Por mais terras que eu percorra,
não permita Deus que eu morra,
sem que volte para lá!
sem que leve por divisa**

esse “V” que simboliza a vitória que virá!
Nossa vitória final
que é a mira do meu fuzil,
a ração do meu bernal,
a água do meu cantil,
as asas do meu ideal,
a glória do meu Brasil.

Venho do além desse monte
que ainda azula o horizonte
onde o nosso amor nasceu;
do rancho que tinha ao lado
um coqueiro que, coitado!
de saudade já morreu.
Venho do verde mais belo,
do mais dourado amarelo,
do azul mais cheio de luz,
cheio de estrelas prateadas
que se ajoelham deslumbradas,
fazendo o sinal da cruz!

REFRÃO

Por mais terras que eu percorra,
não permita Deus que eu morra,
sem que volte para lá!
sem que leve por divisa
esse “V” que simboliza a vitória que virá!
Nossa vitória final
que é a mira do meu fuzil,
a ração do meu bernal,
a água do meu cantil,
as asas do meu ideal,
a glória do meu Brasil.



AGRADECIMENTOS À PRIMEIRA EDIÇÃO

Agradeço primeiramente a Deus e aos espíritos de luz, pela infinita sabedoria em dar-me forças para, a despeito de todas as dificuldades no trecho de obras, concluir este trabalho que já se estendia há mais de dois anos.

Agradecimentos também a minha digníssima esposa Wanderlany, minha companheira de todas as horas, por estar sempre pronta a apoiar os meus projetos; além das minhas amadas filhas Layne, Layanne, e Layla, por transmitirem mais luz aos meus dias, juntamente com a afilhada Dandara, e o sobrinho José Luiz.

Agradeço imensamente ao Sr. Eurypedes Lacerda Pamplo-na, o protagonista, e acima de tudo amigo, pela paciência que teve em rememorar um passado nefasto, para que eu pudesse imortalizar a sua história. Assim como a minha amiga historiadora Ignez Pitta, o “arquivo-vivo” da nossa cidade, e aos membros da Academia Barreirense de Letras, por aprovarem um projeto tão especial.

Seria injusto esquecer os meus pais, Vera Pinheiro e Fred Lima, os quais constantemente me ampararam durante a formação militar, e dos meus familiares e amigos, como o Tio Carlos, coronel da reserva. Assim como também não posso olvidar a todos os verdadeiros amigos do Exército Brasileiro, por me fazerem acreditar e ter prazer em servir a instituição tão nobre, especialmente aos que participaram da minha formação, em 2010, no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife; aos que me apoiaram no 7º Batalhão de Engenharia de Combate; e aos que me acolhem na grande família chamada 4º Batalhão de Engenharia de Construção, sobretudo os tenentes, e os remanescentes do Destacamento Barão de Maruim.

Considerações especiais ao Coronel Olyntho, por me proporcionar subir o primeiro degrau como historiador, pela oportunidade no livro passado; ao Coronel Negrão, por ter sido o



primeiro a ler esta biografia, e prontamente reconhecer o trabalho como de fundamental importância para a formação do nosso soldado; aos tenentes-coronéis Clermont e Luiz Vidal, por me apoiarem na consagração das tradições históricas militares barreirenses; e ao Major Pavão, pela preocupação e empenho em valorizar, revisar e prefaciá-la esta obra, assim como idealizar o lançamento e demais homenagens ao nosso expedicionário.

Ao professor e companheiro de farda, Tenente-coronel Daróz, pela orientação na jornada em busca da tão almejada pós-graduação em História Militar; assim como ao professor arguidor, Coronel José Carlos Noronha de Oliveira, ex-comandante do 6º Batalhão de Engenharia de Combate.

Aos amigos que já passaram pela Seção de Comunicação Social do 4º BEC, em especial a Tenente Miriene; o Tenente Wilbert; Cabo Veiga (hoje soldado da Polícia Militar do Tocantins); Soldado Lemos; Soldado Fábio Oliveira; Soldado Leno; e os servidores civis Abel e Durval. E aos amigos do Pelotão de Obras, pela compreensão imensurável, em especial o Capitão Moura; o Cabo Carmo; e o servidor civil Cotonho Barroso.

Pela divulgação e busca por patrocínios, minha sincera gratidão à nobre equipe de profissionais e amigos do Jornal Novoeste: Tenório, Aninha, Rodrigo e Itapuã.

Agradeço a família da minha comadre Viviane, e do meu compadre Tenente R/2 Vítor Leão (proprietário da Vip Cars) e, minha amiga Tenente Mayara, por toda a consideração e apoio.

E por fim, como não poderia ser diferente, a toda família barreirense, em especial àqueles que buscaram patrocínio, e também patrocinaram, por sua preocupação em preservar o glorioso passado da cidade de Barreiras: o Coronel Corrêa, ex-comandante do 4º BEC e hoje a serviço da Max Caminhões, assim como ao sr. Iolando Araújo, proprietário da mesma; o sr. Dó Miguel, empresário e pré-candidato a prefeito de Barreiras; os amigos vereadores Otoniel Teixeira, Digão Sá, Carlos Tito, e Dra. Graça, assim como a Câmara Municipal em geral; o

renomado advogado Wagner Pamplona, sobrinho-neto de nosso biografado; o Sr. Gilberto Santos e demais membros do Armazém Paraíba; o Dr. Marcelo Sampaio, respeitável dentista e eterno membro da Família General Argolo; o sr. Wefferson Silva, criador da Festa do Rio Grande; Socorro Sampaio, amiga e descendente de Aracy Sampaio; e o 3º Sargento Mariano, amigo do BEC e um dos primeiros a apreciar esta história, juntamente com a colega Valéria Rodrigues.

Decerto, a lista seria infundável, mas não pretendo estender-me para não cansar o leitor. Àqueles que não foram citados, minhas sinceras desculpas. A todos que de alguma maneira colaboraram, o meu muitíssimo obrigado!



AGRADECIMENTOS À SEGUNDA EDIÇÃO

Passaram-se quatro anos. Pode parecer pouco, mas nesse curto espaço de tempo inúmeras pessoas atravessaram as páginas dessa história contribuindo de maneira especial para essa grande festa que se realiza no dia de hoje. Certamente, todos são dignos dos meus agradecimentos.

A lista seria interminável, portanto, antes de tudo eu reafirmo os meus sinceros agradecimentos a todos os que colaboraram na primeira edição deste livro. Independentemente de terem apoiado ou não neste momento específico, não podemos ser ingratos e esquecer que esta edição nada mais é que a continuação do sucesso da primeira, motivo pelos quais os nomes dos cooperadores não podem ser apagados da história. Neste propósito, não querendo ser repetitivo e cansar o leitor, mantive na última página os seus nomes eternizados nos “agradecimentos à primeira edição.”

Aos novos familiares, honro o meu nobre filho João Paulo Pinheiro Lima Segundo, o presente de Deus que inesperadamente somou alegria a minha doce família; a minha afilhada Maria Sophia, que em breve chegará neste mundo; ao meu padrinho, aos meus avós, irmãos, primos (especialmente Renato Paz e Wilsinho Torres), tios, parentes e amigos, sobretudo os da Iputinga, escolas e faculdades, desde os mais próximos aos mais longínquos, também deixo os meus sinceros agradecimentos.

A toda ilustríssima família Barreto Pamplona, também personagens dessa história, a quem agradeço na pessoa da sua matriarca, Enoy Barreto Pamplona.

Um trabalho historiográfico desse porte não seria possível sem amigos tão especiais, como Amélia Sampaio e Juarez dos Santos, a quem agradeço estendendo as honras a toda a equipe do Museu Municipal Napoleão Macêdo.

Um obrigado muito especial a todos os integrantes da briosa Polícia Militar da Bahia, a minha nova família profissional, que

me acolheu de braços abertos tão longo findou o meu serviço militar temporário no Exército Brasileiro. Agradeço a todos, desde o Comandante-Geral ao Aluno-Soldado mais moderno, no entanto agradeço em especial os senhores: coronéis Salomão, Osival, Uzêda e Medeiros; majores Diz Pazos e Jorge; capitães Vinícius, Aquino, Lidiane, Weber, Leonardo Carvalho, Aládio, Sabino e Mocitaíba; tenentes Medeiros, Danillo e Alencar; Subtenentes Demétrio, Albertino, Goiamairy e Romenil; Sargento Jonatas e a digníssima Família Alcântara; Cabos Edinalva, Geraldo, Sueli e Bethânia; e a todos os soldados guardiões do Oeste, especialmente a Hádna Lopes, Johnne, Ianes, Magalhães, Juciara, Thierry, Lincor, Mertens, Iara Santos, Richard, Graziela, Jackson Santos, Britto, Tomaz, Costa, Pacheco, Gusmão, Hemerson (“o Castigo de Deus”), S Lima, Trindade, Homero, Figueiredo, Jônatas Souza, Jonathan Silva, Glauber, S Oliveira, Fábio Silva, Gilvane, Silveira, Geovane Meira, Gabriel, Halisson, Éverson Santos, De Sena, Janaína (Silva), Gabriel Pires, Menezes e Renilson; e aos que compuseram a eterna comissão de formatura, proporcionando o sucesso no momento mais sublime da nossa formação: Tony Ramos, Sayonara, Pedreira, Paulo Soares, L Rodrigues, Davidson, Christiee, César Rodrigues, Godoy e Marinezia.

Impossível esquecer também dos guardiões do Vale do Rio Preto, com aquele abraço especial ao moralizado pelotão de Mansidão.

Também nem por isso irei ignorar os amigos da Família General Argolo, tanto os que passaram pelo 4º BEC, quanto os que ainda o servem. Portanto, somo os meus agradecimentos da edição passada à Família Pelotão Jaguar; o General Gonçalves; os coronéis Couto e Jonny; tenente-coroneis Bastos e Cavadas; majores Thárcio, Sanders, Murillo, Sales Barros, Nogueira e Kelby; Capitão Barboza; tenentes Madureira, Couto, Yuri, Tâmilés, Rossiane, Igor Alves, Tássia, John Lenon, Matheus, Rizzo, Ayrton, Santana, Arthur, Arthur Luiz, William, Torga, Ruan, Chagas e



Juraci.” Subtenentes Abraão, Tavares e Steffen; Sargentos Batista, Jessé, Rosânia, Terto e Kátia, Aurinívia, M Santos, Dionatas, Jéssica, Tanan, David, Amom, Erick, Montenegro e Flázio; Cabos Noronha, Souza Lima e Carlos Augusto; soldados Lupatini, Eliel e Élio; bem como aos outros que somaram à lendária equipe de Comunicação Social: Cabo Manoel, e Soldados Gama, Vilas Bôas, Andrade, Lucas Oliveira e Raian.

Aos políticos que se dedicaram a honrar o nosso herói nacional, em especial os deputados federais Carlos Tito (e a sua assessora Janaína), e Dayane Pimentel; toda a Assembleia Legislativa da Bahia, na pessoa do Presidente Deputado Estadual Nelson Leal; ao Prefeito Zito Barbosa; aos vereadores Eurico Queiroz (e o seu chefe de gabinete, Marcos Lira), Cézar Moreira (Cézar da Vila), Otoniel Teixeira, Almerly Messias, Nereu Bertoli (Nereu do Gás), e Alcione Macedo; a secretária de gabinete do prefeito, Marileide; ao colega Comandante Rangel, e a mais nova liderança da juventude, Murilo Benício.

Com satisfação quero registrar em agradecimento especial esse grande marco de conhecimento que tanto contribuiu para essa obra: a titânica Família Curso Vencedores, em nome dos seus patriarcas, Willamy Shelig e Gliceia Pimentel. Esterno minha gratidão a toda sua equipe, tanto os professores, quanto a enorme tropa de alunos e ex-alunos de todas as turmas que fazem parte dessa instituição. Vale lembrar que os seus nomes não serão aqui citados, tendo em vista que a lista é gigantesca, e eu não me perdoaria em pecar com qualquer esquecimento injusto. Entretanto, reforço que os merecidos diplomas de agradecimento aos colaboradores estão sendo entregues nesta data, e os seus nomes estarão gravados no livro da Marcha Pelo Centenário, para sempre imortalizados nas páginas da história barreirense.

Aos mestres que promoveram a nossa palestra em suas escolas, bibliotecas, faculdades ou cursos preparatórios, divulgando a incrível trajetória do nosso bom velhinho, motivo do irrefutável êxito desta edição centenária.

Agradecimentos também aos grandes apoiantes culturais: Academia Barreirense de Letras; Escobar Contabilidade; AS-PRA - Justiça e Liberdade; Toldos Rio Branco; Europ Cars; Gráfica Gatos; Operacional Store; LCI Medicina do Trabalho e Clínica Médica; Pamplona Baldissarela & Advogados Associados; Rede Postos Vital; Escola São José; Tuttu Bianco; Tropical Ville; Fazenda Decisão; e JCO.

Agradeço a Liga de Defesa Nacional; a Academia de História Militar Terrestre do Brasil; e a todas as associações de ex-combatentes com as quais firmamos estreitas relações nestes últimos quatro anos. Em especial, um muito obrigado aos seguintes amigos entusiastas da Força Expedicionária Brasileira, oriundos de todos os rincões do Brasil: Coronel R/1 Luiz Celso, César Torres, Sandro Rocha, Isaete Leal, Tenente Francisco Leal, Victor Oliveira, Milton Toledo, Derek Destito, e as irmãs Virgínia e Maria Soledade Sampaio.

Aos amigos Haroldo e Ana, Anselmo e Valéria, bem como a todo o magnânimo Rotary Club. E aos demais colegas: Martinho Maia, Vanilton, Professor Rafael Alves, Victor Sodré, Diego Rochac, Marivalda, “Digão Sá”, Aurelino Vital, Dr. Pedro, Ivan, Luiz Pedro, Dominginhos, Júlia Guarnieri e família, Zanella, Vanessa Lima, Andressa Carvalho, Daniel, Rute, Aline Serpa (e Princesa Sophia), Isllen, Jhisa, Cléria, Jessica Nascimento, Gisele, Felipe Vercelli, Antonio Pereira, Luan, Albérico, Luana, Diego, Amanda, Thiffany, Anaíra, Thailane, Martins, Bianca, Carlos Henrique, Ivanilza Batista, Edmar, Clarinha, Orinaldo, Daniel Pereira, Raquel Menezes, Tarcísio Queiroz, João Carlos, Ananda Lima, Antônio José (Toinho), Ítala, Bira Paim, Petrus, Raphael (Pilala), Vladson, Danilo Matos, Jáfia, Hayminny e outros.

Tal como da última vez, reafirmo que a lista seria infundável, mas não pretendo estender-me para não cansar o leitor. Àqueles que não foram citados, minhas sinceras desculpas. A todos que de alguma maneira colaboraram, o meu muitíssimo obrigado, e até a terceira edição!



PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Quando fui convidado a prefaciar o presente livro, já havia antecipado que seria acometido pela nossa habitual “falta de tempo”. Minhas constantes viagens certamente dificultariam minha disponibilidade para fazê-lo. Todavia, dois motivos principais não permitiram que eu pudesse pensar na possibilidade de recusar o convite feito pelo amigo Tenente Pinheiro. Primeiramente, o empenho do autor em descrever a trajetória do biografado já seria motivo suficiente em convencer-me a escrever este prefácio. Em segundo lugar, não é recorrente a oportunidade de termos o privilégio de escrever sobre a vida de um herói nacional, neste caso o nosso “pracinha”, o barreirense Eurypedes Pamplona.

Inicialmente, redijo a despeito do autor. O 1º Tenente Pinheiro despertou minha admiração desde o primeiro instante em que me falou sobre o livro, demonstrando empolgação não somente pela arte da escrita histórica, mas também pela extrema admiração que externou pelo Cabo Pamplona.

O meu respeito inicial pelo entusiasmo do amigo deu-me coragem para, ousadamente, oferecer-me para revisar gramaticalmente o livro.

Aceita a minha ousada oferta, fui acometido pela agradável surpresa em conhecer a história do “herói” barreirense. Conheci o nosso “pracinha” em 1996, quando aqui cheguei oriundo do glorioso Instituto Militar de Engenharia (IME). Desde aqueles tempos, a figura do sr. Eurypedes já era merecidamente glorificada pelo 4º BEC, sempre sendo convidado para as formaturas e comemorações de naturezas diversas, principalmente aquelas em comemoração aos aniversários da FEB. Nestes quase vinte anos venho acompanhando o nosso “expedicionário” apresentando a mesma vibração e fascínio pelos símbolos nacionais de outrora, independentemente do seu vigor físico.



Ao longo das diversas vezes em que palestrou acerca da II Guerra Mundial, o sr. Eurypedes vem satisfazendo a nossa curiosidade acerca daquele acontecimento, ao mesmo tempo, impressionante e horrível da história recente da humanidade.

O livro, muito inteligentemente, ao passo que conta a trajetória do biografado, descreve a sociedade barreirense e carioca daqueles anos 40, bem como o teatro de operações encontrado na oportunidade daquela Guerra, paralelamente à descrição social daquela época. Dá-nos, ainda, uma ideia das terríveis dificuldades encontradas pela FEB no campo de batalha.

Outrossim, o livro relata que a falta de recursos e a preparação inadequada de nossos soldados foi superada com heróica coragem, desprendimento, patriotismo e abnegação, onde entre eles encontrava-se o jovem Eurypedes Pamplona.

Apesar do assunto “Guerra” ser, de forma geral, pesaroso, o autor soube tratar do assunto de maneira leve e agradável, tornando a leitura tranquila e relaxante.

Bem, ao findar este breve prefácio, só me restar reiterar minha admiração pelas ações tanto do biógrafo quanto do biografado. O primeiro, pela teimosia e empenho em ultrapassar as dificuldades encontradas na produção deste brilhante livro e, o outro, pelo titânico esforço para manutenção de sua sobrevivência, do nome do nosso país e do glorioso Exército Brasileiro.

Tenha uma boa leitura!

Barreiras-BA, 08 de maio de 2015.

Antônio Carlos Pavão Madureira

MAJOR PAVÃO

PRÓLOGO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Na metade dos anos 40 do século passado a guerra bateu à porta do Brasil. O maior conflito da História chegou ao nosso país pelo mar, quando submarinos alemães e italianos afundaram

navios brasileiros sob as ordens do almirante Döenitz, e ceifaram a vida de milhares de brasileiros. Respondendo à agressão, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo Berlim-Roma-Tóquio e alinhou-se com a coalizão de países Aliados contra o nazifascismo, e a nova posição assumida não podia ficar apenas nos discursos. Uma resposta à altura precisava ser dada. O Brasil enviaria tropas para combater na Europa.

A organização da Força Expedicionária Brasileira (FEB) não foi fácil, visto que o nosso exército era pequeno e insuficientemente treinado e equipado para combater em um conflito repleto de inovações bélicas, como a mecanização, as táticas de movimento, o apoio aéreo aproximado, o bombardeio estratégico, dentre outras. Havendo a previsão inicial de formar um corpo-de-exército a três divisões, o Brasil conseguiu mobilizar apenas uma divisão – a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – que, mesmo com adestramento deficiente e dotação de material incompleta, partiu para o Teatro de Operações do Mediterrâneo em 1944 para dar sua contribuição na luta contra o regime totalitarista de Hitler. Mesmo com problemas na preparação e no envio, treinada e equipada pelos americanos, a Força Expedicionária cumpriu as principais missões que lhe foram atribuídas pelo comando aliado na Itália, e escreveu uma página notável da História Militar brasileira. A FEB permaneceu duzentos e trinta e nove dias ininterruptamente em combate; neste período, lutou contra nove divisões alemãs e três italianas, tendo perdido em ação quatrocentos e cinquenta e quatro homens, além de dois mil e sessenta e quatro feridos, e trinta e cinco homens aprisionados.

Cerca de 25.000 brasileiros ofereceram-se como voluntários ou foram recrutados para integrar a FEB. Oriundos de todos os rincões do país, os soldados brasileiros tiveram que superar inúmeros obstáculos, e vencer um inimigo experiente e muito bem assestado em posições defensivas dominantes. Homens simples que, nas montanhas geladas da Itália, portaram-se heroicamente e, retornando vitoriosos, contribuíram para profundas transfor-



mações políticas e sociais no Brasil. **Tiro, Guerra e Mito: a história de um barreirense na Segunda Guerra Mundial** conta a história de um desses brasileiros, tão notável quanto anônimo: o Cabo Eurypedes Pamplona, que lutou na FEB integrando o 11º Regimento de Infantaria.

O autor, 1º Tenente de Engenharia João Paulo Pinheiro Lima, especialista em História Militar, resgata a trajetória de Eurypedes Pamplona desde seu ingresso no Exército Brasileiro, no Tiro de Guerra 128, passando pelo treinamento no Rio de Janeiro e culminando com sua atuação na 9ª Companhia do 11º RI. Finalmente, o autor destaca o regresso do febiano à sua cidade, Barreiras-BA, e os vínculos afetivos estabelecidos com o 4º Batalhão de Engenharia de Construção, unidade do Exército Brasileiro sediada na cidade baiana banhada pelo Rio Grande.

Nietzsche, em sua obra **A Gaia Ciência**, responde a seu próprio questionamento: “O que é que torna heroico? Ir ao mesmo tempo para além da sua maior dor e da sua maior esperança.” **Tiro, Guerra e Mito** traz a história de um herói brasileiro, que ultrapassou as suas dores e foi vitorioso por sua esperança. Na qualidade de neto de veterano da FEB, tenho a honra de prologar esta importante obra, escrita pelo Tenente Pinheiro, e convidá-lo, prezado leitor, para se deleitar com a bela história do febiano Eurypedes Pamplona.

A cobra continua fumando!

Niterói-RJ, 08 de maio de 2015.

Carlos Roberto Carvalho Daróz

TENENTE-CORONEL DARÓZ

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Tendo lido a 1ª Edição de **Tiro, Guerra e Mito: a História de um Barreirense na Segunda Guerra Mundial**, de autoria do então 1º Tenente EB João Paulo Pinheiro, hoje um integrante da Polícia Militar da Bahia, prontamente fascinei-me com a referida obra.

Decerto, este livro é um retrato fiel construído em torno da vida do nosso ex-combatente, herói da Segunda Guerra Mundial. Um baiano de Barreiras, que entre tantos outros milhares de brasileiros, retornou vitorioso e granjeou nos últimos quatro anos o grande reconhecimento da nossa sociedade.

Nesta 2ª Edição, o autor e amigo, hoje humildemente Soldado da Polícia Militar da Bahia, Pinheiro, pessoa quem tive a oportunidade de ter como aluno no Curso de Formação, assim como ser assistente em uma de suas belas palestras sobre a grandiosa história do Brasil, nos honra em poder prefaciá-la a presente peça literária.

Não é a minha intenção tecer detalhes sobre o nosso herói de guerra, pois o livro é enfático e dedicado às suas atuações, aspirações e méritos.

Faço ressaltar a importância desta obra para ser difundida aos nossos descendentes, que naturalmente se distanciam de pessoas da nossa época, sobremaneira memoráveis, onde viveram momentos terríveis, inesquecíveis e, porquê não dizer, notáveis.

Esta obra, de excelente escrita e leitura cativante, nos impulsionam a querer ler continuamente. Sem dúvidas, a vontade é de rever cada ponto de uma maneira mais crítica e peculiar, como se estivesse ao lado daquele combatente nos idos da década de 40.

Tendo conhecido o nosso herói de guerra, é irrefutável afirmar que o Senhor Eurypedes, como o tratamos, nos enche de orgulho pela sua simplicidade e respeito por aqueles que seriam



seus superiores hierárquicos, mesmo sendo esses (nós) décadas mais novos.

Falar do biografado Cabo Pamplona nos embevece e enche de orgulho, por ser uma peça de arquitetura escrita de alto grau, eternizando a glória e a memória de um bravo homem.

Ao completar o seu centenário, rodeado de comemorações, o Sr. Eurypedes Lacerda Pamplona é quem nos presenteia em poder estar com o nosso nome aliado ao seu na mesma publicação.

A você, leitor, busque deleitar-se nas entrelinhas ao máximo, sentindo-se na pele o manifestar da vida do bravo combatente brasileiro, baiano e barreirense, imortalizado de maneira incontestante para todo o sempre.

Obrigado amigo Pinheiro pela oportunidade de contribuir com essas palavras, prefaciando esta bela obra da história perpetuada em nome de um veterano da Força Expedicionária Brasileira.

Barreiras-BA, 10 de junho de 2019.

Camilo Otávio Alonso Uzêda

TENENTE-CORONEL PMBA CAMILO UZÊDA

PRÓLOGO À SEGUNDA EDIÇÃO

Por dois momentos, na Idade Contemporânea, a humanidade vivenciou conflitos entre grupos de nações em âmbito global, havendo a participação do nosso país. Todavia, foi na Segunda Guerra Mundial, ocorrida no período de 1º de setembro de 1939 a 2 de setembro de 1945, que tivemos uma participação direta e decisiva para o fim da contenda no território italiano.

A princípio, até meados de 1942, o Brasil adotou uma posição de neutralidade, contudo, tendo alguns de seus navios afundados por submarinos alemães no Oceano Atlântico, o

Presidente Getúlio Vargas decidiu entrar em acordo com o presidente americano Roosevelt para a participação do país na guerra. Neste propósito, fomos a única nação latino-americana a atuar diretamente nos campos de batalha.

Afirma o Professor Marcus Firmino Santiago da Silva, a respeito da importância da participação brasileira no conflito: “O apoio do Brasil foi disputado na Segunda Guerra. De forma um pouco velada por parte dos países do eixo (Alemanha, Itália e Japão) e de maneira clara pelos aliados, especialmente os norte-americanos, além da Inglaterra e da França”.

Em meados de 1944, partiu para a Itália a Força Expedicionária Brasileira (FEB), constituída de 25.334 homens e mulheres, representantes das mais diversas camadas sociais. Eram em sua maioria jovens inexperientes, mas, dotados de um espírito de patriotismo, aguerridos, com um firme desejo de retornar à Pátria-mãe, desempenhando, posteriormente, relevantes papéis na vida política, social e cultural do país, influenciando gerações, dentre eles: o Presidente Castelo Branco, e o Governador Cordeiro de Farias, além de vários ministros de estado, empresários, artistas, etc...

A FEB permaneceu na Itália cerca de 11 meses, desses, quase oito na frente de luta em contato permanente com o inimigo. Com o fim da 2ª Guerra Mundial em 1945, a FEB foi desfeita em 1946, deixando-nos um legado de superação, resiliência e heroísmo, tal como ocorreu durante a tomada de Montese. Nessa batalha mesmo, houve uma homenagem singular prestada a três soldados brasileiros que, em missão de patrulha, ao se depararem com toda uma Companhia do exército alemão e tendo recebido ordem para se renderem, se recusaram e morreram lutando. Como reconhecimento à bravura e à coragem daqueles soldados, pela forma como combateram, os alemães os teriam enterrado em covas rasas e, junto às sepulturas colocado uma cruz com a inscrição “*drei brasilianischen helden*” (três heróis brasileiros).

Depreende-se então que, para o militar, mesmo num con-



flito armado de tão elevada magnitude, o oponente (inimigo) também é um ser humano merecedor de respeito e reconhecimento. É importante ressaltar que, nenhuma das partes deste episódio, individualmente falando, fora a motivadora da contenda, nem tampouco consultada sobre a sua pertinência e a obrigatoriedade de sua participação. O nosso próprio biografado sempre frisa que não se orgulha de ter participado da guerra, nem tampouco nutria ódio pelos alemães, mas, apenas agradece a DEUS por ter sobrevivido e retornado intacto em sua capacidade físico-mental.

Dentre os que retornaram ao Brasil, havia este baiano, filho das terras oestinas, um barreirense, o Cabo Eurypedes Lacerda Pamplona, cuja história fora retratada em 2015 de forma brilhante pelo historiador militar João Paulo Pinheiro Lima, no livro **Tiro, Guerra e Mito: A história de um barreirense na segunda guerra mundial**.

Hoje, o lançamento da 2ª edição, visa homenagear esse herói nacional na passagem do seu centenário, desfrutando de lucidez, saúde, brindando os nossos jovens, estudantes, pesquisadores, historiadores e cidadãos com o relato dessa trajetória de vida ímpar, que tanto nos orgulha e enobrece. Certamente, é um grande exemplo de perseverança, ética, solidariedade e cidadania.

E é no intuito de não deixar essa herança morrer na memória do nosso povo, que essa obra será distribuída em todas os estabelecimentos de ensino de nossa região, para a perpetuação do seu nome e dessa linda história.

“A cobra está fumando!”

Barreiras-BA, 10 de junho de 2019.

Paulo Salomão Portugal de Sousa

CORONEL PMBA RR SALOMÃO

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Neste ano de 2015, a humanidade comemora 70 anos de término da Segunda Guerra Mundial, o conflito mais sangrento da nossa existência, e que certamente mudou os rumos da história global.

O que muitos desconhecem é que esta guerra teve a participação direta do Brasil. E menos ainda sabem que um único barreirense homem esteve presente na sua linha de frente.

Diante desse quadro, almejo com o presente livro revelar à comunidade acadêmica, assim como aos cidadãos barreirenses, a trajetória de Eurypedes Pamplona, o homem que nascido nos confins da Bahia foi parar nos campos de batalha da Itália.

A história do nosso pracinha¹ choca pela sua simplicidade. Pamplona nunca foi rico, não teve fama, e até o presente momento era um completo desconhecido para a nossa sociedade, como averigui pessoalmente durante o ciclo de palestras ministradas sobre a Força Expedicionária Brasileira. É uma história do mais comum dos homens, que futuramente pode ser a de qualquer cidadão barreirense, especialmente dos militares e reservistas do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, único quartel do Oeste Baiano.

Esta biografia, escrita sem invencionices e sob todo o rigor científico, é uma prova mais do que contundente que podemos também encontrar o extraordinário no homem comum, em cada um de nós mesmos, pois as grandes vivências não são prerrogativas das personalidades ilustres.

Vale lembrar que, mesmo sendo um ícone “santificado” para o batalhão e em processo de reconhecimento pelo município, o febiano nunca sentiu orgulho da guerra, e tampouco faz questão de esconder o seu desprezo pelo que considera a maior estupidez humana. Longe de ser apenas enaltecido, nosso “herói”

¹ Pracinha, febiano, ex-combatente ou expedicionário são alcunhas dos veteranos brasileiros da Segunda Guerra Mundial, que lutaram incorporados na FEB (Força Expedicionária Brasileira).



é estudado no que há de mais humano em sua essência. Mais do que construir um mito, este livro persegue historicamente o seu processo de mitificação, desmitificando-o. Seus defeitos, medos e desgostos não deixam de ser apontados, revelando que o maior exemplo para os nossos soldados não tem algo de perfeito, contudo, não é menos magnífico.

O mais velho dos meus amigos nunca aceitou seu título de herói, e deixa claro que se pudesse, não teria ido ao *front*². Sua vida foi completamente marcada pelos traumas que ainda carrega do conflito. Mesmo assim, participa das várias solenidades no 4º BEC, muitas das quais como homenageado. Aos olhares mais críticos, tal atitude parece contradizer o seu discurso desgostoso. No entanto, creio que no final da vida, as pessoas devem olhar para trás a fim de procurar um sentido, uma certeza de que não viveram em vão. E é esta a certeza que nosso bom velhinho busca incessantemente, em cada ida ao 4º BEC, onde é relembrado como um cabo que durante meses, vivendo ao lado da morte, lutou pela vida, assim como também pelos ideais de liberdade e democracia no mundo.

Outrossim, lamento dizer ao nobre leitor que, caso esteja esperando uma versão brasileira do *Band of Brothers*, é melhor parar nestas páginas, e passar o livro a outro interessado. Mais do que uma história da guerra, esta biografia é uma história de vida, e se há algum gênero predominante, com certeza não é o da ação ou da aventura, e sim o drama. A trajetória do jovem no *front* é abordada com poucos detalhes, e algumas lacunas. O motivo? O expedicionário não gosta de tecer comentários sobre a linha-de-frente, e não raras vezes, emociona-se ao recordar seus tenebrosos momentos. Perguntas como “o senhor matou muita gente?”, muito comum pelos seus admiradores ávidos por minúcias, deixam-no notoriamente desconcertado. Respeitando a sua dor, optei por não forçar situações constrangedoras, utilizando como principal fonte os registros do seu diário de guerra.

² Linha-de-frente da zona de combate.

Mesmo traumatizado, curto em suas palavras e sereno em seus atos, Pamplona venera o Exército Brasileiro e, como todo bom soldado, tem boas recordações dos seus tempos de serviço militar. As virtudes, os princípios e a educação moral e cívica aprendidas no Tiro de Guerra 128 marcaram a sua juventude. A vibração bélica das formaturas, marchas e treinamentos como recruta ainda alimenta a sua alma, porém, a despeito da sua história na caserna, seu maior legado foi ter revelado a milhares de barreirenses a existência de um sentimento maior que o espírito guerreiro: o espírito da paz!

Barreiras-BA, 08 de maio de 2015.

JOÃO PAULO PINHEIRO LIMA
1º TENENTE PINHEIRO

Licenciado em História & Especialista em História Militar



INTRODUÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO

Se alguma coisa mudou nestes últimos quatro anos, certamente foi para melhor. Nada mais tenho a externar para introduzir esta segunda edição, a não ser registrar o meu agradecimento a Deus, pelo sucesso do primeiro livro.

As conseqüências positivas advindas do inesquecível “08 de maio de 2015” tomaram proporções tão inimagináveis, que não vale a pena detalhar agora. Se assim eu fizesse, correria o risco de estragar o prazer do nobre leitor em desvendar estas particularidades ao navegar pelas páginas da história. Deixemos esta aventura para os próximos capítulos!

Por fim, caberá a vocês e às futuras gerações julgar o legado de Eurypedes Pamplona. A mim, só resta desejar um feliz aniversário ao nosso expedicionário, e uma boa leitura a todos.

Vida Longa ao Nosso Herói!

Barreiras-BA, 10 de junho de 2019.

JOÃO PAULO PINHEIRO LIMA
1º TENENTE R/2 PINHEIRO
SOLDADO PM JOÃO PINHEIRO

*O Tenente dos Praças,
O Soldado da Educação!*

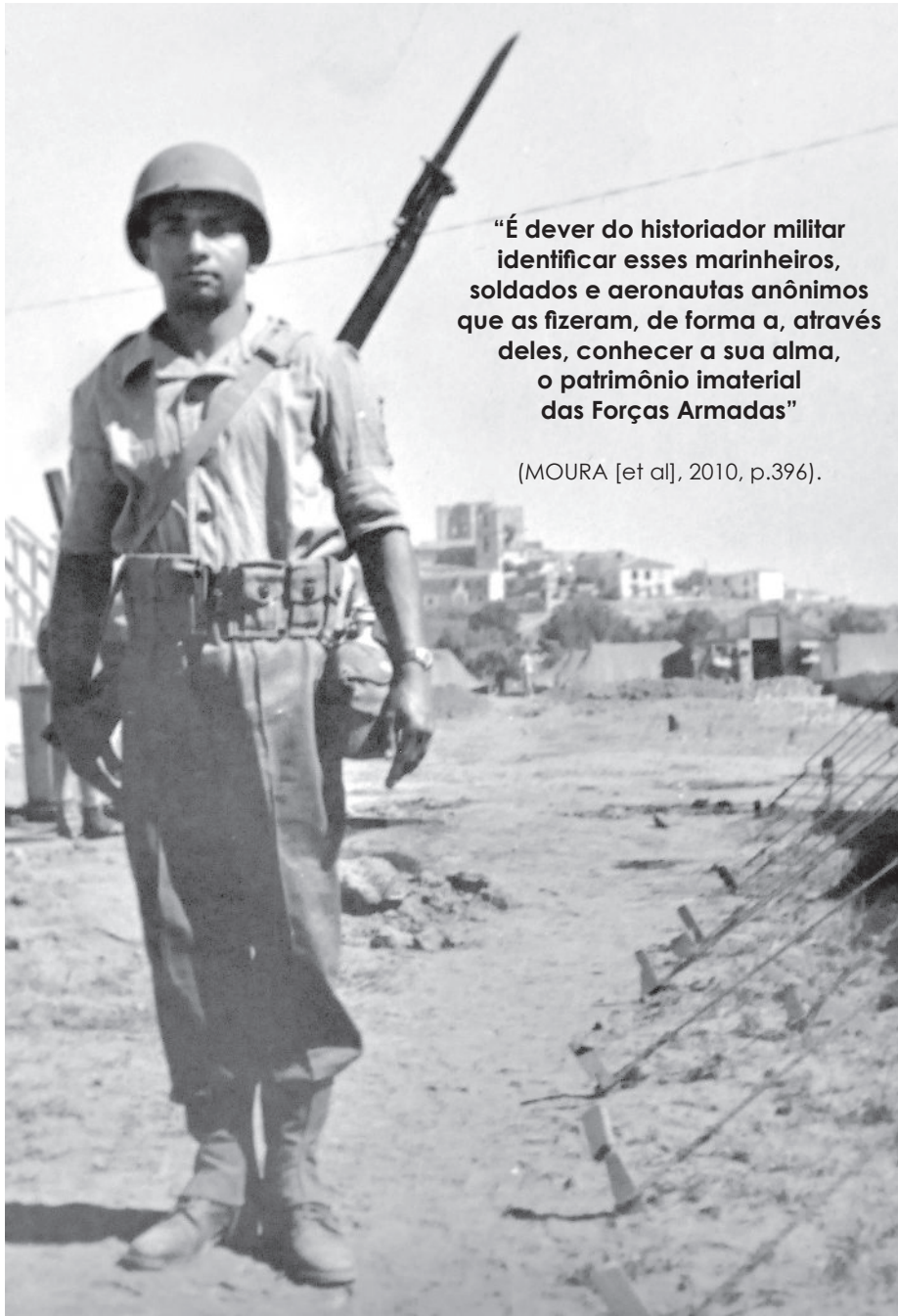


Figura.1: *O Cabo Pamplona no Teatro de Operações da Itália.*
Fonte: Eurypedes Pamplona.





Capítulo I

AURORA DE BARREIRAS,
AURORA DE UMA VIDA



AURORA DE BARREIRAS, AURORA DE UMA VIDA

*“Oh! que saudades que tenho
da aurora da minha vida,
da minha infância querida
que os anos não trazem mais!”*

Meus Oito Anos (Casimiro de Abreu)

O Nordeste é lembrado pelas suas riquezas naturais, sua cultura, seu povo guerreiro, mas também estereotipado pelo seu ambiente árido. Certamente, a maior parte do Nordeste é seca, com chuvas escassas e rios temporários. Contudo, algumas regiões são verdadeiros oásis no sertão.

Uma boa parte do Oeste Baiano possui um sistema de chuvas regulares e terras férteis, além da bacia hidrográfica do Rio São Francisco, formando inúmeros afluentes perenes que banham a região, favorecendo o desenvolvimento da agropecuária desde a colonização.

Entretanto, um desses afluentes foi obstinadamente explorado apenas no início do Império. Por volta de 1825, os primeiros barqueiros começam a desbravar o Rio Grande, subindo o seu curso d'água até chegar numas barreiras de pedras que impediam a continuidade da navegação. Com o trajeto impedido de progredir a barco, construíram um porto naquele local, batizado, não sem motivo, de Porto das Barreiras. Fazendas surgem nos arredores, além do povoado de Buracão no Arraial da Penha.

Por volta de 1870, a borracha de mangabeira foi descoberta na região, atraindo vários imigrantes que almejavam enriquecer com a extração do látex. De acordo com Pitta (2005, p.24) “Foi como uma corrida do ouro: sendo um produto de exportação com alto valor no comércio internacional, logo milhares de imi-



grantes vieram para cá, a fim de produzir e exportar a borracha.”

Para dinamizar o comércio, um lugarejo não tardaria a ser construído nas imediações do cais. Despontava, então, o Povoador de São João, chamado pelos goianos de São João das Barreiras. Com o tempo, perderia o nome católico, e conquistaria a emancipação precocemente, no dia 26 de maio de 1891. O crescimento não parava!

Foi naquele início do século XX, na cidade de Barreiras, que a Srta. Arlinda Valmório de Lacerda apaixonou-se e logo casou-se com Manoel Messias Pamplona, um jovem natural do município de Remanso, situado no Vale São-Franciscano do estado.

Manoel Messias era um rapaz inteligente e trabalhador, que teve o emprego de guarda-fio do telégrafo até a sua aposentadoria, o primeiro em Barreiras a exercer tal ofício.

Enquanto sua prendada esposa dedicava-se aos afazeres do lar, prática muito comum para as mulheres, Manoel montava em uma mula e viajava constantemente a Angical e Jupaguá para fiscalizar os fios. A missão era longa, e a mata não parecia um local muito acolhedor. Sempre ia armado, pois não raras vezes avistava onças guardando a floresta. Apesar dos perigos, precisava garantir o sustento da família.

E a família não era nada pequena, pois junto com Arlinda criaram, ao todo, sete filhos. Isabel Pamplona, a primogênita, nasceu em 28 de outubro de 1911. O segundo foi Walter Lacerda Pamplona, em 1912. A terceira, Maria Lacerda Pamplona, em 1913. A quarta, Perolina Pamplona, em 1914. Após ela, nasceram mais duas crianças, que antes da primeira semana de vida vieram a óbito. A sensação de perder um filho não é desejável ao pior dos inimigos, e o fato de ser um consecutivo ao outro certamente amedrontou Dona Arlinda.

Porém, o alívio viria com o nascimento do quinto filho, em 1919, o qual nos deterá mais adiante. O sexto foi Agenor Pamplona, e o sétimo e último filho, Waldir Cosme Pamplona.

Sete filhos para cuidar. Com o pai e a mãe dentro de casa

seriam, ao todo, nove pessoas. Porém, uma sobrinha do Sr. Manoel, Maria Rosa, entrou para a família após o falecimento do pai.

Mas voltemos ao quinto filho do casal, o foco de nosso estudo.

A casa nº 29 da Rua Barão de Cotegipe seria o berço de uma história que Barreiras nunca contemplara igual. No dia 10 de junho de 1919, no quarto dos pais, nascia o pequeno Eurypedes Lacerda Pamplona.

Eurypedes nasceu no recém-criado município de Barreiras, emancipado há apenas vinte e oito anos. Apesar de sua atual potencialidade, se comparada aos demais municípios do Oeste Baiano, Barreiras estava longe de ser destaque regional, mais parecendo um vilarejo.

Foi batizado na única igreja católica existente: a Igreja Santa Teresinha, à época chamada São João Batista.

O catolicismo era a religião predominante no município, e Eurypedes gostava de participar das missas desde pequeno, além dos festejos de São João e das novenas promovidas pela igreja.

Seu período escolar mais marcante foi no Grupo Escolar Dr. Costa Borges, mais antiga escola de Barreiras. Nessa fase, foi instruído pela renomada professora Guiomar Porto, cujo nome está imortalizado na rua do estabelecimento.

Naquela época a cidade tinha poucas pessoas, e o seu principal núcleo concentrava-se no atual sítio histórico. Não era tão quente, e chovia regularmente.

O município vivia da plantação e do comércio. Ter muitas terras era sinônimo de riqueza e poder. Dentre as grandes famílias que dominavam a política regional, havia os Balbino, Rocha, Lopes e Boaventura. Embora os antigos coronéis latifundiários tenham deixado um arquétipo de violência na história do Brasil, provocando conflitos por poder político e terras, em Barreiras a história foi um pouco diferente. As famílias



ricas eram aparentadas, e geralmente não havia desavenças.

Os Lacerda Pamplona eram bastante trabalhadores. O patriarca, guarda-fio do telégrafo, nas horas vagas trabalhava na fazenda herdada pela esposa, Dona Arlinda. Ela, afora as lides domésticas fora contratada pela prefeitura para administrar um pluviômetro, aparelho que mede a quantidade de chuvas, para o observatório meteorológico da cidade. Este pluviômetro encontra-se hoje exposto no Museu Municipal Napoleão de Mattos Macêdo, o principal reduto da conservação histórica de Barreiras.

A pequena casa familiar na Rua Barão de Cotegipe, situada atualmente defronte ao museu, contava apenas com três quartos: um do casal, outro dos rapazes e outro das moças.

Sua terra natal era bastante pacata, e as portas dormiam tranquilamente sem o ferrolho. A pouca violência era causada pelos jagunços, quando ordenados pelos ricos da região. A calma era tamanha, e os crimes tão escassos que, quando aconteciam, ficavam na memória da população por um bom tempo.

Eurypedes Pamplona terminou seu período escolar aos doze anos, pois o ginásio só chegaria a Barreiras em 1948, com a fundação do Colégio Padre Vieira. Chegou a frequentar por três meses o curso de francês de Alfredo Sampaio, grande personalidade cultural local, mas não se interessou na sua continuidade.

Com os estudos findados, precisava obter um emprego. Não poderia viver eternamente às expensas dos pais. Foi assim que, aos 12 anos, trabalhou como alfaiate, e aos quinze como barbeiro, montando logo depois a própria barbearia.

A maioria já batia em sua porta, quando uma escolha mudaria o seu destino para sempre.



Capítulo II

O TIRO DE GUERRA 128



O TIRO DE GUERRA 128

*” Bandeira do Brasil ninguém te manchará,
 teu povo varonil isso não consentirá.
 Bandeira idolatrada, altiva a tremular,
 onde a liberdade é mais uma estrela a brilhar! ”*

Canção Fibra de Heróis (Barros Filho)

Foram por volta dos seus sete anos que Eurypedes Pamplo-
 na veria o Tiro de Guerra 128 chegar à cidade. O menino ado-
 rava contemplar os soldados marchando, com os passos iguais e
 uma postura inabalável. A sua primeira reação foi parecida com
 a do personagem Gil, da literatura de Donato (1979, p.12):

Pai – eu disse em voz baixa – quero ser linha-de-tiro [...] Sob
 o sol brilhavam os canos das armas, a pala dos quépis e as
 perneiras engraxadas. Aqueles moços, para mim, eram deuses
 que marchavam, marchavam e me deixavam para trás. Apres-
 sado, como para não perdê-los de todo, cantei também, agora
 em voz alta com meu pai e as vozes que iam sumindo [...]

Em 1937, com dezoito anos incompletos, Eurypedes Pam-
 plona finalmente realizaria um sonho: incorporar-se as fileiras
 do Exército Brasileiro.

É importante frisar que a primeira Força Militar em
 Barreiras foi a Guarda Nacional, extinta em 1922. Entretanto,
 eram militares diferentes. Compravam ou ganhavam as cartas
 patentes para que, em caso de guerra ou conflito interno,
 mobilizassem a população em prol da Defesa Nacional.
 Enquanto nada acontecia, ficavam em suas casas levando as
 suas vidas normalmente.

Os mais abastados recebiam o título de coronel, e o Sr. Manoel



Pamplona chegou a ganhar a patente de capitão. Contudo, uma tropa não é formada apenas por oficiais. De que adiantaria Barreiras haver tantos coronéis se não haviam soldados treinados?

Embora o Exército e a Guarda Nacional pudessem atuar em conjunto, como sucedeu-se na Guerra do Paraguai, eram Forças distintas. Há uma diferença enorme entre confiar um fuzil a alguém versado nas artes militares, e armar quem nunca foi instruído para tal, empregado apenas para fazer número e contar com a própria sorte.

Era notório que o Brasil precisava modernizar-se dentro da realidade nacional, criando uma Reserva atuante. Foi neste intuito que a Reforma Hermes, consubstanciada na Lei número 1860 de 4 de janeiro de 1908, criou os Tiros de Guerra. Mais à frente, a 1ª. Guerra Mundial serviu como prova de que a reserva podia integrar as tropas de 1º linha nas operações, motivo pelo qual o Exército criou, em 1917, a Diretoria Geral de Tiros de Guerra, para melhor regular estas instituições presentes em todas as Regiões Militares.

O próprio Walter Pamplona serviu no Tiro de Guerra 128 (TG-128), sendo convocado para debelar a Guerra Civil Brasileira¹. Todavia, a revolução acabou antes que pudesse embarcar em um vapor.

Um Tiro de Guerra é uma escola militar menor, destinada a formar soldados reservistas de 2ª. Classe. Após o ano de instrução, seus atiradores recebem o tão sonhado certificado de reservista, retomando a vida à paisana.

Os TG's, instalados em sua maioria nos interiores, objetivam também levar o serviço militar aos confins do país. Atualmente, a 6ª. Região Militar, Grande Comando sediado na Cidade de Salvador, cuja ação abrange os Estados da Bahia e de Sergipe, possui dezoito tiros de guerra. Não sabemos ao certo quantos existiam em 1926, mas foi neste ano que seria inaugurado na cidade de Barreiras a primeira passagem do Exército Brasileiro: O TG-128. Segundo Pinto (1988, p.47):

¹ Revolução Constitucionalista de 1932

Na década de 20 houve um destacamento mantido pela 6ª Região Militar, instruindo jovens com recrutamento, treinamento e estilo de caserna batalhas e guerrilhas simuladas, sobrevivência, ginástica, exercício. Ao mesmo tempo os recrutas mantinham a vigilância da cidade que poderia sofrer ataques de cangaçeiros.

Os exercícios foram praticados na serra do Stand onde até hoje existe uma clareira.

O Tiro de Guerra durou pouco tempo, foi mudado, mas o pessoal recrutado não se esqueceu das obrigações, fiéis ao juramento, por muito tempo.

Pinheiro & Pitta (2012, p.27) complementam:

Até então, fazia-se apenas o alistamento, como é comprovado pelos editais de convocação publicados pelo jornal Correio de Barreiras, de 1908. Somente alguns jovens alistados eram enviados para fazer o serviço militar em Salvador, como o fez Alcibias Almeida, natural de São Desidério, em 1920, e também o índio Sebereba, da Missão de Aricobé, em Angical. Mas eram poucos esses que iam à capital e assim foi importante haver-se implantado aqui o Tiro de Guerra 128, dando oportunidade a um grande número de jovens, que ali aprendiam muito, como Edgard de Deus Pitta, natural de Casa Nova, região bastante seca da Bahia, que, em 1927 emigrou para Barreiras.

No longínquo ano de 1936, Eurypedes alistou-se para a turma de 1937 do TG-128. Além de um sonho de criança, o TG era um farol para os jovens do Oeste Baiano, pois o certificado de reservista era o documento mais cobiçado pela parcela carente da população. Alguns poucos, com muito esforço e força de vontade, deslocavam-se das áreas rurais para servir à pátria, tal como ainda ocorre em vários cantos do país, inclusive Barreiras.



Ter servido ao Exército era motivo de orgulho, e conferia status aos menos favorecidos, que se não podiam ostentar cartas patentes de oficiais da Guarda Nacional, vangloriavam-se com o serviço militar prestado. Além disso, eram preferencialmente empregados, pois os empresários ao contratar não reservistas correriam o risco de continuar pagando o salário do cidadão até o término do ano de formação. Obviamente, nenhum empreendedor queria arcar com este prejuízo.

Mas, se em outros quartéis o prejuízo era total, nos TGs seria parcial. Esta escola foi criada também no intuito de seus militares continuarem dedicando-se a outras atividades, tendo suas instruções realizadas à noite (exceto aos domingos), e em apenas alguns dias da semana. Por essa flexibilidade e formação mais simples é que seriam considerados reservistas de 2ª. Categoria, mas ainda assim reservistas, prontos para defenderem a pátria, se necessário.

Apesar do Serviço Militar já ser obrigatório desde janeiro de 1908, no TG-128 só entravam voluntários. Os jovens não interessados eram aconselhados sobre as dificuldades futuras, mas seriam dispensados se não optassem pela caserna.

A Junta do Alistamento, formada por cidadãos barreirenses, convocava e alistava os recrutas da região. A Cidade de Barreiras era pequena, não necessitando limite de pessoas ou exame de saúde para incorporar-se.

Começaria então a Jornada Militar de Eurypedes Pamplona, numa turma composta por quarenta e dois militares.

O TG-128 era comandado por um sargento. A sociedade local respeitava-o bastante, por conferir tão nobre formação à sua juventude. Este praça gozava de muito prestígio, e a sua presença era indispensável para abrilhantar os eventos locais. Podemos mesmo afirmar que, ser sargento e comandar o Tiro de Guerra 128 naquele pequeno município, talvez equivalesse a ser coronel e comandar o 4º Batalhão de Engenharia de Construção, na Grande Barreiras de hoje.

No ano de 1937, foi responsável pelo TG o 3º Sargento Aloysio Leal Salles, uma pessoa muito bem quista e aberta ao público, além de um líder nato, convencendo pelas palavras, e arrastando por exemplos!

Eurypedes encomendou o tão sonhado fardamento na alfaiataria do município, não demorando a vesti-lo. O uniforme era composto por uma túnica, que nos acampamentos dava lugar à gandola, e um culote verde-oliva. Não havia coturnos, e sim calçados pretos de couro mais resistentes (e duros), que subiam quase até os seus joelhos, chamados perneiras.

Nos domingos, o TG fazia marchas e exercícios militares fora da cidade, e ao chegar desfilava pelas ruas barreirenses, sob os olhares atentos da população. Nada se comparava aquilo. Os cidadãos admiravam aquele andar rígido, todos com a mesma passada, bem como o fardamento que deixava os rapazotes com ares de homens feitos.



Figura.2.: O TG - 128.

Fonte: Napoleão Macêdo.

“O Tiro de Guerra 128 tinha grande atuação social e se integrava nos eventos da vida da comunidade, com a sua presença e banda



de música” (PINHEIRO, PITTA, 2012, p.25-26). As crianças adoravam brincar de soldados, sonhando, desde pequenas, em entrar para a instituição. Não havia quem condenasse o TG.

A sua antiga sede hoje é uma residência situada próxima ao clube da Melhor Idade. O armamento ficava guardado na sala de instrução junto com as munições, sem necessitar de plantão ou sentinela para protegê-lo.

Pamplona teve instruções de rastejo; marchas; tiro ao alvo; acampamento; acantonamento; bivaque; educação moral e cívica; bem estar e boa conduta; patriotismo; dentre outras.

As instruções davam-se três vezes por semana, começando por volta das vinte horas e terminando na madrugada do dia seguinte. Já aos domingos, começavam pela manhã e prosseguiam até as primeiras horas da tarde. O sargento ainda tinha livre arbítrio para marcar instruções extras.

O período de formação durava cerca de um ano. Pelo menos é o que consta nos documentos com o nome do nosso atirador, que vão desde dezembro de 1936 até o que parece ser o relatório final, formulado em janeiro de 1938.

A rotina no TG era bastante pesada, mas como não recebia soldo, Pamplona levantava cedo no dia seguinte para ganhar um pouco de dinheiro em sua barbearia.

Em algumas ocasiões teve instruções na Serra do Mímo, porém, o acampamento mais marcante ocorreu em São Desidério. Chegaram lá após uma longa marcha carregando mochila, fuzil, sabre e cantil. Não havia capacetes, apenas quepe, e acamparam ao relento, sem barraca alguma.

Eurypedes foi um dos escalados para ficar de sentinela, guardando a tropa até o horário da alvorada. Apesar da responsabilidade, não sentiu medo algum, pois a região era muito pacata.

Os exercícios de tiro eram realizados rotineiramente, e aconteciam em um Estande na Serra do Mímo, outrora conhecida como Serra do Estande. Eurypedes era um bom atirador. Atiravam um por vez nas mais diversas posições, e apesar da frequên-

cia, alguns combatentes sequer acertavam o alvo. “O atirador não precisava acertar na “mosca”, mas havia um mínimo de tiros que deveria acertar no escantilhão.” (Donato, 1979, p.73).

As provas finais foram avaliadas pelo Capitão João Damasceno Vieira, encarregado de inspecionar o TG. No decorrer do curso, muita gente foi desligada, tendo em vista que apenas vinte e dois chegaram ao final. O motivo? Provavelmente baixo rendimento, faltas ou dificuldades para comparecer ao TG. Infelizmente, destes “sobreviventes” oito ainda foram considerados inabilitados.

Na ficha de Eurypedes Pamplona consta os seguintes resultados:

Nº de ordem: 5

Nome: Euripedes Lacerda Pamplona

Filiação: Manoel Messias Pamplona/
Arlinda Lacerda Pamplona

Dia: 10

Mês: Junho

Ano: 1919

Estado: Bahia

Município: Barreiras

Frequência: 85%

Tiro ao alvo: Bom

Marcha: Satisfaz

Prova Escripta: 6,6

Educação Physica: 6,50

Ordem Unida: 7

Maneabilidade: 6,50

Combate: 8

Resultado: Habilitado

Obs.: 6,93 (1936/37 DOCUMENTOS SOLTOS DO TIRO DE GUERRA 128)

Dos vinte e dois, nosso rapaz obteve a quarta maior média da turma (ninguém acima de 7,58). Apenas seis granjearam a



nota “Bom” em tiro, mas deste segmento dois acabariam reprovando na prova escrita. O restante, oscilou entre o regular e o aceitável.

O Capitão Eduardo Reis de Freitas, ao que tudo indica inspetor dos Tiros de Guerra da 6^a. Região Militar, registraria a seguinte impressão daquele ano de instrução:

Crítica

A marcha foi realizada em optimas condições. O tiro foi realizado em boas condições. A prova escripta, infelizmente, deu resultado desfavoravel, pois que, de 22 atiradores apresentados à inspecção, 14 atiradores attingiram média acima de 4. As provas de instrucção physica, ordem unida, maneabilidade e combate, foram realizadas pelos atiradores com muito bom aproveitamento. Levando em conta a impressão deixada por esse T.G. no capitão encarregado da inspecção, conforme se vê dos termos do seu relatorio, archivado na Inspetoria, louvo o 3º sgt. Aloysio Leal Salles pelo zelo, intelligencia e interesse pela instrucção, demonstrados por ocasião da presente inspecção. Foram realizadas 115 secções de instrucção nesse T.G., nesse anno. (a) Cap. Eduardo Reis de Freitas, Inspector T.G. (1936/37 DOCUMENTOS SOLTOS DO TIRO DE GUERRA 128)

Ao término da jornada, Pamplona finalmente havia se formado atirador do Exército Brasileiro. Estava alegre por todo o seu desempenho, e com a certeza de que dentro de um mês chegaria de Salvador o tão sonhado certificado de reservista, a ser entregue solenemente num baile comemorativo na sede do próprio Tiro de Guerra. Até os reprovados compareceram ao evento, provavelmente sem muitos remorsos pois no ano seguinte poderiam alistar-se outra vez, como o fizeram Francisco Dias da Fonseca, João Correia Filho e Sillvino Alves Moreno.

Entretanto, o destino não seria generoso caso reprovassem novamente. Após o ano de 1938 não haveria mais instrução no

Oeste Baiano. Não se sabe o porquê, mas o Tiro de Guerra 128 encerrava as suas atividades.

A região foi declarada área rural, portanto isenta do serviço militar. O mais curioso é que, contraditoriamente, o Aprendizado Agrícola de Barreiras também foi fechado e transferido da cidade.

Hoje, restam apenas alguns livros bem superficiais sobre o assunto, além de documentos históricos no Museu Municipal Napoleão Macêdo, como livros de ata, relatórios, relação dos convocados em treinamento e seu desempenho, assim como a lista das instruções e dos armamentos e munições.

Resta, também, a memória dos pouquíssimos reservistas que se encontram vivos, já em idade avançada, alimentando a sabedoria dos anos com as longínquas reminiscências daquele ano inesquecível em que se tornaram militares.

Ainda a memória dos tempos em que foram soldados, vestiram a farda, e marcharam por acreditarem em um país melhor.

Certamente, recordam o juramento à Bandeira Nacional realizado ao final do curso, enquanto o peito transbordava orgulho patriótico.

Naquele momento pomposo, Eurypedes Pamplona imaginava que a sua vida militar estava chegando ao fim; pensava que a dor finalmente havia passado; pensava que ficariam apenas as lembranças, e a satisfação em ter formado-se no Tiro de Guerra 128, a entidade mais respeitada de sua terra natal.

Pensava... Apenas pensava...





Capítulo III

DO TIRO PARA A GUERRA



DO TIRO PARA A GUERRA

*” Cidade maravilhosa, cheia de encantos mil,
Cidade maravilhosa, coração do meu Brasil! ”*

Hino da Cidade do Rio de Janeiro (André Filho)

O ano de 1938 transcorreu sem muitos problemas. A rotina voltara ao normal, e o jovem Pamplona permanecia dedicado à sua barbearia.

Eis que o seu tio Valdemir Lacerda, comerciante que sempre fazia compras no Rio de Janeiro, então capital federal, estava de passagem em Barreiras. Foi a oportunidade que o jovem agarrou para conhecer o mundo. Deu-se férias, juntou a sua pouca economia, preparou as malas, e despediu-se da família prometendo retornar em breve.

Eurypedes partira em 20 de janeiro de 1939, Dia de São Sebastião, embarcando no Benjamim Guimarães. Era um daqueles grandes vapores como o São Francisco e o Juraci, que só podiam navegar pela sua terra natal quando as chuvas aumentavam o volume do Rio Grande.

Pela primeira vez faria uma longa viagem. Às vezes, no carnaval, os vapores davam um passeio rápido pelo rio. Mas agora seria diferente. Passaria dias navegando, e apesar de somente avistar vegetação, a viagem era a grande novidade da sua vida. Não cabia em si de tanta felicidade, afinal, estava a caminho da Cidade Maravilhosa!

Eurypedes alojou-se em um camarote pequeno, com uma janela e três camas, uma por cima da outra. Durante o percurso, o vapor atracava nos portos para abastecer-se com lenha, enquanto a tripulação descia para conhecer os pequenos lugarejos.

O Benjamin Guimarães descera para o município de Barra e, de lá, subira o Rio São Francisco. Passou por Bom Jesus da



Lapa, Carinhanha, entrou em Minas Gerais por Januária, e finalmente atracou em Pirapora, após doze dias sobre as águas.

De Pirapora, o jovem Pamplona pegara um trem para Belo Horizonte, e depois uma Maria Fumaça a caminho do Rio de Janeiro, sendo necessários mais dois dias sobre os trilhos.



Figura.3: O *Benjamim*, atracado no Porto de Barreiras.

Fonte: Desconhecido.

Era noite, e a Maria Fumaça chegava à Central do Brasil, levando um Eurypedes Pamplona coberto de fuligem.

Finalmente estava no Rio de Janeiro, perplexo com a imponência e a exuberância à sua frente. As luzes enriqueciam o panorama da cidade, que era mesmo maravilhosa! Uma atmosfera mágica parecia encantar a Baía de Guanabara, o Cristo Redentor e todas as suas belezas naturais!

Só aqueles primeiros minutos haviam pago o preço da viagem. Nem conseguia imaginar quantas Barreiras cabiam ali dentro. Estava ansioso para conhecer tudo! Sempre contemplara o Rio de Janeiro nas fotografias, mas não sabia que pessoalmente era muito mais bonito.

Apaixonado à primeira vista, transformou as férias em uma mudança. Com o apoio de outro tio, Nielson Lacerda, conse-

guiu um emprego e passou a morar na Rua da Alfândega.

O centro do Rio de Janeiro era enorme, e ostentava casas comerciais de luxo como a Manoel Silva; a Silopra; a perfumaria Carneiro; e a joalheria Krauser. Mas era a Kaiser que destacava-se com um vaporizador na porta, lançando perfume para os pedestres da Rua do Ouvidor, a mais pomposa e movimentada do Rio de Janeiro. Era onde todas as moças e senhoras, muito bem trajadas e sem temer ladrão algum, desfilavam faustosamente com roupas, joias e chapéus caros.



Figura.4: Rua do Ouvidor na década de 40.

Fonte: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/mariabelena/posts/2011/10/26/rio-de-sempre-da-uma-volta-na-ouvidor-413332.asp>> Acesso em 27 jan. 2013.

Sua rotina mudaria bastante. Não estava mais na pequena Barreiras, mas sim na capital do Brasil. Sem estudo, regrava seu dinheiro para viver razoavelmente naquela pensãozinha de dois andares, onde os donos e seus dois colegas de quarto eram barreirenses. Estar entre conterrâneos era uma forma de não se distanciar tanto das suas origens.



Nas folgas dominicais saía com o amigo Archias Rocha, sobrinho do barreirense Geraldo Rocha. Adoravam as praias; o jardim da Praça Paris; o Cinema Metro; o Jardim Botânico; a Estrada Silvestre; o Alto da Boa Vista; o Cristo Redentor e o Museu Nacional, em que residira os imperadores brasileiros.

O samba tomava conta das ruas cariocas. Eurypedes adorava sambar, valsar, dançar bolero e forró, ainda mais porque em pleno Rio de Janeiro, um pernambucano brilhava nas rádios cantando o Nordeste: Luiz Gonzaga. Sua sanfona lembrava as melodias que tanto roubavam a cena em Barreiras, trazendo saudades da cidadezinha onde nascera, crescera e deixara os familiares e amigos.

As cartas eram o único meio de comunicar-se. Queria viajar para visitá-los, mas infelizmente não podia. Se viajasse, gastaria quase um mês inteiro a bordo de um gaiola. Também não pretendia regressar. Embora a sua situação financeira nunca tenha progredido trabalhando na Sedas Brasil ou na Costa Pacheco, lojas de tecidos e armarinhos, tinha fé no Rio como a terra que lhe faria crescer na vida. Continuou ganhando pouco mais que um salário mínimo, mas sempre à espreita de novas oportunidades.

Mesmo sem uma vida abastada, o moço era feliz e namorador. Chegou a ter um caso mais firme com a Dulce, uma moça de dezesseis anos que dele engravidou. A jovem tentou esconder a gravidez com medo da reação materna, apertando a barriga até quando pôde. Apesar da vergonha que traria naqueles tempos, sua mãe não lhe virou as costas, convidando o genro a morar em sua pensão. Infelizmente, a compressão trouxe complicações ao parto, e a criança faleceu poucos dias depois.

Embora triste, Eurypedes Pamplona continuou levando a sua vida tranquilamente, e assim permaneceu quando uma guerra estourou do outro lado do Atlântico.

Na escola, Eurypedes Pamplona só conhecera a História do Brasil, e somente naquele momento soube já ter havido uma 1ª.

Guerra Mundial (1914-1918), que embora tenha constituído o conflito armado entre dois blocos, envolveu metade dos países do mundo, gerando hostilidades na Europa, Ásia, África e nos oceanos.

Inicialmente, de um lado estava a Tríplice Aliança, formada por Império Austro-Húngaro, Império Alemão e Reino da Itália. Do outro, a Tríplice Entente, composta por Reino Unido, França e Império Russo. Estas alianças foram, “muito antes da Guerra, produzidas, dentre outros fatores, por conta dos interesses no mundo colonial [...] (FREDRIGO, 2013, p.68).”

A causa da 1ª. Guerra? Poderíamos listar inúmeras: o imperialismo; a corrida armamentista, alimentando a tensão entre as nações; os governos autocráticos, mais sensíveis que os democráticos às desaprovações da sua política; a entrada tardia das recém-unificadas Alemanha e Itália na Partilha da África e da Ásia; o nacionalismo exacerbado; dentre outros fatores.

Eufóricos de patriotismo, todos os envolvidos acreditavam em uma guerra rápida com vitórias gloriosas. Entretanto, o resultado foi uma completa carnificina, e a derrota da Alemanha acompanhada de consequências desastrosas.

Com o Tratado de Versalhes, esta nação foi declarada a única culpada pela desgraça mundial, e teve que assumir toda a responsabilidade, sofrendo várias sanções políticas e econômicas. Chocada e humilhada, um sentimento de revanche nasceria desde o final do conflito.

Após o fim do regime imperial alemão e o nascimento da República de Weimar, no ano de 1933 o mundo assistiu a ascensão de Adolf Hitler, líder do partido nazista, cuja sede de conquistar o mundo e purificar a humanidade com a raça ariana estava levando o seu país ao delírio. A Alemanha acabou não cumprindo os acordos do Tratado, desviando grande parte da sua energia produtiva para os assuntos militares.

Transformando o seu país em uma ditadura, o líder nazista logo retomou uma política imperialista, conforme sugeria a pró-



pria denominação “*Terceiro Reich*” (Terceiro Império), adotada em seu governo. Os países que lhe fizeram frente na 1ª. Grande Guerra assistiam a tudo calados, e, recordando as desgraças que o primeiro conflito trouxera ao mundo, tentaram resolver a situação diplomaticamente. Mobilizações, demonstrações de força, ultimatos, ameaças e comentários ostensivos deixavam o cenário europeu tenso.

No entanto, após a invasão da Polônia pela Alemanha em 1º de setembro de 1939, não restava alternativa para o Reino Unido e a França, senão uma declaração formal de guerra.

Novamente, alianças militares se formaram em torno de dois blocos. De um lado, a Itália Fascista de Mussolini visava recuperar os dias de glória do Império Romano, e aliou-se à Alemanha e ao Japão, compondo o Eixo. Do outro, Reino Unido e França formaria o bloco dos Aliados com a União Soviética, logo que esta rompesse relações com a Alemanha de Hitler. A Europa rapidamente transformava-se em um campo minado que muito em breve se alastraria pelo mundo!

Os chanceleres das repúblicas americanas, temendo as proporções a que o conflito poderia chegar, e lembrando as perdas ocasionadas pela guerra passada, reuniram-se na Conferência do Panamá para oficializar uma posição de neutralidade.

“A situação político-militar da Europa e as ameaças eixistas impuseram, em julho de 1940, uma nova Reunião de Consulta de Chanceleres, desta vez em Havana” (MORAES, 2005, p.23). Estar cercado de inimigos no próprio continente, situação em que viviam os países europeus durante o conflito, era algo extremamente perigoso. A união e a neutralidade, do outro lado do Atlântico, era a única chance para a América sair ilesa do conflito.

Nesta nova conferência, os países americanos definiram então que todo atentado contra a integridade, a inviolabilidade, a soberania ou a independência política promovido por um Estado não americano a qualquer membro do Novo Mundo, seria

considerado como ato de agressão a todos os outros. Era uma tentativa inteligente de blindar o continente.

Entretanto, a guerra não tardaria a chegar à América. Em 7 de dezembro de 1941, os japoneses, pertencentes ao Eixo Roma-Berlim-Tóquio, atacaram a base naval americana de Pearl Harbor, no Havaí, obrigando os Estados Unidos a entrarem no conflito.

Eurypedes Pamplona soube do bombardeio por meio dos rádios e jornais, porém ainda assim acreditava que a guerra estava longe da sua realidade. Talvez não atentasse para o fato de que, em pleno século XX, o mundo não era mais o mesmo. Os tempos e espaços foram reduzidos pelos avanços tecnológicos, e os países estavam mais intrinsecamente ligados do que nunca. Uma guerra naquelas proporções interferia na vida de quase todos.

E assim foi feito. Não esperava que a guerra chegasse ao Brasil, e nem sabia que o seu país romperia laços com o Eixo desde o ataque no Pacífico.

Apesar do nosso país estar apenas cumprindo a sua palavra, foi uma decisão arriscada. O Brasil, com um território de dimensões continentais, precisou ser obstinadamente guarnecido. O Exército tratou de proteger as zonas sensíveis ao longo do litoral, assim como a Marinha e a Força Aérea Brasileira patrulharam intensamente a costa e as escoltas de comboios.

As bases militares, consideradas geograficamente estratégicas, também foram cedidas aos Estados Unidos. O próprio aeroporto de Barreiras tornou-se base aérea durante a guerra, assim como também ocorreu em Natal-RN.

Entretanto, a ousadia eixista não retrocedeu. Mesmo com o Brasil tomando todas as medidas de proteção, a partir do início de 1942 os nossos navios mercantes seriam vítimas de uma série de torpedeamentos causados por submarinos ítalo-alemães, com requintes de covardia e crueldade. Nos dias 18 e 19 de agosto, a pequena distância das praias de Sergipe, os submarinos



afundaram os vapores Araraquara, Aníbal, Benévolo, Baependi, Itagira e Arara, fazendo mais de seiscentas vítimas, inclusive crianças.

Repentinamente, um clima tenso tomou conta do Brasil. Todos os jornais e rádios noticiavam veemente os ataques e a vileza com que ocorreram. A mídia não parava de denegrir a imagem dos nazifascistas, incitando a reparação da nossa honra.

Mas era o povo que mais estava revoltado. Uma multidão lotou as ruas pedindo guerra! Além dos protestos, houve grandes demonstrações de xenofobia. Os escritórios alemães em solo brasileiro foram invadidos e sumariamente depredados. A famosa Casa Alemã, localizada na Rua do Ouvidor, destinada à moda mais grã-fina do Rio de Janeiro, foi completamente destruída, e os seus proprietários ainda fugiram do espancamento como se fossem os culpados.

O jovem Pamplona assistia às manifestações de longe, e apesar de achar tudo aquilo um absurdo, não tomava partido algum. Eram tempos perigosos, e qualquer um que se opusesse à guerra seria igualmente linchado. Sempre gostara da vida militar, mas nunca lhe passou pela cabeça ir ao combate, ainda mais agora que ele mostrava-se tão próximo. Temia o conflito! E sabia que, caso declarado, poderia ser convocado a qualquer momento. Sua situação de reservista, ainda que de 2ª. Classe, não era nada confortável.

Mas nem o próprio Presidente Getúlio Vargas poderia acuar o país diante dos fatos. Uma decisão como esta não poderia ser tomada de outra forma, senão por aclamação popular, e o povo queria a guerra!

Foi então que no dia 31 de agosto de 1942, para o desespero de Eurypedes Pamplona, o Governo Brasileiro do Estado Novo declarou oficialmente guerra às Potências do Eixo!

A cabeça do jovem Pamplona não pensava em outra coisa, senão na possibilidade de ser convocado. Nervoso, nem conseguia raciocinar direito.

Dois dias passou-se, o estresse aumentava e ele resolveu es-
pairecer. Foi então ao cinema. Nem sabe qual filme assistiu, mas
aquela sala escura longe dos noticiários já era um alento à sua
mente. Guerra? Ele próprio ir à linha de frente? Não poderia
ser... o Brasil era muito grande, o Rio de Janeiro também, e ele
apenas um reservista de 2^a. Categoria... por que, dentre milhões
de brasileiros, iriam logo convocá-lo? Estava fazendo tempesta-
de em copo d'água!

O filme acabou e ele regressou à pensão. Já era tarde da noi-
te, e o silêncio no estabelecimento era tão profundo que pensou
estar sozinho... Até deparar-se com uma mesa cheia!

A jovem Dulce, sua sogra e alguns hóspedes estavam em
absoluto silêncio. Eurypedes estranhou e, brincando, perguntou
se estavam numa sessão espírita. Mas, logo notou que ninguém
estava de brincadeira. Foi então que entregaram-lhe uma carta.

Ao apanhá-la, foi o mesmo que levar uma pancada na ca-
beça. Faltaram-lhe as pernas e quase caiu ao chão. Não lembra
se a cabeça esvaziou, ou ficou a mil por hora. Ficara totalmente
atordoadado.

Uma carta de convocação? Aquilo era sério? Não seria uma
brincadeira dos seus amigos? Não, não... Ninguém brincaria
com algo tão sério.

Estava bastante amedrontado, e não era o único... o sem-
blante da jovem Dulce não escondia a desolação... E agora? De-
veria fugir? Deveria sair do Rio de Janeiro?

Naquela noite, o silêncio fúnebre da pensão ecoou mais alto
que o samba da noite carioca, e a cidade já não era mais tão
maravilhosa assim...





Capítulo IV

DA FEB PARA A ITÁLIA



DA FEB PARA A ITÁLIA

*” A paz queremos com fervor,
a guerra só nos causa dor.
Porém, se a pátria amada
for um dia ultrajada lutaremos sem temor! ”*

Canção do Exército (Ten Cel Alberto Augusto Martins)

Milhares de reservistas regressaram às Forças Armadas. Ao contrário do que ocorrera no Tiro de Guerra 128, Eurypedes Pamplona passaria agora por um rigoroso processo de seleção, sob detalhada inspeção de saúde.

Aprovado em todas as etapas (para a sua infelicidade), não tardou a incorporar no 2º. Regimento de Infantaria, popularmente conhecido como o “*Dois de Ouro*”. O apelido era decorrente dos dizeres dourados do quepe: 2º RI.

O Soldado Pamplona passou a servir na 3ª. Companhia de Metralhadora, considerada a melhor do regimento, e comandada pelo Capitão Antônio Tavares.

O Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, costumava afirmar que moradia de soldado é no quartel, e logo Eurypedes viu-se obrigado a residir na caserna. Triste e temeroso pela convocação e sem perspectiva alguma de futuro, rompeu o relacionamento com a Srta. Dulce e foi embora da pensão.

Quase um ano após a sua convocação, mais especificamente em 09 de agosto de 1943, o Exército Brasileiro oficializou a criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Segundo o Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, Comandante da 1ª. Divisão Expedicionária (MORAES, 2005, p.25):

Tratava-se, sem dúvida, da criação de um instrumento militar nacional destinado a desagrar a ofensa e a cooperar com as Nações Unidas na missão de destruir o inimigo comum. Daí a Força Expedicionária Brasileira.



A Força Terrestre, organizada e inspirada na missão militar francesa de 1920, certamente necessitava passar por uma reestruturação. O modelo francês já se encontrava obsoleto, não correspondendo mais à realidade do novo tipo de conflito. O Brasil agora deveria remodelar-se inspirado no Exército dos Estados Unidos.

Algumas Unidades Militares precisaram ser criadas, e as existentes não estavam em perfeitas condições, de modo que quase nada do que existia pôde-se explorar. Conforme Mascarenhas de Moraes (2005, p.28):

Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada “escola francesa”. De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem e no quadro da doutrina gaulesa, surgia a tarefa de constituir uma divisão de Infantaria, com a organização norte-americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios norte americanos.

Somente quem nunca se viu a braços com problemas análogos pode ignorar as dificuldades, as incompreensões e choques daí decorrentes.

A nova organização exigia a criação de órgãos absolutamente novos e a revisão quase revolucionária de princípios, há muito firmados em nosso meio militar.

E não eram apenas os princípios que inexistiam em nosso território. A insuficiência do material bélico norte-americano era outro grave problema. Todos os reservistas, soldados e cabos, e a esmagadora maioria dos sargentos e oficiais sequer haviam visto o que iriam manusear, desde os fardamentos até os armamentos e equipamentos militares.

Muito em breve, a tropa brasileira iria se unir ao IV Corpo do V Exército Americano, com a missão de impedir o avanço nazista na Itália, nação esta que agora abandonara o Eixo. Contudo, era evidente que o Brasil não estava em condições de combater, tanto que a FEB levou dois anos em preparação.

A demora e as péssimas condições estruturais da FEB ge-

raram “descrença popular quanto ao embarque dos pracinhas para a Itália, bem como a possibilidade de sua vitória diante do exército alemão” (FREDRIGO, 2013, p.64), contribuindo para a disseminação da expressão que afirmava ser mais fácil uma cobra fumar do que o país ir à guerra.

Profundamente ofendido, o Exército Brasileiro exerceria seu direito de resposta ao criar a insígnia da serpente com um cachimbo, para deixar claro que “a cobra iria fumar, e o Brasil iria lutar”!



Figura.5: *Símbolo da Força Expedicionária Brasileira.*

Fonte: <http://aluisiodutra.zip.net/arch2009-08-01_2009-08-31.html>

Acesso em 09 set. 2014.

Vale lembrar que a expressão é “utilizada recorrentemente, até os dias de hoje, para aludir a uma vitória inesperada ou a uma ação que parece improvável” (FREDRIGO, 2013, p.64).

Aos poucos, alguns materiais chegariam para a tropa, constantemente adestrada no Campo de Instrução de Gericinó, no Rio de Janeiro.

O treinamento foi bem mais pesado do que o realizado no Tiro de Guerra 128. Havia redes rasteiras de arame farpado, em que se precisava rastejar com mochila, fuzil e todo o equipamento necessário. Esta instrução não admitia um segundo de



distração, pois bem acima dos arames uma metralhadora disparava constantemente, de tal forma que, se o “guerreiro” suspendesse a cabeça seria trucidado numa fração de segundo.

Os acampamentos foram realizados na Barra da Tijuca, também no Rio de Janeiro. Naqueles tempos, não havia casa alguma, e o espaço era tão solitário que todos se despiam completamente para tomar banho no mar.

Houve também treinamentos de embarque e desembarque. Neste caso, a tropa deveria descer em cordas até o mar, onde os barcos já estariam aguardando. Cada pessoa portava um número e, através deste, iria para o barco destinado, a fim de evitar confusão na hora da fuga desesperada.

A intenção dos quartéis era explorar ao máximo os militares durante o treinamento, de forma a tornar o combate menos difícil.

Apesar de ter estudado somente até a 4ª. Série, o Soldado Pamplona teve conhecimentos suficientes para realizar o curso de cabo tornando-se, após meses extenuantes, o Cabo Pamplona.

Mesmo com toda aquela preparação e a recente promoção, o jovem Eurypedes não sentia entusiasmo algum. Estava preocupado, e achava que se fosse à Europa nunca mais abraçaria a sua família. Barreiras agora parecia mais distante do que nunca. Poderia embarcar a qualquer momento numa viagem sem volta, e não teria sequer a chance de despedir-se.

Foi por meio das cartas e do telégrafo que, outrora, contou aos seus parentes sobre a convocação. Não pôde entrar em muitos detalhes, pois os meios de comunicação eram frequentemente inspecionados: tudo deveria ocorrer sob o mais severo sigilo.

Sem outra opção, os Lacerda Pamplona tiveram que se conformar. Todos, imensamente preocupados, rezavam novenas com os vizinhos para implorar que Deus conservasse a sua vida, e não o mandasse para a guerra.

Os dias, meses e anos passaram-se, o conflito continuava, e

a espera mista de incerteza corroía a todos por dentro. Eurypedes poderia partir para além-mar, lutar e, se morto em combate, a sua família não teria a mínima possibilidade de receber o corpo, ou mesmo visitar o seu túmulo.

A tensão aumentava. O Brasil seguia sua rotina, enquanto os seus soldados preparavam-se para a linha de frente. O povo, que tanto clamou pela guerra, parecia ter esquecido dos heróis antes mesmo do combate. Eurypedes frequentemente andava fardado pelas ruas, mas ninguém sequer manifestava um mínimo de patriotismo, solidariedade ou consideração.

Em breve, Pamplona deixaria o Dois de Ouro para aguardar os dias passarem no Depósito de Pessoal da FEB, onde encontraria militares de toda a nação. A nenhum destes era permitido saber o dia da partida, mas os sacos de viagem deveriam estar sempre prontos.

O primeiro escalão de embarque partiu com 5075 homens no dia 2 de julho de 1944, a bordo do *General Mann*.

O segundo escalão saiu com mais 5075 homens, no dia 22 de setembro de 1944, no mesmo navio.

O terceiro escalão partiu no mesmo dia, mas com 5239 homens embarcados no *General Meighs*.

O Cabo Pamplona ficaria no Brasil? A guerra acabaria antes? Perguntas que só Deus saberia responder, pois quanto ao nosso pracinha só restava rezar e aceitar o seu destino.

Era uma terça-feira de 21 de novembro de 1944, e o Cabo Pamplona estava abrigado no Morro do Capistrano, na Vila Militar, no Rio de Janeiro, aguardando as próximas deliberações. Foi quando a tropa finalmente saiu do acantonamento e, por volta das treze horas, tomou um trem que os conduziria ao solitário cais do porto. Aguardaram então até o final da tarde para embarcar.

Um imenso navio de transporte de tropas americanas, o *General Meighs*, acolheria mais de quatro mil homens no que poderia ser uma viagem sem volta.



Já embarcados, a noite caía e o navio não desatracou. O Cabo Pamplona não estranhou, pois tivera instrução suficiente para saber que uma operação desse vulto deveria ocorrer sob o mais absoluto sigilo, pois qualquer passo em falso poderia comprometer a vida de todos.

O quarto escalão deveria se manter no porto ainda por todo o dia 22, no intuito de ludibriar a Quinta Coluna². Qualquer delação, e os seus corpos jazeriam eternamente nas profundezas do Atlântico. O cais estava completamente isolado. Não havia ninguém para prestigiar a partida dos bravos heróis. Nem mesmo o Presidente Getúlio Vargas, que cumprimentara o 1º Escalão antes dos navios zarparem, estivera presente para despedir-se da penúltima leva de soldados que combateria na Itália.

Foi então ao final da madrugada carioca do dia 23 de novembro de 1944, que o quarto escalão de embarque sentira o *General Meighs* desprender-se da Baía da Guanabara, carregando 4691 homens do Depósito de Pessoal da FEB.

Neste momento dramático, restava ao Cabo Pamplona dirigir-se ao convés. Contemplou o canto dos pássaros enquanto os primeiros raios de luz anunciavam um novo dia, que parecia já ter perdido o seu brilho antes mesmo da aurora.

Com ternura, avistava o porto, o Pão-de-Açúcar e o Cristo Redentor. Avistava enfim o seu amado Brasil pelo que poderia ser a última vez, e levaria aquela lembrança bem no âmago da sua alma, pois não sabia se teria outra oportunidade de viver aquele momento.

As 5 horas da manhã disatracou-se o navio: as 5,30 houve ordem para todos subirem ao convés afim de vêm a saída da Bahia de Guanabara. As 6 horas passou-se pelo Pão de Açucar, caindo em alto mar. Permaneci no convés até que os encantos da cidade maravilhosa desapareceram por completo. A emoção foi demais porém suportei (PAMPLONA, 1944, p.3-4).

² Espionagem inimiga.



Capítulo V

O CAMINHO PARA A GUERRA



O CAMINHO PARA A GUERRA

” *Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá,
as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas têm mais flores,
nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores.
[...]Não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá;
sem que desfrute os primores que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras, onde canta o sabiá!”*

Canção do Exílio (Gonçalves Dias)

Eurypedes Pamplona tratou de descer as escadarias do *General Meighs* para alojar-se. Nos quartos havia beliches com vários andares. Em cada compartimento do navio ficava uma companhia, para reforçar os laços de camaradagem e o espírito de corpo entre os combatentes de cada subunidade.

Escutando a embarcação, havia navios e aviões americanos, assim como alguns membros da tripulação que prestavam assistência durante a travessia do Atlântico. Apenas os destróieres eram brasileiros. O comboio ainda estava amparado por caça minas em cada lado, além de cruzadores protegendo a proa e a popa do navio. Para completar o apoio, a aviação rondava os céus rotineiramente.

Apesar da imensidão atlântica, o *General Meighs* estava limitado a seguir uma trilha específica, pois o mar estava traiçoeiramente minado. Qualquer mínimo desvio do percurso poderia resultar em uma explosão que terminaria com a viagem antes do previsto.

A travessia apenas começava, mas a tropa não teve muito tempo para descansar. Às quatorze horas, houve o primeiro treinamento de embarque e desembarque. Agora os soldados tinham de estar mais afiados do que nunca, pois os perigos de ataques por submarinos ou aviação inimiga eram constantes.



No decorrer da guerra, foram perdidos, por ação de submarinos alemães e italianos, 33 navios mercantes, que somaram cerca de 140 mil toneladas de arqueação (21% do total), com a morte de 480 tripulantes e 502 passageiros (PAULA, BITTENCOURT, JÚNIOR, 2010, p.287).

Ademais, em julho daquele ano, a Marinha de Guerra Brasileira já havia perdido o Navio Auxiliar *Vital de Oliveira*, torpedeado por um submarino alemão, e a corveta *Camaquã*, por fortuna do mar. No ano seguinte, ainda perderiam o *Cruzador Bahia*.

Essa tragédia foi exacerbada pelo conhecimento dos terríveis sofrimentos dos náufragos, abandonados no mar durante muitos dias, por incompreensível falha de comunicações. Três infortúnios e aproximadamente 469 mortos, sem contar os cerca de 23 falecidos em outros navios e em navios mercantes afundados, elevando o total a 492 [...]
(PAULA, BITTENCOURT, JÚNIOR, 2010, p.300-301).

Mas o nosso expedicionário, desconhecendo as dimensões de uma guerra em que o perigo pode surgir seja por terra, ar ou mar, não se amedrontou durante a viagem. O que lhe assustava mesmo era imaginar a linha-de-frente, ainda mais agora que ela mostrava-se tão próxima.

Enquanto isso, as tropas não poderiam entregar-se ao ócio, sob o risco de solapar o espírito guerreiro. E para impedir esta mazela, além dos treinamentos de embarque e desembarque, havia o horário das faxinas. Nesta atividade, todos subiriam ao convés e a equipe escalada deveria limpar os compartimentos necessários.

Quando começava a escurecer, os militares desciam aos alojamentos e fechavam as portas. A escuridão ainda era reforçada por uma cortina preta. O calor era insuportável, mas essencial. Qualquer réstia de luz que escapasse no meio da escuridão oceânica poderia atrair a pontaria inimiga.

No dia seguinte, celebrou-se a primeira missa a bordo, seguida por novo treinamento de embarque e desembarque às quatorze horas.

Nos dias 25 e 26 de novembro, o adestramento foi dinamizado com o teste dos canhões pertencentes ao próprio navio, além das outras baterias antiaéreas. Depois, os soldados foram agraciados com momentos de distrações. Curtiram então cinema, jazz e boxe para aliviar o estresse que assolava a tropa.

Na manhã do dia 27, subiram ao convés para contemplar, ao longe, o belíssimo Arquipélago de Fernando de Noronha. Em seguida, festejariam a passagem pela Linha do Equador.

A travessia do Atlânticoproseguiu sem maiores transtornos, exceto pelo enjoo que não dava trégua. Pamplona sentia muito calor, e sofria com a péssima alimentação ofertada. Além do mais, a fim de racionar recursos, o Comando fornecia apenas o café da manhã e o jantar. Em determinadas horas, a fome castigava, mas mesmo assim o enjoo tornava a comida intragável.

Todos reclamavam da alimentação, mas as saudades dos parentes e da terra natal começavam a apertar mais do que a fome. Naquele momento, a Família Lacerda Pamplona deveria estar rezando em Barreiras pelo seu retorno, enquanto o jovem Eurypedes nem imaginava em qual ponto do globo navegava. Para todos os lados, somente se avistava água.

Os dias passavam e, enquanto aproximavam-se da costa africana, as águas mostravam-se mais agitadas. No dia 1º de dezembro o mar estava assustadoramente revolto.

O frio começava a tomar conta da tripulação, e três dias depois, já se tornara insuportável. Às quinze horas cruzaram o Estreito de Gibraltar, mas o comboio seguiu para o norte. Em gratidão pela boa escolta prestada, as tropas despediram-se solenemente sob o canto da canção *“Deus Salve a América”*.

Novos navios recepcionaram o grupo brasileiro na entrada do Mar Mediterrâneo. À direita avistavam-se o Marrocos e Ceuta e, à esquerda, a Espanha. Naquele exato local, havia



uma enorme rede esticada de um lado a outro servindo de portal para impedir a entrada inimiga. Entretanto, o perigo estava quando as cordas baixavam para dar passagem a um navio Aliado, pois nada impediria que algum submarino inimigo pudesse aproveitar a oportunidade de se infiltrar.

E foi sabendo disso que o jovem Eurypedes olhou para baixo, mas a única coisa que avistara foi um tubarão a nadar solitário naquelas águas gélidas do Mediterrâneo.

Continuaram costeando a África, sempre com um caça minas abrindo o caminho pelo mar.

No dia 06 de dezembro passaram na Ilha de Sardenha e, no dia seguinte, chegaram a Nápoles, porém apenas um batalhão desembarcou. Logo mudariam de embarcação para seguirem à Livorno numa viagem em que o mar estava terrivelmente agitado, e as barcas só faltavam voar de tão rápidas.

No dia 10 finalmente despediu-se das águas. Felizmente, a viagem não teve problemas, mas nem por isso o sentimento era de alívio. Em Livorno, os horrores da guerra já eram notórios. Naquele cenário desolador, era possível avistar toda a destruição no porto, desfigurado com as carcaças de muitos navios naufragados.

Partiram da cidade no dia 11, embarcando em caminhões, e chegando ao acampamento quase duas horas depois. Mal terminaram de montar as barracas, caiu uma chuva. Estavam em pleno inverno europeu, e o frio era terrível! Um clima totalmente avesso a qualquer sensação térmica já sentida anteriormente, seja na Guanabara ou nos sertões baianos.

Em 14 de dezembro o dia amanheceu ensolarado. Pamplona recebeu autorização para juntar-se à sua turma e visitar a histórica Cidade de Pisa. Aproveitou então para conhecer a Catedral e a famosa torre inclinada, decerto uma boa distração para aliviar a perturbação que o consumia. Contudo, a sua alegria não duraria muito tempo. Não se sabe o que ocorreu por lá, mas dois dias depois houve uma rigorosa inspeção de saúde, e

o nosso cabo precisou ser baixado por “suspeita” de Sífilis, uma das mais graves doenças sexualmente transmissíveis.

O pracinha foi assim transferido para o 7º Hospital em Livorno, onde teve que se submeter a diversos exames, não demorando a iniciar o tratamento. Durante oito dias, dolorosas e geladas injeções de penicilina eram aplicadas em suas nádegas, de três em três horas. Ao todo tomou cerca de sessenta agulhadas. Esperar pelas próximas doses era uma agonia sem fim, ainda mais porque a enfermeira não atrasava um único minuto sequer, sempre respeitando o relógio que parecia correr mais rápido que o normal.

Para piorar a situação, os canhões começaram a bradar terrivelmente nas imediações do hospital. O expedicionário não sabia o motivo. Amedrontado e acamado, nada podia fazer a não ser orar e aguardar.

O frio só aumentava, o tratamento prosseguia e os primeiros sinais de melhora começavam a aparecer. Durante a noite, já podia distrair-se com um cinema para atenuar os ânimos. Porém, foi no meio da sessão do dia 23 de dezembro que se deu um inesperado blecaute. Todas as luzes desligaram-se enquanto do lado de fora troavam fortes tiros da artilharia deixando todo o hospital amedrontado, e sob um forte clima de expectativa. Naquela noite, Pamplona mal conseguiu pregar os olhos.

Amanheceu, e era véspera de Natal. As saudades de casa apertavam! A data sempre era comemorada com o aniversário de seu pai. Enquanto convalescia numa das macas, as saudosas recordações iam e vinham como num filme nostálgico. Ele precisava ser forte! Precisava sobreviver para rever a sua família. Não podia desanimar!

Pela tarde, o rapaz prestigiou um pequeno show e, à noite assistiria um outro, no entanto, cancelado por motivo desconhecido. Agora restaria apenas ir à missa da meia-noite, porém, meia hora antes foi surpreendido por um grande bombardeio,

registrado em poucas palavras no seu diário de guerra: . “foi um verdadeiro horror” (PAMPLONA, 1944, p.14).

No dia seguinte o frio continuava imperdoável, assim como a melancolia que afogava a sua alma. Mesmo assim, foi acalentado com um saboroso banquete, e um cartão de natal desejando-lhe duas coisas que muito lhe faltavam: saúde e felicidade.



Figura.6: Cartão de natal da FEB.

Fonte: Eurypedes Pamplona

Pamplona continuaria o tratamento no hospital, por vezes quebrando a monotonia entre as missas, os pequenos shows e as sessões de cinemas. Os momentos de lazer eram de suma importância para elevar o moral da tropa, pois desopilavam os combatentes, que deveriam partir mais “animados” para o *front*.

O ano novo chegou, e o nosso cabo deixou o hospital completamente curado na manhã de 04 de janeiro de 1945.

No outro dia, já estaria no Depósito de Pessoal, onde cruzou com um grande comboio que já levava muitos dos seus colegas para a linha-de-frente. Eurypedes não deixou de sentir um aperto na garganta, ao indagar se voltaria a vê-los novamente ou não.

Infelizmente, só restava aceitar a sua sina. Seguiu para a 6^a.

Companhia, onde encontrou vaga no 1º pelotão, recebendo todo o material distribuído na sua ausência.

Dois dias depois seria noticiado por um péssimo acontecimento: os inimigos aproveitaram-se covardemente de uma procissão para lançar granadas de mão e tiros de pistola contra soldados brasileiros em Santa Cruz, uma pequena cidade próxima ao acampamento. O estado dos feridos era trágico.

Mesmo que não pudesse controlar completamente o seu estado emocional, Eurypedes não queria abater-se. A guerra prosseguia e logo iniciaram as instruções do seu pelotão, que deveria seguir muito em breve para o *front*.

Os dias passaram e a proximidade do seu batismo de fogo era premente. As instruções estavam cada vez mais pesadas, assim como as marchas, cada vez mais constantes. O frio não colaborava nem um pouco e a beleza da neve já cobria completamente as barracas. Toda aquela brancura era diferente de tudo o que ele já presenciara em seus vinte e cinco anos de vida, seja em Barreiras ou no Rio de Janeiro. E certamente teria apreciado melhor a paisagem, se os canhões não troassem dia e noite.

Em 03 de fevereiro, finalmente as instruções haviam acabado e, preparados ou não, aqueles inexperientes soldados brasileiros deveriam partir para operar os seus novos armamentos na linha-de-frente.

Mas havia um pequeno problema. Ele adoeceu novamente...

Gripado e febril, Pamplona baixara novamente no dia 21 de janeiro de 1945, perdendo uma parte crucial do adestramento, como ele mesmo registrou em seu diário de guerra:

“3 – 2- 45 –

Termina as instruções do pelotão: não assistir nenhuma instrução de armamento, por motivo de doença. Ignorava por completo o funcionamento de todos. Mesmo assim, fui escalado para o front (PAMPLONA, 1945, p.18)” [os complementos em negritos são nossos].





Capítulo VI

UM BARREIRENSE NO FRONT



UM BARREIRENSE NO FRONT

“Estou cansado e enjoado da guerra. A glória não é mais que a luz do luar. Somente aqueles que nunca deram um tiro, nem ouviram os gritos e os gemidos dos feridos, é que clamam por sangue, vingança e mais desolação. A guerra é o inferno.”

General William Tecumseh Sherman

No inesquecível 06 de fevereiro de 1945, por volta do meio-dia, o Cabo Pamplona partiu do acampamento, agora como membro da 9ª. Companhia do 11º Regimento de Infantaria.

Sem instrução preparatória com os novos armamentos, o jovem resumia-se em perturbação e medo. Teria de aprender tudo praticamente na hora, perguntando a um ou outro que houvesse participado do adestramento. Nem mesmo a linda visão dos Apeninos cobertos de neve haveriam de reconfortar-lhe.

Por volta das dezenove horas chegaram na cozinha da 9ª. Companhia, onde tomaram um café para aplacar a fome. Pamplona transportava, também, uma ração fria, de que não gostava, mas deveria comer por ser a única opção.

Após deixarem a bagagem na sede da Companhia, marcharam sobre uma espessa camada de neve durante cerca de três quilômetros, em direção ao Posto de Comando (PC). Finalmente chegou ao PC do Subcomandante, onde se alojou em um quarto tomado de feno. A exaustão era tamanha que só pensava em dormir. Cada músculo do seu corpo pedia descanso, devido à grande subida à pé.

Acordou já preocupado, pensando no batismo de fogo que logo aconteceria. A preparação não parava! A tropa preparava o Teatro de Operações com a construção das fortificações casamatas³ no terreno.

³ Fortificações fechadas que poderiam abrigar pessoal, material e servir de posto de comando.



Pamplona foi escolhido para atirar na metralhadora “ponto 50”. No dia 09 de fevereiro de 45, posicionaram a sua metralhadora numa *foxhole*⁴. Entretanto, o Capitão Hugo Abreu, Comandante da 9ª. Companhia cancelou o seu tiro, por considerar a proximidade arriscada. O pracinha então retornou ao posto de comando completamente encharcado e congelado, e mesmo sob forte chuva, podia avistar o inimigo em suas posições.

Era 12 de fevereiro, e as lembranças do Brasil eram contínuas. Eurypedes não tinha certeza, mas achava ser carnaval. Entretanto, não teria muito tempo para recordações.

Às dezesseis horas, juntamente com os seus companheiros, o Cabo Pamplona recebeu ordem para tomar sua posição com a metralhadora. Ocupou, então, o novo local experimentado dois dias antes. Ele seria o atirador do trio, composto também por dois soldados que deveriam municiar a sua ponto 50.

Como se não bastasse a tensão, os cunhetes de munição eram muito pesados, e o pracinha levou diversas quedas sobre a neve escorregadia, sempre preocupado em não ser alvejado antes de chegar à posição do combate. Às dezenove horas tudo estava pronto. Esperaram a ordem de fogo.

Ia ser efetuado um golpe de mão. E, na retirada tinham que ser protegidos com grande barragem de fogos. Neste dia subiram no ingrato Belvédere 2 pelotões da 7ª. Cia, e 2 da 9ª. Cia. A meia noite iniciou a barragem de fogos. Verdadeiro inferno de fogo (PAMPLONA, 1945, p.22).

Pamplona atirou, atirou e atirou. O seu trio era apenas uma peça de toda aquela operação, mas nem por isso pouco importante. Em toda a sua campanha nos *fronts* agiria assim: ele atirava em uma área específica, e outro combatente um pouco mais longe, em nova área. A intenção era dar cobertura para facilitar a progressão da FEB, além de, claro, rechaçar o adversário. Atirava de longe, mas nem por isso corria menos perigo.

⁴ Uma trincheira menor, para abrigar poucos combatentes.

Os disparos inimigos, não raro, chegavam perto do seu abrigo, ora atingido a neve, ora metralhando alguns dos seus amigos. Um verdadeiro horror do qual jamais poderia se envaidecer! No entanto, ele tinha uma missão e precisava cumpri-la.

Os tiros prosseguiram sem parar. Barulho e fumaça para todos os lados. A Força Aérea Brasileira também disparava. Entretanto, cerca de uma hora depois a ponto 50 começou a falhar. Os três combatentes regressaram correndo ao PC para comunicar ao Subcomandante. Estar ali, longe dos fogos ainda que temporariamente, era um alívio. Porém, receberam a desagradável ordem de voltar ao *front*, para recolher a metralhadora que haviam abandonado.

O trio regressou à posição debaixo de terrível bombardeio. A artilharia também não dava trégua. Abaixar a silhueta ou jogar-se no chão era ato corriqueiro. Os tiros não cessavam. “[...] a tranqüilidade é agora tão inatingível para nós. No front, nunca há silêncio, e a sua maldição é tão extensa que estamos sempre dentro dela (REMARQUE, 2006, p.99-100).”

Só retornariam ao PC carregando a pesada metralhadora por volta das duas e meia da madrugada, quando o fogo já havia cessado. Sentia-se aliviado em estar vivo. Da 7ª Companhia todas as armas funcionaram, entretanto, de todos “os homens que cumpriram aquela árdua missão 3 não regressaram (PAMPLONA, 1945, p.23).

No dia 13 estava esgotado do seu batismo de fogo. Mas não foi apenas o trabalho de atirar, carregar pesados cunhetes de munição, arrastar a neve pelos pés e levar inúmeras quedas que o haviam sugado. Seu espírito encontrava-se tão somente alquebrado. O estresse de combate sugava as energias de uma maneira inexplicável. Mas ele jamais poderia pensar em parar. Era guerra! E embora estivesse lutando por causa de uma população ingrata, que pedira o combate e o esquecera, a sua vida estava em jogo, assim como os ideais de liberdade e democracia no mundo.

“E, assim foi o meu carnaval de 1945: enquanto outros dan-



savam e bebiam alegremente eu fazia somente isto” (PAMPLONA, 1945, p.23).

Os dias sangrentos prosseguiram, intercalados por ataques fulminantes e alguns momentos de descanso.

Mesmo nos depósitos mais afastados, nos acampamentos de repouso, o zunido e o ribombar abafado do fogo chegam sempre aos nossos ouvidos. Nunca estamos suficientemente longe para deixar de ouvi-los (REMARQUE, 2006, p.100).

Em 20 de fevereiro, após os brasileiros já terem debilitado o inimigo, foram substituídos pelos americanos no morro do Belvédere, que completaram o ataque e a expulsão dos alemães. A 9ª. Companhia concluíra a missão em segundo escalão⁵.

Enquanto Pamplona observava os prisioneiros, recebeu com alegria as primeiras cartas da sua mãe, Bela, e da prima Dora, trazendo notícias de todos em perfeita saúde.

A missão em Belvédere estava praticamente cumprida. Podia ser que sentisse um pouco de alívio, mas ao final da tarde seria tomado por revolta, frustração e medo:

por ver um reboque de Jeep, lotado apenas de cadavares de Americanos. A contrariedade abafou-me pois sabia que aquela hora sangue brasileiro também corria sobre o falado, e histórico Monte Castelo (PAMPLONA, 1945, p.24).

Não raras vezes, Pamplona sentava-se aflito na estrada, observando aqueles caminhões passarem repletos de corpos ensacados. Embora não gostasse da depressão que apertava o seu peito, sempre imaginava angustiado se, em breve, não estaria entre os mortos.

No dia seguinte, a sua Companhia seguiu para Gagio Montano, no intuito de prestar apoio, também em segundo escalão,

⁵ De prontidão à retaguarda, em condições de ser empregada caso a tropa em combate, no caso os americanos, fracassassem.

às tropas brasileiras que lutavam em Monte Castelo. Foi neste mesmo dia que os seus compatriotas, após meses de investidas e muitas dificuldades, tomaram a região da batalha mais renomada da história da FEB.

Tal fato na época, se constituiu no maior desafio da tropa brasileira. Logicamente, o Monte Castello, está situado próximo a Bolonha, cerca de 60 quilômetros, um baluarte alemão que compunha a Linha Gótica, fortemente armada, com mais de 200 mil minas terrestres, além dos fossos anti tanques, e os fortins guarnecidos por atiradores de elite.

[...] Da parte brasileira, foram necessárias 5 tentativas para a conquista do local, tudo sendo iniciado em novembro de 1944, com tropa “fresca” e mal preparada.

(Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/o-filme-a-montanha-de-vice-ferraz/>> Acesso em: 08 dez. 2014.)

Apesar da vitória, não havia sossego. A estrada era iluminada por uma barulhenta artilharia que não parava.

Os Aliados ocuparam a montanha, conhecida como Fantasma pelos brasileiros. Pamplona ficara perplexo com a magnitude e o refinamento das casamatas alemãs, verdadeiras fortalezas posicionadas em locais estratégicos da serra, cuja visão permitia observar toda a região abaixo. Ele não pôde deixar de imaginar quanto sangue brasileiro escorrera sobre aquele monte para que a posição pudesse ser tomada, através de perigosas investidas pelos febianos, executadas mediante desvantajoso avanço de baixo para cima.

Enquanto isso, os americanos consolidavam a vitória mantendo geradores de fumaça, ocultando assim a visão da ponte de Porreta, única passagem inimiga em direção ao morro.

Os dias passaram e o Cabo Pamplona permanecia nas operações de guerra, avançando vitoriosamente sobre as tropas nazistas, mas sempre permeado por dificuldades e afrontado com a morte a visitar os seus amigos da Força Expedicionária Brasileira.

No início de março foi à Pistóia, a serviço da Companhia.



Apesar de ter gostado do lugar, a cidade já estava bastante surrada, em decorrência do conflito.

Aproveitou para reverenciar, no cemitério local, os brasileiros mortos no cumprimento do dever. Brasileiros que haviam deixado para trás os seus pais, talvez ainda nem cientes da desgraça que lhes acometeram ou, quem sabe, agora eram pais que já choravam as suas mortes, lamentando não terem condições para prestar as devidas homenagens diante dos túmulos.

Pamplona orou pelas almas dos seus irmãos de farda. Esperava que Deus confortasse aquelas famílias, agora despedaçadas pela ausência eterna dos seus filhos. Neste momento angustiante, acometeu-se mais forte pelo desejo de retornar para rever a família, ainda mais que não se viam havia seis anos. Ele tinha que sobreviver para poder dar o mais forte dos abraços em seus pais, oportunidade que não tivera quando saíra de casa em 1939, afirmando que voltaria em breve.

Sem muito tempo para emoções, dois dias depois o expedicionário regressou à linha-de-frente.

Em meados de abril, a Companhia foi transferida de Monte Castelo para o *front* de Montese. Às nove e meia do dia 14, a sua tropa começou o ataque!

Enquanto a Infantaria avança a artilharia nossa, faz a cobertura. O front ficou transformado em verdadeiro inferno de fogo e fumaça. O morro que fica na frente de Montese desapareceu totalmente. A olho nú apreciávamos o bombardeio parecia rebentar granada em todo morro apenas com 1 metro de distância uma da outra. Além da artilharia nossa aviação também tomou parte no ataque. A 10^a. Cia de montanha Americana também avançava a nossa direita. As 14 hs. minha Cia. ocupou o objetivo e, feito 6 prisioneiros; tendo perdido 2 homens sendo 1 morto e outro ferido (PAMPLONA, 1945, p.27-28).

Neste combate, Pamplona permanecia na sua *foxhole* com os dois soldados a municarem a sua ponto 50. O cansaço aperta-

va, e a fome também. Toda a alimentação era distribuída pela madrugada, para que o inimigo não identificasse movimento algum na escuridão. Durante a manhã e a tarde, deveriam comer as horríveis rações frias, pois não havia chance de entregá-las em segurança sob a luz do dia.

De todas as batalhas em que lutou, Montese foi a mais terrível. “Foi o mais sangrento combate da FEB, com 574 baixas entre mortos e feridos. O III Grupo de Artilharia deu em Montese 9 mil tiros (BLAJBERG, 2008, p.136)”. Em contrapartida, os brasileiros também sofriam com a artilharia alemã. Em cada disparo, jogavam-se rapidamente no chão, protegendo os rostos dos estilhaços que poderiam ceifar muitas vidas.

O morro estava completamente iluminado por pistolas sinalizadoras, para facilitar a mira. Apesar da conquista do baluarte no dia 14, ainda persistiam alguns focos de resistência. “Depois de 36 horas de combate renhido a Cia. é rendida: não foi possível ocupar o objetivo final. Houve na Cia. 45 baixas sendo 5 mortos e o restante feridos graves e, leves” (PAMPLONA, 1945, p.28).

Na madrugada do dia 16, desceria com os seus soldados em direção a cozinha. A fome maltratava, e eles precisavam alimentar-se. No trajeto caíram muitas granadas de artilharia. A cada disparo, novamente Pamplona jogava-se no chão cobrindo o rosto, até chegar ao seu destino sem nenhum ferimento.

Receberam 24 gloriosas horas de descanso, que passaram ligeiramente. Retornaria ao *front* no dia 18, mas agora em segundo escalão num local triste, horrível e de difícil acesso.

A estrada estava completamente minada, e sob as vistas inimigas. Tiveram que seguir a pé. No caminho, avistaram um jipe completamente destruído por uma mina, além dos corpos sem vida de dois brasileiros que transportavam munição para o combate, lançados ao longe pelo impacto da explosão. “As minas alemãs custaram a FEB um grande número de vítimas, entre mortos e mutilados (BLAJBERG, 2008, p.138)”.



No outro dia, a 9ª. Companhia recebeu a missão de ocupar Modna, mas o inimigo já havia retirado-se. Continuaram, então, a progredir em cima dos caminhões, até onde encontrassem resistência inimiga.

Durante esta marcha pela expulsão dos nazistas do norte da Itália, os nossos soldados brasileiros passaram por diversas cidades, sempre recebidos entusiasticamente com flores e aplausos. O avanço da FEB no conflito era notório. Os alemães já não tinham mais condições ideais de combate, e recuavam. O sentimento de que a guerra estava acabando era vigente, mas a deprimente visão dos estragos também era explícita.

Quando o pracinha percorreu a cidade de Zocca, por exemplo, encontrou-a completamente destruída. Os cadáveres soterrados nos escombros exalavam um péssimo odor. A sensação era de impotência diante de tamanha desgraça. Mesmo abatido, o comboio teve que passar rapidamente, um por um, para não sofrer qualquer incidente, até estacionar em Escandiano por volta das dezessete horas, permanecendo naquela região por mais dois dias.

Após mais viagens pela conquista do terreno, na tarde de 26 de abril surge a notícia de que a guerra havia acabado. Não havia nada confirmado, mas o clima já era de alegria. À noite, chegaram em Quatro Castelo, onde dormiram para partir no início da tarde seguinte.

Chegaram em Arola por volta das dezessete horas, e os boatos de término da guerra continuavam. “Em toda cidade ou lugarejo que chegávamos tínhamos notícias que os alemães tinham deixado aquela cidade a poucas horas, em retirada” (PAMPLONA, 1945, p.32-33).

Partiram de Arola em 1º de maio, e passaram por diversos lugares, como Ociminiano e Valenza. No dia 04, em Alexandria, finalmente receberam as mais esperadas notícias: Hitler havia suicidado-se. O Comando das forças alemãs na Itália havia ren-

dido-se desde o dia 02 de maio. A guerra da Força Expedicionária Brasileira havia acabado!

Eurypedes Pamplona foi tomado por um sentimento de alívio total! Mal dava para acreditar que estava vivo e retornaria para casa em breve. O seu corpo não estava mutilado, e ele não teria mais que pegar em armas, e nem lutar no que considerava uma estupidez humana.

Saboreando a vitória, o Cabo Pamplona posaria com os bravos guerreiros da 9ª. Companhia do 11º Regimento de Infantaria, para celebrar um dos momentos mais marcantes da sua juventude.

Em 07 de maio de 1945 foi assinado o Tratado da Rendição Alemã em Reims, ratificado no dia seguinte em Berlim, motivo pelo qual o Exército Brasileiro celebra anualmente o 08 de maio como o Dia da Vitória.

A sensação de paz e redenção era contagiante. “Todos contentíssimos pela boa notícia do término da guerra, e, animados para regressar ao querido Brasil que parece ser muito breve” (PAMPLONA, 1945, p.34).





Figuras.7 e 8: *Eurypedes Pamplona; e a 9ª Cia, no dia 04/05/1945.*
Na fileira central, o 5º da esquerda para a direita é o Capitão Hugo Abreu.
Agachado, o 1º da esquerda para a direita é o Cabo Pamplona.
Fonte: Eurypedes Pamplona



Capítulo VII

O REGRESSO



O REGRESSO

*“ Um dia a areia branca seus pés irão tocar,
e vai molhar seus cabelos a água azul do mar,
janelas e portas vão se abrir pra ver você chegar,
e ao se sentir em casa, sorrindo vai chorar!
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos,
uma história pra contar de um mundo tão distante.
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos,
um soluço e a vontade de ficar mais um instante! ”*

Debaixo dos Caracóis (Roberto Carlos & Erasmo Carlos)

Não regressaram breve.

Durante algum tempo, os pracinhas ficaram aquartelados a cerca de três quilômetros do centro de Alexandria, em um antigo local fascista. Agora sem mais preocupações, os novos heróis aproveitaram para passear bastante pela cidade e, por onde passavam, eram sempre bem recebidos por toda a população italiana como os grandes salvadores da pátria.

No dia 19 de maio, houve uma formatura na Praça Garibaldi. As bandeiras nacionais brasileiras e americanas foram hasteadas juntas, no mesmo mastro, simbolizando a aliança que resgatara a Itália das forças nazistas. Na ocasião, estavam presentes todos os generais brasileiros, e alguns americanos.

A banda de música da FEB tocou o hino das duas nações amigas. “Foi um momento patriótico saudoso e orgulhoso para todos da F.E.B. Vários oficiais, e praças foram condecorados nesta formatura” (PAMPLONA, 1945, p.35). Por fim, encerraram a solenidade com um glorioso desfile.

Toda a FEB esperava o embarque definitivo para o Brasil, que novamente seria realizado por escalões.

Em meados de junho começaram os preparativos após ru-



mores de que logo iriam embarcar. Todos ficaram entusiasmados, entretanto, o alarme era falso. A FEB ainda teria que ficar em solo italiano por um bom tempo. Provavelmente porque os brasileiros não eram os únicos incorporados nos Exércitos de Campanha Estadunidenses. Muitas tropas que se uniram aos americanos para prestar apoio, como as canadenses, neozelandesas e indianas, também precisavam regressar às suas nações.

Além disso, outras preocupações maiores assolavam os americanos: as suas tropas ainda estavam em guerra contra o Japão! Mas os febianos não se preocupavam. Sem quaisquer chances de vitória, as tropas japonesas agonizavam, e não se rendiam apenas para honrar uma forte tradição samurai: a de jamais entregar-se!

Apesar da longa espera, Eurypedes não queria abater-se. Tudo estava em paz. Ironicamente, a Itália passou de perigosa a ponto turístico, ainda que carregasse em suas feições as pesadas marcas do conflito.

O Capitão Hugo Abreu não se importava com o passeio desenfreado dos seus homens. A FEB havia organizado um rodízio para que os expedicionários pudessem conhecer o país de forma segura, liberando um grupo por vez. Mas depois de tanto sofrimento no *front*, o capitão contrariava as ordens superiores e liberava os subordinados para viajar clandestinamente, contanto que não fizessem besteira e voltassem a tempo para o embarque, que ainda não tinha data. Tudo tinha que ocorrer na surdina, pois, caso as autoridades descobrissem, ele seria obrigado a notificar as ausências dos soldados aos seus superiores. Alguns preferiam não arriscar, mas Pamplona foi um dos desobedientes que não aderiram ao rodízio. Depois de presenciar tantas atrocidades, espairar na Itália deixou de ser um luxo para se transformar em uma necessidade.

Primeiramente, conheceu Torino e Gênova, belíssimas por uma lado, mas destruídas por outros. Reconstruí-las certamente seria um tremendo desgaste. Também visitou Milano e Bologna, esta última em estado lastimável. A estação onde tomaria o trem re-

duzira-se a escombros. Desembarcaria em Roma, jantaria e seguiria viagem para, na véspera de São João, chegar às cinco da manhã em Esparanise, onde regressou ao acampamento num caminhão.

No dia 26 de junho, Eurypedes pegaria um trem a caminho de um sonho. Partiu para Roma à noite, com os seus amigos Gomes e Luiz.

Chegamos no dia seguinte as 5 da manhã. passei bastante. Ao meio dia achava-me no Vaticano, onde recebi diretamente a benção do Papa Pio XII, e beijei o seu anel. Para mim foi o momento de grande satisfação e emoção.

29-6-45-S.Pedro

Ainda em Roma assistir missa na Basílica de S. Pedro para mim foi uma grande satisfação. (PAMPLONA, 1945, p.39).



Figura.9: *Um amigo e o Cabo Pamplona, passeando no Vaticano.*

Fonte: Eurypedes Pamplona.



Pamplona ainda conheceu uma Cassino completamente destruída. Posteriormente, esteve em Torre Annunziata e Pompéia, aproveitando para ver de perto o histórico vulcão Vesúvio, cuja erupção varreu a cidade em 79 d.C.

O mês de agosto começou, e ele ainda estava na Itália. A própria guerra acabou definitivamente no dia 09 daquele mês, após o lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, pulverizando milhares de japoneses numa fração de segundo. Anos depois, chegaria a Eurypedes a notícia de que o *Enola Gay*, avião responsável por lançar a primeira bomba, chegou a pousar em Barreiras. Uma informação até hoje controversa.

Naquela mesma noite, Pamplona partiu para Roma em um trem especial militar. Foi visitar o antigo Foro Mussolini, transformado em Hotel do V Exército Americano, onde saboreou seis dias de glória. Aproveitou para deleitar-se em boas piscinas, bares, danças ao ar livre e orquestras diárias. O local, com os seus prédios, estádio e estátuas em mármore era de uma beleza inigualável!

Visitou ainda as catacumbas de São Calixto, São Sebastião, além de diversas igrejas célebres. Subiu de joelhos a escada santa, cujos degraus foram galgados por Jesus Cristo durante o seu julgamento há quase dois mil anos, e foram levados à Itália por obra de Santa Helena. Conheceu o Coliseu, o Fórum Romano, o Palatino e todos os pontos turísticos que exaltavam os gloriosos tempos do Império Romano.

Seus últimos dias na Itália foram assim: entre a luz do turismo que exaltava um passado distante, e as trevas de um conflito que exalava um passado recente.

Felizmente, raiou o grande dia! Era uma manhã de 4 de setembro quando a tropa saiu de Francolise, chegando ao porto de Nápoles após as onze horas.

O *General Meighs* estava imponentemente atracado no porto, como um sobrevivente de guerra, vitorioso e pronto para levar

de volta para casa os homens que tanto rezaram pela sua integridade.

Não demorou muito, e o navio despediu-se da costa italiana.

Ao final da noite do dia 6 de setembro, passaram pelo Estreito de Gibraltar, agora sem mais temerem submarinos indesejáveis. Já no outro dia, os pracinhas celebraram a Independência do Brasil, sentindo que, agora mais do que nunca, estavam livres!

Voltar para casa gerava uma sensação inexplicável. Regressavam vitoriosos! O sentimento de realização era imenso. Não havia mais consternação ou medo sobre as águas do Atlântico. Agora tinham liberdade para perambular à vontade pela embarcação. À noite, ficavam no convés até a hora que bem entendessem. Não precisavam mais se camuflar na escuridão. Não havia mais perigo. As luzes do navio criavam uma atmosfera mágica para os diversos festejos realizados, marcados por músicas, jogos e piadas contadas para amenizar o sofrimento na Europa.

A manhã de 17 de setembro apenas despontava, quando um megafone anunciou a tão aguardada entrada pela Baía da Guanabara. Os gritos de alegria instantaneamente ecoaram pelos corredores! A euforia foi geral! Muita correria em direção ao convés. Pamplona subiu as escadas em desabalada carreira para assistir ao espetáculo: dezenas de navios e embarcações em festa acompanhavam o *General Meighs*, soltando fogos e dando as boas-vindas a mais uma leva de heróis que regressava à sua pátria.



Figura.10: O *General Meigs* regressando ao RJ.

Fonte: *Eurypedes Pamplona*.

A visão do Pão-de-açúcar não deixava mentir: era mesmo a Cidade Maravilhosa!

Um impressionante espetáculo. Eu no convés apreciando toda aquela manifestação mas, tão emocionado que não me parecia ser verdade e, sim um sonho.

Os fortes, saudaram com os seus grossos canhões atirando-os igualmente o *General Meigs* que não deixava de ser uma fortaleza flutuante (PAMPLONA, 1945, p.45-46).

O cais do porto já estava completamente tomado por familiares e admiradores. Por volta das dez e trinta, os febianos receberam ordem para desembarcar. Estacionaram na Avenida Rodrigues Alves até o meio da tarde, quando então começou o garboso desfile que, passando pelas Avenidas Rio Branco e Getúlio Vargas, iria até a Praça Mauá, ovacionado pela multidão.

Foi um delírio da massa humana que ali se encontrava desde cedo, esperando a hora de rever os seus entes queridos. Por fim não foi possível desfilar mais em ordem o povo invadido os cordões de isolamento afim de abraçar os expedicionários parentes ou, qualquer um (PAMPLONA, 1945, p.46).

Enquanto Pamplona marchava, algum conhecido gritou o seu nome. Não pôde ver quem era. A multidão era assustadora e ele estava profundamente emocionado! Ele estava vivo! Ele estava de volta!

Os soldados seguiram para a Central do Brasil, onde trens já esperavam para conduzírem-nos à Vila Militar. Foram aqui recepcionados pelas corporações ali existentes, todas posicionadas em forma e distribuídas ao longo de todo o trajeto, para honrar a passagem triunfal da mais nova geração de veteranos de guerra do Brasil.

A tropa rumou para os alojamentos no Morro Capistrano de Abreu, mesmo local de onde partiram há quase um ano para o combate. Ironicamente, os mesmos portões da saída dramática agora se abriam para a chegada gloriosa de muitos brasileiros, mas infelizmente não para todos. Ao todo, morreram 463 militares da FEB, 8 pilotos da Força Aérea, e cerca de 2000 voltaram gravemente feridos e mutilados da Segunda Guerra Mundial.

Eurypedes passou os seus últimos dias no Exército tratando da parte burocrática. Antes porém, perguntaram quem desejava permanecer na Força, mas o nosso pracinha negou-se. Por mais que admirasse o Exército Brasileiro, o jovem Pamplona presenciara muita destruição, dor, sofrimento e morte nos campos de batalha da Itália. Agora, apenas desejava esquecer tudo o que acontecera e retomar à vida paisana tranquilamente.

O jovem aguardou então o trâmite da documentação, até ser oficialmente licenciado do Exército em 30 de setembro de 1945, conforme consta no seu Certificado de Reservista de 1^a.



Categoria, assinado pelo Coronel Delmiro Pereira de Andrade.

No dia seguinte, encerraria o seu Diário de Guerra, feliz, e carregando por toda a vida detalhes de uma nefasta experiência que ficaria trancada em seus escritos, talvez numa esperança frustrada de apagá-la da memória.

1º de Outubro de 1945

Finalmente fui licenciado ficando assim terminado êste grande período de ingratidão. Hoje rendo mil graças ao bom Deus, e, rogando que jamais faça-me voltar as fileiras do nosso glorioso Exército. Adeus companheiros adeus farda.

Rio de Janeiro 1º de Outubro de 1945

Cabo nº 7294

Eurypedes Lacerda Pamplona (PAMPLONA, 1945, p.48).

D. R. 1.º S. C. B. Nº 11586
 MINISTERIO DA GUERRA
 FORÇA EXPEDICIONARIA BRASILEIRA
Certificado de Reservista de 1ª Categoria
Certifico que o
 CABO - EURYPEDES LACERDA PAMPLONA 10-705-677
GRADUAÇÃO NOME
 da classe de MIL EUCEDIMTO e DEZEMOTE, nascido em
ANO
 BARREIRAS - ESTADO DA BAHIA
MUNICIPIO E ESTADO
 filho de MANOEL NESETAS PAMPLONA serviu no
NOME DO PAI
TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITALIA
 no período de 7 de DEZEMBRO de 1944 a 4 de SETEMBRO de 1945
DATA
 incorporado a o 112 REGIMENTO DE INFANTARIA
UNIDADE FORMIÇÃO DO ESTABELECIMENTO
 tendo sido licenciado do Serviço Ativo
 no dia 30 de SETEMBRO de 1945, ingressando na
Reserva do Exército Nacional
 Rio de Janeiro, 30 de SETEMBRO de 1945
 Delmiro Pereira de Andrade
COMANDANTE

Figura.11: Certificado de Reservista de 1ª Categoria.
 Fonte: Eurypedes Pamplona.



O ÚLTIMO LACERDA PAMPLONA



O ÚLTIMO LACERDA PAMPLONA

*“ Tudo estava igual como era antes, quase nada se modificou,
acho que só eu mesmo mudei... E voltei!
[...] Meu retrato ainda na parede, meio amarelado pelo tempo,
como a perguntar por onde andei, e eu falei:
onde andei não deu para ficar, porque aqui, aqui é meu lugar!
eu voltei pras coisas que eu deixei. Eu voltei! ”*

O Portão (Roberto Carlos & Erasmo Carlos)

Nosso expedicionário tencionava voltar à Costa Pacheco, a loja de tecidos e armarinho em que trabalhava à época da convocação. No entanto, antes necessitava abraçar a sua família e com eles comemorar que estava vivo e vitorioso. Eurypedes já não se aguentava mais de saudades da sua terra natal, que não pisava há quase sete anos.

Naquele outubro de 1945, informou o seu desejo aos responsáveis pelo estabelecimento, pedindo para o reaverem quando regressasse ao Rio de Janeiro, pois se afastaria alguns meses para tentar superar as mazelas vivenciadas. O dono da loja prontamente cedeu, afinal, ele não era qualquer um: era um herói da guerra!

O aeroporto de Barreiras, que inclusive funcionara como base aérea durante as hostilidades, esteve em construção de 1937 a 1940. Agora finalizado e funcionando a pleno vapor, seria o portal que o levaria de volta para casa.

Pamplona chegaria à cidade em um inesquecível 03 de outubro de 1945.

Do aeroporto, tomou a carroceria de um caminhão que desceu a precária estrada da Serra da Bandeira, em direção à Barreirinhas. De lá, subiu num ajoujo⁶ e atravessou o Rio Grande para se deparar com um cais abarrotado de gente, festejando o seu retorno.

⁶ Embarcação híbrida de balsa e canoa, típica das regiões Nordeste e Centro-Oeste.



Os mais antigos diriam que nunca tinha havido, até aquele momento, uma recepção no porto tão grandiosa como aquela. Gente que ele conhecia, gente que ele não conhecia... Toda a cidade sabia que Eurypedes Pamplona tinha ido para a guerra, e queriam homenageá-lo.

Houve mais recepção na lotada Igreja São João Batista. A todo o momento, Pamplona era reverenciado como o herói da cidade! Um barreirense que além de ter ido para a Europa, lutou e arriscou a sua vida para defender a nação.

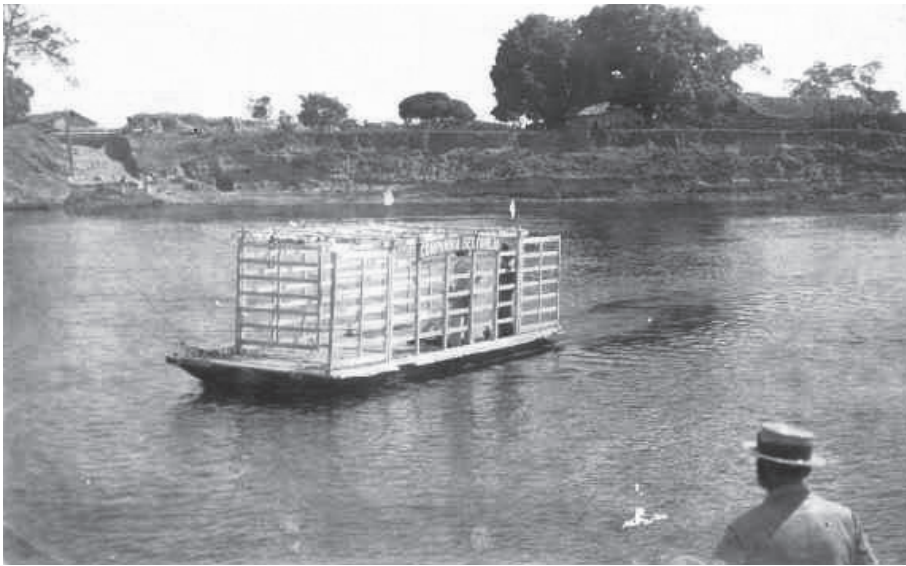


Figura.12: *Ajoujo, transporte outrora comum para realizar a travessia entre a Barreirinhas e o cais.*

Fonte: <<http://www.historiadebarreiras.com/rio-grande/ligacao-entre-barreiras-e-barreirinhas-por-ajoujo-decadade-1930/>>. Acesso em 01 set. 2014.

O herói aproveitou intensamente aqueles três meses junto a sua família. Depois de sobreviver a mais catastrófica de todas as guerras, nada era mais reconfortante que estar em casa e sentir o velho aconchego do lar: os mimos da mãe, a admiração do pai, a deferência dos irmãos e o carinho das irmãs. Mas ainda assim... Ele jamais seria o mesmo...

Nunca se sabe onde o destino vai te levar [...] é estranho você voltar pra casa. Parece igual o mesmo cheiro... a mesma sensação [...] você percebe que quem mudou... Foi você! (O CURIOSO caso de Benjamin Button. Direção de David Fincher. Estados Unidos da América: Warner Bros, 2008. 1 DVD. 166 min.)

Todavia, agora mais do que nunca, ele sentia que a guerra acabara. O pior conflito da história trouxe um desastroso saldo de 55 milhões de mortos, 35 milhões de feridos, 20 milhões de órfãos, e 190 milhões de refugiados. Contudo, ele estava ali, vivo, sem nenhum pedaço a faltar-lhe, com o sentimento de dever cumprido, e ao lado dos que mais amava. Era como se houvesse nascido outra vez.

Agradecer a Deus era pouco, embora os traumas fossem muitos. Traumas que iriam acompanhá-lo pelo resto da vida. Mais velho, indagar-se o porquê de ter voltado. Será que realmente merecia isso? O que seus amigos pecaram para cair em combate, e ele não? Não havia como culpar Nosso Senhor.

Embora seja difícil precisar a responsabilidade por sua eclosão, a guerra é comumente vista como uma atividade desencadeada pelos homens, mais do que um castigo de Deus ou uma obra do diabo (WRIGHT, 1988, p.3).

Os conhecidos sempre iam visitá-lo, ou convidá-lo para uma refeição. Havia uma parte muito chata nisso tudo. Todos estavam ansiosos para saber as minúcias da guerra! Eurypedes não gostava nem um pouco de recordar aquela imbecilidade humana, que de humana nada tinha. Eram lembranças tristes, amarguras que teimavam em não lhe deixar esquecer, por mais que ele des conversasse, ou tocasse o mínimo possível nos detalhes.

A guerra conferiu renome ao pracinha, e uma aura de celebridade. Mesmo assim, ele não sentia um pingão de orgulho em ter ido ao *front*.



O apocalipse provocado pela brutalidade generalizada do mais sangrento e maior conflito armado que o mundo presenciou marcou uma época para sempre e deu início a uma nova fase na história do planeta.

A Segunda Guerra Mundial apresentou a mais cruel face das tragédias humanas. Transformou mais da metade do mundo em lugar de sofrimento. O conflito maltratou, humilhou, paralisou, apavorou e matou. Consigo trouxe doenças, fúria, ódio, destruição, luto, agonia, fome e destruição. Honra e desonra, juntas, lutavam para ver quem se sobressaía. O medo, indesejado, habitava os corações de homens, mulheres, crianças e idosos. (Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/2a-tenente-enfermeira-alice-neves-maia/>> Acesso em: 01 set. 2014.)

Passados alguns meses, Eurypedes voltou para o Rio de Janeiro, onde viveu por dois anos sem ascender profissionalmente, sob gastos muito regradados. Apesar do diploma do primário ter sido suficiente para muitos barreirenses prosperarem em cargos importantes, sobretudo aqueles instruídos pela Professora Guiomar Porto, o máximo que o jovem conquistou foi a conclusão do curso de cabo. Sem sucesso, decidiu então regressar definitivamente a Barreiras.

O herói havia feito uma economia na FEB. Resolveu então se dedicar ao comércio, levando toda a sorte de “bugigangas” para revender em sua terra natal. Nesses processos de compra e revenda, manteria ainda por muito tempo ligações com a Cidade Maravilhosa.

O trabalho era longo, e a viagem mais curta do que em outros tempos. Para não pagar caro, despachava as bagagens nos vapores, mas voltava de avião. O lucro era considerável e certamente proporcionava uma melhor qualidade de vida.

Após mais vinte anos de trabalho, suas economias quintuplicaram, e ele aposentou-se pelo INSS em 1968, passando a receber um salário mínimo. Mesmo assim, o pracinha não sossegou as energias, e arrumou um emprego como tesoureiro na CODEVASF, onde trabalhou por mais 22 anos.

Após muitas décadas do pós-guerra, Pamplona passou a gozar da aposentadoria de ex-combatente, que lhe rende hoje mensalmente o soldo de 2º tenente das Forças Armadas. Um benefício que só viria à tona depois de muito tempo, quando grande parte dos expedicionários já haviam morrido.

Entretanto, a sua história de vida não se resume a isso. Muitos fatos importantes aconteceram neste meio tempo.

Conheceu a Srta. Enoy Barreto no ano de 1951.

A jovem barreirense nasceu em 26 de março de 1928 e residira na fazenda dos seus pais, depois do Arraial da Penha, no povoado de Buracão. Ainda no primário mudou-se para Barreiras no intuito de estudar.

Passados alguns anos, os dois conheceram-se e apaixonaram-se.

Começaram a corresponder-se por cartas. Ele em Barreiras e ela na Barra/BA, onde Enoy formou-se no Colégio Santa Eufrásia, em 1952. Os dois noivaram na fazenda dos seus pais, na mesma festa que também celebrou a formatura da moça.

Agora de volta a Barreiras, Enoy trabalharia a vida inteira como professora. Primeiro, na Escola Estadual da Penha; depois no Oswaldo Cruz; de lá para o Grupo Escolar Dr. Costa Borges; e por último no Colégio Antônio Geraldo, onde se aposentou.

No ano de 1954, com o dinheiro arrecadado no comércio, Eurypedes arrematou em um leilão a sua atual casa na Rua Ruy Barbosa, número 369.

Casaram-se no memorável crepúsculo de 4 de junho de 1955, na Igreja São João Batista. Tiveram a maior alegria das suas vidas em 5 de julho de 1956, quando nasceu a pequena Êda Barreto Pamplona.

Em 5 de agosto de 1957 viria o segundo e último filho do casal, Everson Barreto Pamplona.

No futuro, Êda dar-lhes-ia três netos: Tiago, Bárbara e Ra-

fael Pamplona Sampaio. Everson dar-los-ia Vanessa e Marcelo Passos Pamplona.

A geração seguinte veio, até o presente momento, com os bisnetos Pedro Augusto, filho da Vanessa; e Marcelo, filho de Bárbara.

Mesmo aposentado e empregado, Pamplona resolveu sanar seu déficit escolar, voltando aos estudos. Em 1974, granjeou o certificado de conclusão do 1º grau, por meio de exames supletivos realizados na antiga Escola Polivalente de Barreiras, atual Colégio da Polícia Militar Professor Alexandre Leal Costa. Em 1989 concluiu o ensino médio, por ter sido aprovado em Exames de Suplência de Educação Geral, conforme certificado expedido pela Escola Estadual Professor Folk Rocha.



Figuras.13 e 14: Diploma; e Medalha de Campanha.
Fonte: Eurypedes Pamplona e Tenente Pinheiro.

Mas foi no ano de 1963 que o expedicionário seria agraciado, em casa, com um presente da FEB: a Medalha de Campanha “por ter, como integrante da Fôrça Expedicionária Brasileira, participado de operações de guerra na Itália”, conforme consta no diploma da condecoração, assinado pelo Secretário do Ministério da Guerra, General de Brigada Floriano da Silva Machado.

Mais do que uma insígnia honrosa e a despeito dos sofrimentos vivenciados, a medalha era uma lembrança de luz, uma lembrança de vitória e, principalmente, uma lembrança de vida! Entretanto, naquele mesmo ano a morte bateu na sua porta. Sofreria a sua primeira grande dor ao perder o pai, Manoel Pamplona, já em idade avançada. Três anos depois, faleceria a sua mãe, Arlinda Pamplona, ceifada por um câncer de mama.

Devido aos tremendos meses de bombardeios e tiros intensos que zuniram sobre a sua cabeça na Segunda Guerra Mundial, Eurypedes certamente foi o Lacerda Pamplona que por mais vezes esteve a um triz da morte. Ironicamente, viveu tempo suficiente para ver todos os seus irmãos morrerem.

Wálter, Perolina, Belinha (Isabel), Maroca (Maria), e Agenor... Todos partiram um por um! Já o caçula, Waldir, foi embora de Barreiras. Migrou para São Paulo, constituiu família e é certo que lá viveu e morreu, mas ninguém hoje sabe precisamente onde, como ou quando.

A dor das perdas enfraquecia a sua alma. Sua família resumia-se, então, a esposa e filhos. Era o último Lacerda Pamplona numa Barreiras que já se mostrava completamente diferente.

O tempo passou, e os poucos cabelos grisalhos já estão completamente alvos. Os filhos cresceram, os netos nasceram, os bisnetos também, e os seus primeiros amigos já se foram. A sua antiga Barreiras agora não passa de meras reminiscências. Os anos lhe tiram a vida paulatinamente, mas ele permanece, lembrando com ternura da juventude numa saudade sem fim.

Os espaços da cidade cresceram, e as distâncias reduzi-



ram. Tudo agora se tornara perto. Onde havia apenas fazendas e gado, surgiram casas e mais casas, formando bairros e mais bairros que ampliaram o perímetro urbano.

O ancião recorda os inesquecíveis carnavais com blocos e bailes, hoje praticamente extintos pelos trios elétricos que roubam a cena em avenidas que à sua época nem existiam.

Ainda consegue ver as pessoas andando pelas ruas e calçadas livremente, correndo animadamente às portas para ver o Tiro de Guerra e as orquestras desfilarem. Hoje, cada espaço é milimetricamente delimitado pelo asfalto, e os pedestres indiferentes a qualquer barulho, atentos apenas aos carros que os empurram às calçadas.

Lembra os banhos no Rio Grande, as navegações e o comércio no porto. Agora, resta apenas um cais parado, com jovens embriagados e drogados que ignoram a sua história.

A cidade pacata, das portas abertas e pessoas amistosas, agora cede espaço à violência e a criminalidade, que trancafiam os moradores dentro das suas próprias casas.

Tudo se mostra tão longe, como se estivesse numa segunda vida... As únicas lembranças que lhe parecem recentes são os roncões dos canhões, e os ataques da aviação cujo barulho das hélices até hoje lhe assustam. Ainda pode ouvir os fuzis zunindo, e fechando os olhos vê amigos que teimam em ser trucidados na sua frente. A imagem dos corpos amigos caindo estatelados no chão, cobertos de sangue e sem brilho no olhar, foram as lembranças mais dolorosas que ele carregou em 99 anos de existência.

Entretanto, já no ano do seu centenário, mais especificamente na ingrata quinta-feira de 03 de janeiro de 2019, seria dilacerado pela triste notícia da morte repentina do seu filho Everson Pamplona, o “Nêgo Vé”.

“Lutei tanto na guerra e vim receber a maior bomba da minha vida dentro da minha casa”. Foram as suas poucas palavras.

O “Nêgo Vé” foi velado na casa do herói até a tarde do dia

seguinte, quando transportaram o seu corpo para receber novas bênçãos na Igreja São João Batista, lotada por familiares e amigos consternados por aquela situação, tão chocante quanto inesperada. A mesma igreja que durante anos foi lembrada pelo expedicionário por motivos alegres, como a sua recepção no pós-guerra, o próprio casamento e o batizado dos familiares, agora era palco de uma lamúria inigualável.

Ao final do dia, Everson Pamplona foi sepultado no mausoléu da família materna, no Cemitério São João Batista, deixando pais, irmã, esposa, filhos, neto e amigos despedaçados.

Não obstante a dor da perda, a idade do Senhor Eurypedes avança, entretanto, a sua energia de vida continua firme, sendo levada aos poucos, de maneira não tão imperceptível assim. Pamplona sofre de artrose nas pernas, três hérnias de disco e uma diabetes quase inexistente. Não padece do coração, tampouco do colesterol, e a sua vitalidade e lucidez invejam qualquer idoso em idade tão elevada.





Capítulo IX

A CONSTRUÇÃO DE UM MITO



A CONSTRUÇÃO DE UM MITO

“A História é testemunha dos séculos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado [...] que voz, se não a do orador, pode torná-la imortal?”

De Oratore, 55 a.C. (Marco Túlio Cícero)

No ano de 1972, após mais de três décadas, o Exército Brasileiro finalmente volta à cidade de Barreiras. Transferido de Crateús/CE, o 4º Batalhão de Engenharia de Construção chega ao município trazendo cerca de cinco mil pessoas, entre militares, servidores civis e familiares, num processo migratório que só terminaria em 1973.

O 4º BEC, como ficara conhecido, foi de suma importância socioeconômica para o Oeste Baiano. Além de reintroduzir o serviço militar na região, profissionalizando anualmente centenas de jovens, passaria a realizar várias obras que dariam um impulso ao desenvolvimento local, como a conclusão da BR 020/242, responsável por integrar Barreiras ao Brasil através da ligação asfáltica Brasília-Salvador, possibilitando assim a ampliação e o escoamento eficiente da produção agrícola.

Além de bem quisto pela sociedade, como também sucedeu ao TG-128, o 4º BEC tornou-se a instituição mais respeitada do município. Eurypedes sentia imensa satisfação ao presenciar o exército atuando novamente na sua terra natal.

A guerra havia acabado há cerca de vinte e sete anos. Muitos pracinhas ainda estavam vivos e o 4º BEC não tardou a descobrir a ilustre presença do ex-combatente em sua nova guarnição. O febiano seria convidado para as formaturas e solenidades desde a gestão do 1º Comandante da Unidade em Barreiras, o Tenente Coronel Celso Viana de Araújo.

O respeito por ele sempre foi grande. Era um ex-combatente de guerra refugiado no coração do Cerrado Baiano!



Desde o final da guerra os pracinhas desfilam por todo o país no dia 7 de Setembro, para lembrar aos brasileiros o heroísmo e o sacrifício nos campos de batalha. E quando a atuação das tropas brasileiras na Segunda Guerra começou a distanciar-se mais do presente, suas lendas cresceram e os expedicionários passaram a ser mais reverenciados pelas instituições.

A guerra certamente foi o fato mais marcante da sua vida. Não adiantava fugir. Sempre estaria atrelado a este passado. E não somente às lembranças ruins, mas também aos laços de solidariedade firmados com os companheiros de combate, unidos pelo mesmo ideal de liberdade e democracia.

Decorridos alguns anos após a Revolução de 1964, o agora General Hugo Abreu tornou-se chefe do Gabinete Militar. Um dos seus mais leais cabos o parabenizou, tendo a sua carta respondida em 20 de setembro de 1974:

“Prezado Pamplona:
Quero agradecer as gentis palavras de um companheiro dos campos da Itália, e dizer que aqui tudo farei para manter bem alto o nome de nosso país.
Cordialmente,
Gen Div Hugo de Andrade Abreu”

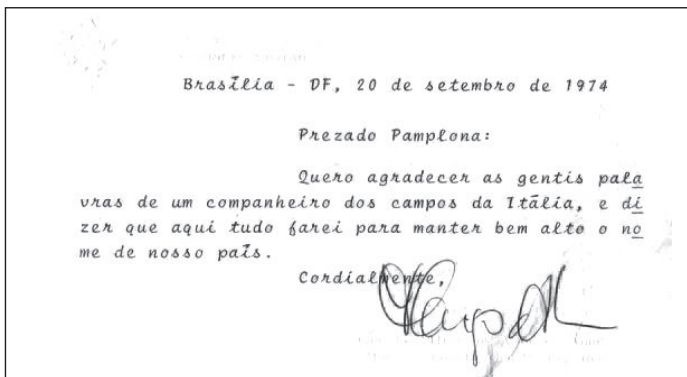


Figura.15: a correspondência.
Fonte: Eurypedes Pamplona.

Outra vez, Hugo achou-o tomando café no aeroporto de São Paulo, e acabaram entregando-se num saudoso abraço. Independente do posto que os separava, eram veteranos de guerra e, sobretudo, amigos de longa data.

Mas os anos passaram, e os febianos começaram a escassear. Pamplona era uma relíquia em Barreiras! Ele e também a inesquecível Capitã Aracy Sampaio.

Aracy nasceu em Barreiras no dia 19 de outubro de 1917. A moça pertenceu ao tronco familiar do lendário Brigadeiro Sampaio. A sua família, bastante patriótica, migrou para Barreiras em 1887.

A jovem desistiu da faculdade de Ciências Econômicas para inscrever-se no curso de Enfermagem, em Salvador/BA. Diplomada em 1942, trabalhou no Hospital Santa Izabel e na Cruz Vermelha, cuidando neste último das vítimas de torpedeamentos dos submarinos ítalo-alemães.

Quando o Exército Brasileiro abriu o voluntariado para mulheres participou do curso de Adaptação. Foi a primeira colocada na 6ª Região Militar, tendo os jornais da época enfatizado o fato dela ser descendente do General Sampaio, patrono da Infantaria Brasileira, herói da Guerra do Paraguai. Enquanto aguardava convocação trabalhou no Hospital Militar da Bahia. [...] Em 19 de outubro de 1944 (dia de seu 27º aniversário) partiu de avião do Rio de Janeiro juntamente com dezoito colegas tendo como destino a Europa.

(Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/cap-enf-aracy-arnaud-sampaio/>> Acesso em: 01 set. 2014.)

Como enfermeira e sob constante risco, Aracy atendeu aos feridos no 7ª *Station Hospital* em Livorno, o mesmo onde convalescera o nosso herói. Pamplona não tardou a reconhecê-la, e ainda que a avistasse pelos corredores, não lhe dirigiu a palavra, pois as conversas de soldados e cabos com oficiais não eram bem aceitas na época.



A jovem trabalhava na Enfermaria E-22, cuidando dos oficiais baixados das Nações Aliadas. Era também amiga e serviçal dos seus pacientes. Sempre escrevia para as famílias dos feridos, que não tinham condições de fazê-lo pessoalmente. Lia para os mesmos, cantava e procurava alegrá-los de várias formas.

Apesar de inicialmente exercer o seu ofício apenas como civil, recebeu o posto de tenente como reconhecimento pelo seu trabalho, já que as enfermeiras norte-americanas gozavam do mesmo oficialato.

Regressando ao Brasil, a moça não pôde continuar no serviço regular da Força Terrestre. Por infortúnio do destino, uma mina deixada pelos alemães explodira no próprio hospital em que trabalhava, deixando Aracy Sampaio irremediavelmente surda do ouvido esquerdo, motivo pelo qual foi reformada no posto de capitão.

Em outro episódio explosivo, os estilhaços das janelas caíram sobre os feridos. Trêmula, mas tentando passar tranquilidade, a jovem limpou cautelosamente os seus pacientes.

Aracy passou o resto dos seus dias ocupando-se dos expedicionários que mais sofriam as consequências da guerra. Compôs a diretoria da Associação Nacional dos Veteranos da FEB e da Associação de Belém/PA, além de ter sido Presidente da Associação de Ex-combatentes de Brasília, sendo por vários anos a única mulher no mundo a presidir uma entidade deste porte.

Eurypedes participou da Associação de Ex-combatentes de Feira de Santana/BA, e por lá hospedou-se algumas vezes, mas se afastou por não achar que estavam dando a devida atenção aos pracinhas.

Assim como nosso herói, Aracy foi, por diversas vezes, convidada de honra para abrilhantar as solenidades comemorativas do fim da guerra, estando presente em formaturas e palestrando a militares e estudantes no auditório do 4º BEC.

No dia 08 de maio de 1995, ambos estiveram presentes na cerimônia militar que celebraria os 50 anos de término do conflito.

Como após a guerra ela nunca mais voltou a viver em Barreiras, Eurypedes por diversas vezes foi o único expedicionário a participar dos eventos do quartel local. Ainda mais quando Aracy Sampaio faleceu aos noventa anos de idade, no dia 8 de setembro de 2008. Naquela data, uma Convenção dos Veteranos da FEB se realizava na Capital do Brasil.



Figura.16 & 17: *Aracy jovem atuando como enfermeira, e Aracy aos 90 anos de idade, um mês antes do seu falecimento.*

Fonte: <<http://www.portalfeb.com.br/cap-enf-aracy-arnaud-sampaio>
> Acesso em: 01 set. 2014.

Em 2005, Eurypedes Pamplona foi convidado pelo Coronel Corrêa, então Comandante do 4º BEC, para abrilhantar uma formatura alusiva aos sessenta anos de término da guerra, onde desfilou em cima de um jipe e inaugurou a Praça do Expedicionário, na própria Unidade.

A praça encontra-se até hoje de pé, entre o pátio interno de formaturas e o rancho dos cabos e soldados. Em seu centro, existe um pedestal encimado por um fuzil mosquetão 7,62 mm. e capacete utilizados por pracinhas brasileiros no Teatro de Operações da Itália. A placa alusiva foi descerrada pelo pró-

prio Eurypedes Pamplona, e após sofrer o desgaste dos anos, foi trocada por uma réplica em metal, com os mesmos dizeres: Homenagem do 4º Batalhão de Engenharia de Construção aos 60 anos da Força Expedicionária Brasileira. Barreiras – Ba, Maio de 2005.



Figura.18: *Coronel Corrêa e Eurypedes Pamplona inaugurando a Praça do Expedicionário do 4º BEC.*
Fonte: Eurypedes Pamplona.

Em 31 de julho de 2012, data em que o Batalhão do Soldado Operário⁷ comemorou os seus 40 anos na cidade de Barreiras, numa das mais pomposas celebrações de sua história, foi dado o

⁷ Alcinha do 4º BEC.

toque de ex-combatente para anunciar a sua presença na formatura matinal. À noite, sentou-se ao lado do 2º Tenente Pinheiro e da historiadora Ignez Pitta, autores do livro *No Cerrado Entre o Malho e o Fuzil: O Exército Brasileiro No Oeste Baiano*, para o evento de lançamento do mesmo, tornando-se uma das atrações no Salão Nobre.

Vale lembrar que na oportunidade também se inaugurava o Espaço Histórico General Argolo⁸, que dentre outras peças históricas, desde aquela data expõe quatro quadros com materiais outrora pertencentes ao Cabo Pamplona. Três formam uma coleção de estampas do sabonete Eucalol, cada qual contando um trecho da história brasileira no conflito mundial. O último é um mosaico de fotos com lembranças do febiano na guerra e no 4º BEC, muitas das quais presentes neste trabalho. Alguns outros objetos que lhe pertenceram, como uma fotografia (ao lado de outra da Capitão Aracy), casquete da FEB, cantil e marmitex com faca e colher, já repousam há anos no Museu Municipal Napoleão Macedo.

Naquela noite, Eurypedes Pamplona foi intensamente saudado pelo Tenente-coronel Olyntho, então Comandante da Unidade, assim como pelo General Gonçalves, ex-comandante e Diretor da DOC⁹, e General Velloso, Comandante do 1º Grupamento de Engenharia, dentre outras personalidades civis e militares com quem tirou várias fotos.

Conheceu o então Tenente-coronel Negrão, o seguinte Comandante do 4º BEC, na passagem de Comando do dia 10 de janeiro de 2013, ganhando, de imediato, profundo respeito do mais novo líder do Batalhão.

Em 21 de fevereiro daquele ano houve uma formatura comemorativa à Tomada de Monte Castelo. Na ocasião, foi realizada a leitura de um alusivo com informações sobre a vida militar do ex-combatente, diante de uma tropa visivelmente emocionada, e Eurypedes:

⁸ General Argolo é a denominação histórica do 4º BEC

⁹ Diretoria de Obras e Cooperação.



mesmo segurando-se numa bengala e andando a passos vagarosos, não se absteve de ficar de pé e prestar as devidas contências a tropa e a Bandeira Nacional. Na ocasião, o então Tenente Coronel Negrão, Comandante do 4º BEC, entregou-lhe o diploma da Ordem do Rio Grande no Grau Patrono, o mais elevado desta comenda honorífica. (PINHEIRO, 2013b, p.07)

A comenda da Ordem do Rio Grande foi criada pelo Coronel Darcy Luiz Schmaedecke no dia 22 de fevereiro de 1988 e tem:

por finalidade premiar o mérito, o trabalho, a tenacidade, a cooperação e as realizações em prol da missão do 4º BEC, qualidades reveladas por Oficiais, praças, civis e colaboradores desta Unidade de Engenharia de Construção. (LIVRO DA ORDEM DO RIO GRANDE, 1988)

Assim como as antigas ordens honoríficas imperiais, a comenda foi composta em graus: bronze, prata, ouro, platina e diamante, contados pelo tempo de serviço na Unidade; e em casos excepcionais: reconhecimento, benemérito, liderança e patrono.

Até onde os registros encontram-se disponíveis¹⁰, apenas o General de Brigada Tibério Kimmel de Macedo, então Comandante do 1º Grupamento de Engenharia, havia recebido a comenda no Grau Patrono, conforme consta registrado o 1º diploma na ata de inauguração do dia 26 de fevereiro de 1988.

Depois deste militar, foi preciso entregar 550 diplomas para que outro agraciado finalmente conquistasse a comenda em igual mérito: Eurypedes Pamplona. De acordo com a ata de nº 156 da Ordem do Rio Grande:

Aos 21 dias do mês de fevereiro do ano de 2013, reunido o Conselho da Ordem do Rio Grande no Salão Nobre do 4º BEC, houve este, por um dever de justiça e preito de gratidão e respeito, conceder a nobre Comenda da ORDEM DO RIO GRANDE:

¹⁰ Existe uma lacuna no livro da Ordem do Rio Grande, de 30 de novembro de 2001 a 31 de julho de 2012, data em que foi revigorado. A comenda nunca deixou de ser entregue, mas os registros não existem sobre o período em questão.

- Ao Sr. Eurypedes Lacerda PAMPLONA, Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira.

Por ser um dos militares pioneiros do Exército Brasileiro na Cidade de Barreiras, ao ser recrutado no ano de 1937 para o Tiro de Guerra 128; Por ser reconvocado à Força Terrestre no 2º Regimento de Infantaria, por ocasião da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, onde teve que passar por treinamentos pesados, para depois viajar e desembarcar em Nápoles após 15 longos dias em um navio; Por passar 10 meses em combate no Teatro de Operações da Itália, participando de batalhas como Belvedere e Montese, correndo perigo e lutando também contra o frio europeu; Por vencer todas as dificuldades juntamente com a Força Expedicionária Brasileira, sendo também mérito seu a vitória no maior conflito internacional da história da humanidade; por ser um barreirense exemplar não apenas para o 4º Batalhão de Engenharia de Construção, mas principalmente para todo o Exército Brasileiro, lhe é conferido o Diploma nº 552, no Grau PATRONO.

Assinaram a referida ata todos os quatro membros do Conselho, constituído a época pelo Tenente-Coronel Negrão, Presidente; Tenente-Coronel Luiz Vidal, Subcomandante do 4º BEC; Major Galvão, Chefe da Seção de Operações; e o 2º Tenente Pinheiro, secretário do conselho e Chefe da Seção de Comunicação Social.



Figura.19: O referido diploma da Ordem do Rio Grande.

Fonte: Eurypedes Pamplona.

Na ocasião da entrega, o Tenente-Coronel Negrão ressaltou a importância de Eurypedes Pamplona não somente para Barreiras, mas para a história militar brasileira. Comparou geograficamente o Monte Castelo, local onde se deu a mais renomada conquista da FEB, à Serra da Bandeira, situada logo atrás do 4º BEC, para que seus soldados imaginassem as dificuldades decorrentes de tomá-la sob constante fogo inimigo.

No ano de 2014, o Exército Brasileiro iniciou um ciclo de comemorações dos 70 anos de término da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente no dia 16 de setembro, data do batismo de fogo da Força Expedicionária Brasileira. Entretanto, o 4º BEC celebrou a data histórica apenas no dia 26, em uma grande formatura que novamente rendeu homenagens ao nosso pracinha.

Além de ser agraciado com mais uma lembrança entregue pelo Coronel Negrão, o expedicionário também recebeu os cumprimentos do então Prefeito Antônio Henrique; do Capitão Ronaldo, Chefe da 12ª. Delegacia de Serviço Militar; de oficiais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros da Bahia; e da historiadora e amiga Ignez Pitta.



Figura.20: *celebração dos 70 anos de batismo de fogo da FEB.*

Fonte: Subtenente Wilbert.

“Estrela” do momento e ícone do aquartelamento, o ex-combatente ainda concedeu entrevistas a TV Oeste, que realizou a cobertura do evento. No entanto, ao ser indagado sobre as suas recordações da guerra, não hesitou em destacar que eram apenas tristezas.

O alusivo biográfico lido na solenidade fora redigido pelo promovido 1º Tenente Pinheiro, agora destacado nas obras de duplicação e restauração da Br-101 sul. O referido oficial passou a chefiar a equipe de drenagem no interior sergipano, mas, como um leal historiador, paralelamente estava à frente de um projeto ousado: escrever a biografia do maior militar barreirense de todos os tempos.

Tratou-se de um trabalho minucioso que precisou de quase dois anos para a sua plenitude. Grande parte das entrevistas estava filmada desde antes da sua partida ao Destacamento Barão de Maruim¹¹, em junho de 2013, e a outra parte do material fora coletada durante as suas folgas em Barreiras. Durante o dia, o Tenente Pinheiro enfrentava o sol escaldante para construir a estrada, e à noite trancava-se no alojamento para construir a sua história. Assim como na obra, onde pedras sobre pedras eram assentadas para levantar meios-fios, agora parágrafos por parágrafos eram organizados diariamente para levantar a sua história, sem pressa e com a paciência de um mestre de obras em cumprir uma missão por dia, para não perder a eficiência do trabalho. Com a virada do ano e o retorno do jovem oficial para a sede do aquartelamento em fevereiro de 2015, a biografia já estava pronta, faltando apenas patrocínios para lançá-la.

O tempo passava, e a data já estava marcada pelas próprias circunstâncias: 08 de maio de 2015, momento em que seria celebrado os 70 anos de término da Segunda Guerra Mundial. Provavelmente este seria o último decênio de todos os ex-com-

¹¹ Nome do canteiro de obras onde trabalhou e se alojou durante meses, na Duplicação da Br-101 Sul, Lote 2. Localizava-se na Fazenda Santa Bárbara, entre os municípios sergipanos de Rosário do Catete e Carmópolis.



batentes do Brasil, motivo pelo qual merecia uma atenção especial.

A corrida contra o tempo foi grande, e os obstáculos seriam muitos, mas tudo haveria de ser organizado meticulosamente. Até a data, o Tenente Pinheiro ministrou sozinho várias palestras em escolas, divulgando a história da FEB e, em especial, dos dois pracinhas barreirenses. Destas escolas contempladas, podemos destacar a Castello Encantado, Jardim Imperial, Luiz Viana Filho, Prisco Viana, e Professor Alexandre Leal Costa.

Paralelamente, ocorria uma ampla divulgação do evento pelos meios de comunicação, como o Jornal Novoeste e as redes sociais, além de toda uma busca por patrocínios no intuito de arrecadar fundos em prol do lançamento do livro, com o apoio inestimável dos vereadores Carlos Tito, Digão Sá, Otoniel e a Dra. Graça.

E foram estes vereadores que idealizaram, no dia 05 de maio, um caprichado café da manhã na residência do herói, com a presença dos familiares, demais vereadores, militares, redações de jornais, além de duas rádios que fizeram questão de entrevistar o biografado e o biógrafo: a Rádio Vale e a Nova FM. Dois dias depois, o herói concedeu mais uma entrevista promovida pela TV Oeste, com a participação do Coronel Negrão e do 1º Tenente Pinheiro, convidando a população para o grande dia que se avizinhava: todo o palco estava armado para a festa em homenagem aos dois heróis barreirenses.

Na manhã do dia 08 de maio, a Praça Landulfo Alves amanheceu organizada com toldos e palanques para a tão esperada solenidade militar. Personalidades locais, comerciantes, estudantes e demais cidadãos barreirenses compareceram para prestigiar o evento. A tropa estava composta não apenas por membros do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, mas também por representantes da Polícia Militar da Bahia, e da Guarda Municipal de Barreiras. A própria Sra. Socorro Sampaio, filha primogênita de Aracy Sampaio, fazia-se presente para

representar a sua falecida mãe neste evento histórico, acompanhada da sua irmã homônima, a Sra. Aracy Sampaio Martins de Barros Leite, conhecida como “Aracyzinha” ou Cica.

Na oportunidade, o Sr. Eurypedes Lacerda Pamplona recebeu um diploma “pela colaboração prestada às comemorações alusivas aos setenta anos da participação da **Força Expedicionária Brasileira (FEB)** na Segunda Guerra Mundial”, assinado pelo General-de-Exército Eduardo Dias da Costa Villas Bôas, Comandante do Exército Brasileiro. É importante ressaltar que esta magnífica honraria também foi concedida, juntamente com um exemplar do livro biográfico, às seguintes personalidades que se mobilizaram para colaborar com o evento: Antônio Henrique de Souza Moreira – Prefeito Municipal de Barreiras; Carlos Tito Marques Cordeiro – Presidente da Câmara Municipal; Rodrigo Gonçalves de Castro e Sá (Digão Sá) – Vereador e Vice-Presidente da Câmara Municipal; Otoniel Nascimento Teixeira – Vereador; Maria das Graças Melo do Espírito Santo (Dra. Graça) – Vereadora; Camilo Otávio Alonso Uzêda – Major PM (Cmt 10º BPM, hoje 10º BEIC); 1º Tenente OCT João Paulo Pinheiro Lima – Historiador Militar e biógrafo do ex-combatente; Marcelo Gomes Feitosa – Comandante da Guarda Municipal; Maria do Socorro Sampaio Martins de Barros – filha de Aracy Sampaio; e Eliege Maria Viana de Souza – Diretora do Colégio Estadual Duque de Caxias.

Durante o evento, a Sra. Socorro Sampaio entregou solenemente a Medalha de Guerra da sua mãe ao Coronel Negrão, objeto este que compõe hoje o acervo do Espaço Histórico General Argolo, juntamente com uma cópia do diploma de concessão. Em contrapartida, a primogênita recebeu, para a sua mãe, o Diploma da Ordem do Rio Grande *post-mortem* no grau Patrono, por igual importância conferida a mais ilustre mulher barreirense.



Figuras.:21 a 24: *solenidade na Praça Landulfo Alves.*
Fonte: Tenente Wilbert.

Ao final do evento matinal, a tropa desfilou pelas ruas do cais, e o herói com o seu biógrafo em uma viatura marruá, sob os olhares atentos e os aplausos calorosos daqueles que presenciaram a este dia inesquecível.



Figuras.25 a 28: *desfile no cais de Barreiras.*
Fonte: Tenente Wilbert.

No entanto, as emoções apenas estavam começando. Nas primeiras horas da noite, a Câmara Municipal de Vereadores estava pontualmente ornamentada para o lançamento oficial do livro biográfico TIRO, GUERRA E MITO: A HISTÓRIA DE UM BARREIRENSE NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. Presidiram a mesa diretora do evento os quatro vereadores patrocinadores; o comandante do 4º BEC; o herói barreirense; o tenente historiador; a primogênita de Aracy Sampaio; o Professor Rafael Sancho, coordenador do curso de História da Universidade Federal do Oeste Baiano; e a historiadora barreirense Ignez Pitta de Almeida.

Após os depoimentos de toda a mesa diretora, somados aos agradecimentos de Eurypedes Pamplona e Socorro Sampaio (esta falando em nome da sua mãe), os dois heróis barreirenses foram congratulados com diplomas de Honra ao Mérito, conferidos em conjunto pela Câmara Municipal de Barreiras e pelo 4º BEC, em celebração a esta noite inesquecível. Esta honraria conferida a Aracy Sampaio hoje está exposta na galeria de honra do Museu Casa Memória dos Ex-Combatentes, em Brasília-DF, juntamente com o Diploma da Ordem do Rio Grande.

Por fim, após a sessão de fotos, todos os presentes organizaram uma fila no plenário para dar início à noite de autógrafos, assinados satisfatoriamente pelo historiador e pelo grande herói nacional, agora imortalizado nas páginas da história barreirense.





Figuras.29 a 32: lançamento do livro na Câmara Municipal de Barreiras. Fonte: Tenente Wilbert.

Vale lembrar que, após meses angariando recursos para o projeto, foram produzidos 2.400 exemplares que seriam distribuídos gratuitamente entre a população. O autor e o protagonista, dedicados em apenas enaltecer a trajetória dos grandes heróis nacionais, abriam mão de qualquer lucro.

É verdade que o evento na Câmara Municipal de Vereadores foi um sucesso, mas é lícito também que o espaço não lotou. O reconhecimento, como é costume na tradição do povo brasileiro, só veio depois. Aquela noite histórica foi apenas o pontapé inicial para o melhor que ainda estava por vir: logo chegou o primeiro convite para que biógrafo e biografado palestrassem juntos no dia 20 de agosto de 2015 a estudantes das mais variadas idades, na 13ª. Edição do Projeto Clube da Leitura, promovido pela Biblioteca Municipal Dom Ricardo Weberberger, em São Desidério-BA. Foi a primeira das muitas palestras que a dupla realizaria na Região Oeste, fascinando diversas plateias que receberiam os tão almejados livros autografados.





Figuras.33 a 36: palestra em São Desidério.
 Fonte: Biblioteca Municipal D. Ricardo Weberberger.

Com o tempo os exemplares esgotaram, mas no decorrer dos anos as palestras continuaram nas mais diversas instituições de ensino, como na Universidade Estadual da Bahia, através do Programa Universidade para Todos; na Universidade Federal do Oeste Baiano; no Pré-Vestibular Garra Bahia; e em diversas escolas da rede pública e privada, como a Monteiro Lobato – Objetivo; Lar de Emmanuel; Pequeno Criador – Absoluta; dentre outras.

No dia 19 de Outubro de 2017, data em que Aracy Sampaio completaria 100 anos de idade, Eurypedes Pamplona e o Tenente Pinheiro não hesitaram em honrá-la com mais uma palestra, agora para os alunos do Colégio Estadual Antônio Geraldo.



Figuras.37: palestra no CEAG.
 Fonte: Tenente Pinheiro.



Como era de praxe, o Tenente Pinheiro sempre mostrava o vídeo das crianças italianas honrando os heróis brasileiros com o canto da canção do expedicionário, o hino dos pracinhas. Esta canção militar é considerada por muitos a mais bela letra e melodia das Forças Armadas. Assistir a estrangeiros cantarem, com o sotaque italiano e em língua portuguesa, uma música cívica que nos pertence e que a maioria dos brasileiros vergonhosamente desconhece, era suficiente para deixar o público perplexo e sem esboçar qualquer reação.

É nesta hora que os estudantes desvendam o nobre sentimento de gratidão dos estrangeiros, resgatados do nazifascismo, para com os nossos heróis, bem como refletem sobre o falso patriotismo do povo brasileiro ao celebrar as fúteis glórias da nação apenas em copas do mundo, enquanto os últimos heróis nacionais estão morrendo sem receber o devido reconhecimento.

E foi no sentido de corrigir esta falha que, em maio de 2018, os alunos da Escola Monteiro Lobato, sob o comando do professor de história Victor Antônio Sodré das Virgens, cantou a Canção do Expedicionário para o herói, em evento realizado no 4º Batalhão de Engenharia de Construção.

Mas foi ao Curso Vencedores, onde estudou e hoje trabalha o biógrafo, que reservou-se a honra de realizar as maiores homenagens ao bom velhinho. Palestras são realizadas em sala de aula desde o ano de 2015, inebriando os mais diversos públicos da instituição, desde aos menores das turmas de Pré-IFBA, até os jovens do Pré-ENEM e da turma preparatória de concursos, especialmente aqueles ansiosos por ingressar na Polícia Militar da Bahia.

No entanto, foi no evento da memorável noite de 14 de julho de 2018 que o Tenente Pinheiro deu o pontapé inicial para a campanha da Marcha Pelo Centenário, inspirando os alunos com a simplicidade do Cabo Pamplona. Pelo apoio à divulgação da campanha para angariar fundos ao lançamento da segunda

edição do livro, que deverá ser realizado no aniversário de 100 anos do pracinha, foi conferido um Diploma da Marcha Pelo Centenário aos promotores da palestra: Willamy Shelig da Silva Mendes, Gliceia Silva Pimentel Mendes & Família Curso Vencedores.



Figuras.38 a 43: palestra no Vencedores, em 2018.
Fonte: Thiago Vicente.



E foi prestigiando este momento histórico, profundamente emocionado com o exemplo de humanidade de Eurypedes Pamplona, que o Professor Diego Rochac convidou a dupla para se apresentar na Escola São José na tarde de 07 de agosto.

Alunos do 9º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio lotaram uma enorme sala de aula para conhecer a mais antiga celebridade local. Ao final da palestra, o herói nacional que já está gravado nos anais da história barreirense, agora também marca presença na literatura, ao ser agraciado com os versos de um poema escrito pelo próprio Diego Rochac:

ALVO CARMIM

A um ser humano modelar:

Eurypedes Lacerda Pamplona

*Sol oestino da Bahia, nascente
Força nordestina, palma da mão
O jogo, o efeito dominó, o avesso
A gravidade da queda revertida*

*O mundo incandescente em lavas,
Atômicas, biológicas, químicas
Mas, não é de genocídio, a canção
É de luta contra a insensatez bélica*

*Paráfrase elaborada de nosso herói
Que a materializou de límpida luz
Sonoramente sinfônica, deslumbrante
Sorriso levemente denso, concreto
O riso real, sem a fuga dos opostos*

*Sabedoria de quem vive na presença
No calor vibrante da batalha
Sofrida, extasiante, existência humana*

Honrando também o trabalho desinteressado do biógrafo,
um outro poema foi produzido em homenagem ao mesmo:

SOBREVIDA

Ao honorável 1º Tenente João Paulo PINHEIRO Lima

*Uma voz de trovão no ambiente
Para páginas de cores sonoras
Movimentos de quase cem auroras
Um entusiasmo resplandecente*

*Do magma escaldante, a potência
A sua persistência de um sol a pino
Os bateres respeitosos de um sino
Grafados no livro da consciência*

*Não estranhem o meu neologismo
O plural se encaixa em qualquer lugar
Os versos de um ato de brilhantismo*

*A vida é uma musa à posar
O olhar certo de seu perfeccionismo
A obra escrita, profundo sondar.*



Figuras.44 a 47: palestra na Escola São José.

Fonte: Escola São José.

Três dias depois, foi a vez da então Aluna Soldada PM Ianes dar o seu tributo. Como é tradição no 10º Batalhão de Ensino, Instrução e Capacitação (10º BEIC), diariamente um Aluno Soldado ministra uma “Palestra de Dia”, sobre tema de sua própria escolha, para exercitar a oratória a ser empregada nas ruas com a sociedade. Nesta ocasião, a Aluna afirmou ter assistido a palestra no Curso Vencedores, expôs o livro, e reafirmou a necessidade de valorizar os heróis barreirenses, tanto os da Força Expedicionária Brasileira, quanto os da Polícia Militar da Bahia. Por fim, concitou os seus colegas de farda a conhecer o grande veterano da Segunda Guerra Mundial.

Coincidentemente, não demorou muito para os seus amigos conhecerem esta história. No dia 05 de setembro, foi a vez da Polícia Militar da Bahia protagonizar as devidas homenagens. O Comando de Policiamento Regional do Oeste (CPRO) reser-

vou o auditório do IFBA para reunir as duas turmas vigentes do Curso de Formação de Soldados, além de policiais da reserva e representantes das mais diversas companhias independentes de polícia militar (CIPM), como o então Aspirante Danillo, que se deslocou por conta própria da 86^a. CIPM em Formosa do Rio Preto-BA apenas para assistir a palestra.

Foram convidados também representantes de diversas outras instituições, como os tenentes R/2 (reserva não-remunerada) Anselmo e Haroldo, do Rotary Club, além dos amigos Amélia Sampaio e Juarez, do Museu Municipal de Barreiras.

Na oportunidade, o Aluno Soldado PM Johne, ex-militar e corneteiro da Força Aérea Brasileira, abriu as honras com o toque de ex-combatente, seguido de uma continência coletiva de todo o auditório em direção ao herói. Ao término da palestra, o Aluno Soldado PM Jackson Santos conduziu o pracinha ao centro do palco, onde o mesmo entregou solenemente o Diploma da Marcha Pelo Centenário aos seguintes oficiais: Coronel PM da Reserva Remunerada Salomão; Coronel PM Osival e Tenente Coronel PM Camilo Uzêda, respectivamente Comandante e Subcomandante do CPRO; e Tenente Coronel PM Medeiros e Capitão PM Vinícius, respectivamente Comandante e Subcomandante do 10º BEIC. Todos estes foram agraciados pela promoção da campanha que, graças também ao apoio deles, está em crescimento meteórico.

O sucesso do evento certamente marcou a formação dos novos policiais militares, que não hesitaram em subir ao palco para tirar fotos com o ex-combatente. Entretanto, o Cabo Pamplona não saiu de mãos vazias. Como é de praxe em eventos desta natureza, mais uma vez o expedicionário recebeu algumas honrarias, sendo condecorado com a Medalha Eternos Combatentes da FEB, e levando para casa mais dois diplomas, agora das instituições que promoveram o evento (CPRO e 10º BEIC).



Figuras.48 a 53: palestra para a PMBA.
Fonte: PMBA.

A residência do herói, após décadas marcadas por paredes e estantes frias e vazias, agora está repleta de quadros, diplomas, condecorações, placas e troféus recebidos pelo Cabo Pamplona através das mais diversas instituições dispostas a honrar este ícone mundial. Em algum momento entre o ano de 2015 e os dias de hoje, a residência do herói se tornaria informalmente o “Museu do Cabo Pamplona”, pois desde o lançamento da biografia tornou-se um ponto de peregrinação de estudantes e pesquisadores que passaram a conhecer a sua história e a explorar o seu acervo.

O exemplo mais peculiar está em um grupo de jovens estudantes da Escola Municipal Dr. Costa Borges, onde estudou o ex-combatente. Mesmo sem nunca ter palestrado no berço da sua formação educacional (apenas por falta de oportunidade), as jovens garotas souberam da história do mais ilustre ex-aluno da Professora Guiomar Porto, e foram reverenciá-lo, entregando-lhe depois uma fotografia que registraria este momento precioso na formação cívica destas adolescentes.



Figuras.54 a 58: *alunas do Costa Borges e Museu do Cabo Pamplona. Fonte: Alunas e Tenente Pinheiro.*



Figura.59: *a palestra no Curso Vencedores, em 2017.*

Fonte: Curso Vencedores.

Muitos trabalhos escolares passaram a narrar a vida do ex-combatente. A exemplo do realizado no mesmo ano de 2015, pelos alunos do segundo ano do Colégio Estadual Prisco Viana, que concorreram em uma edição do “Projetos Estruturantes EPA – Estudo do Patrimônio Artístico”. O tema certamente era inovador, mas ainda assim a escola conquistou a segunda colocação, perdendo para um colégio de Luís Eduardo Magalhães-BA, em virtude de uma falha na capa do álbum produzido.

No ano de 2017, foi a vez da aluna Anaíra de Araújo Sousa, do Colégio Estadual Herculano Faria realizar o mesmo projeto pelo EPA. A jovem, então discente do segundo ano, inspirou-se na palestra assistida no Curso Vencedores para elaborar o seu trabalho. Ou seja: alunos diferentes que estudaram em escolas diferentes, em períodos diferentes e nunca se conheceram, se empenharam para apresentar a mesma temática, idealizados pelo mesmo sentimento de reverenciar o mais simples dos barreirenses como um herói nacional.

Em todas as solenidades militares no 4º BEC, aquele senhor idoso sentado no palanque que muitos paisanos durante décadas ignoraram, agora é assediado por uma legião de admiradores, marcando presença nas dezenas de fotos que vez por outra circulam nas mais diversas páginas das redes sociais. Uma das postagens mais marcantes expressaria a sua ternura com o seguinte texto:

Desculpem Neymar, Cristiano Ronaldo, ou qualquer outro.

Mais para mim herói de verdade é não só esse senhor como tantos outros que partiram para guerra para lutar e trazer esse ambiente no qual vivemos hoje. senhor Eurypedes P. o senhor que voltou é muitos outros que não voltaram a muito tempo atrás pra casa são os verdadeiros heróis desta nação – com **Yogi Leão**.



Figura.60: postagem em rede social.

Fonte: Desconhecida.



Vale frisar aos nobres leitores que este recorte da página da rede social foi enviado ao autor da obra biográfica via WhatsApp, e que, salvo melhor juízo, o responsável pela postagem é um completo desconhecido para o mesmo. Entretanto, por sintetizar a mensagem que ele deseja transmitir ao nosso povo, a foto está incluída nos seus slides da palestra sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Certamente, trata-se de um apreciável exemplo de espírito patriótico, sobretudo para os jovens atuais, tão vulneráveis e carentes de princípios em uma sociedade que se apresentou, nas últimas décadas, cada vez mais doente de valores morais e cívicos.

Uma postagem dessas, proveniente de um jovem desconhecido, é uma prova de que a semente do mais puro e sincero nacionalismo foi plantada na fértil mentalidade da juventude barreirense, cujos frutos surpreendentemente germinaram entre as pessoas dos quatro cantos do país pelas redes sociais.

Com a ampla divulgação do livro através da internet, sobretudo no que diz respeito a sua gratuidade, não faltaram pedidos para adquiri-lo por todo o Brasil. Entusiastas da Força Expedicionária Brasileira receberam exemplares, enviados para os mais diversos rincões do país, desde a selva amazônica, passando pelos pantanais mato-grossenses, até os pampas gaúchos, sendo requisitado inclusive por cidadãos estrangeiros.

Em reconhecimento, diversas entidades, possuídas e impregnadas com o esplendor e a beleza da estrada percorrida por este humilde herói nacional, agradeceram o pracinha com diversas condecorações, um dos maiores símbolos da honra militar, entregues solenemente no decorrer dos três anos que se seguiram: Medalha do Jubileu de 70 anos da Vitória Inter-Aliada (ofertada pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil e pela Liga de Defesa Nacional, de Caxias do Sul-RS); Medalha Expedicionário Weber (ofertada pela Associação Nacional dos Veteranos da FEB, Seção Santa Rosa-RS); Medalha dos 40 anos da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (Seção Salvador-BA); Medalha

da Vitória (ofertada pelo Ministro do Estado da Defesa, de Brasília-DF); Medalha General Plínio Pitaluga (ofertada pela Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Valença-RJ); Medalha do Jubileu de Ouro da Vitória na II Guerra Mundial (ofertada pela Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Rio de Janeiro-RJ); Medalha Exército Brasileiro (ofertada pelo Comandante do Exército, General Villas Bôas); e a Medalha Eternos Combatentes da FEB (ofertada pela Associação Nacional dos Veteranos da FEB, Seção Itajaí-SC). Os principais intermediários destas comendas foram: o Coronel R/1 Luiz Celso de Oliveira, ex-comandante do 19º BC e presidente da ANVFEB (Seção Regional de Salvador - BA); o Sr. César Ataídes Figueira Torres, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (Caxias do Sul - RS); a Sra. Maria Isalette de Brito Leal, integrante da Associação de Ex-Combatentes (Seção Regional de Valença-RJ); e o Sr. Sandro Rocha, diretor geral do Anjo da Guarda Fest e conselheiro da ANVFEB (Seção Regional de Itajaí-SC).



Figura.61 a 68: condecorações do Sr. Enrypedes Pamplona.

Fonte: Tenente Pinheiro.



Mesmo com a inesperada popularização do pracinha em âmbito nacional, o 4º BEC jamais se eximiu de reverenciar o Cabo Pamplona. No decorrer destes anos, diversas homenagens foram realizadas ao maior ícone militar barreirense, seja em formaturas alusivas à FEB, seja em festas de aniversário, ou mesmo na volta da sua presença nos desfiles de 7 de setembro. Idealizado pelo Coronel Couto, comandante sucessor do Coronel Negrão, o Sr. Eurypedes desfilou sentado na viatura já no ano de 2015. A partir de 2016, tem desfilado em pé numa marruá acenando para a população, ladeado pelo seu fiel biógrafo, e sob os aplausos delirantes da multidão que desce as ruas para assistir ao espetáculo cívico da independência do Brasil. Mesmo com a incorporação do autor na *centenária milícia de bravos*¹², os dois desfilaram juntos no ano de 2018, representando a união do Exército Brasileiro com a Polícia Militar da Bahia, em respeito ao mais antigo militar barreirense.

Este ato singelo manifestado em uma celebração pública nada mais é do que a autêntica expressão da mensagem de que todos são irmãos de farda, não importando a cor da mesma ou a corporação a qual se representa. O importante mesmo é transmitir para a população brasileira uma mensagem de paz, deixando claro para o cidadão de bem que todos devem estar sempre guiados pela legalidade, pautados pela ética e marchando ao lado da segurança pública e da defesa do Brasil, cuja honra, integridade e instituições ambos os militares um dia juraram defender com o sacrifício da própria vida.

Os comandantes seguintes, Coronel Jonny e Tenente-Coronel Bastos também prestariam, cada qual a sua maneira, suas homenagens ao veterano da Segunda Guerra Mundial. Como o Exército Brasileiro tem como característica inerente à instituição o culto aos heróis nacionais e aos feitos por eles protagoni-

¹² Alcinha da Polícia Militar da Bahia, conforme o hino da Corporação, também chamado de "Canção Força Invicta".

zados, durante décadas foi ao 4º BEC que se reservou o dever de render-lhe homenagens. Entretanto, com a farta divulgação da sua biografia, o contexto mudou avassaladoramente. O autor, que inicialmente apenas almejava divulgar a trajetória do herói barreirense nos setenta anos de término da guerra, deixou uma herança educacional e cívica que atingiu proporções nunca dantes imagináveis. Prefeitos, vereadores, empresários, policiais e bombeiros militares, guardas municipais, professores das mais diversas áreas do conhecimento, estudantes universitários ou colegiais, profissionais dos mais distintos ramos ou mesmo cidadãos desempregados cada vez mais se sentem no dever ético de render tributos ao maior herói barreirense de todos os tempos.

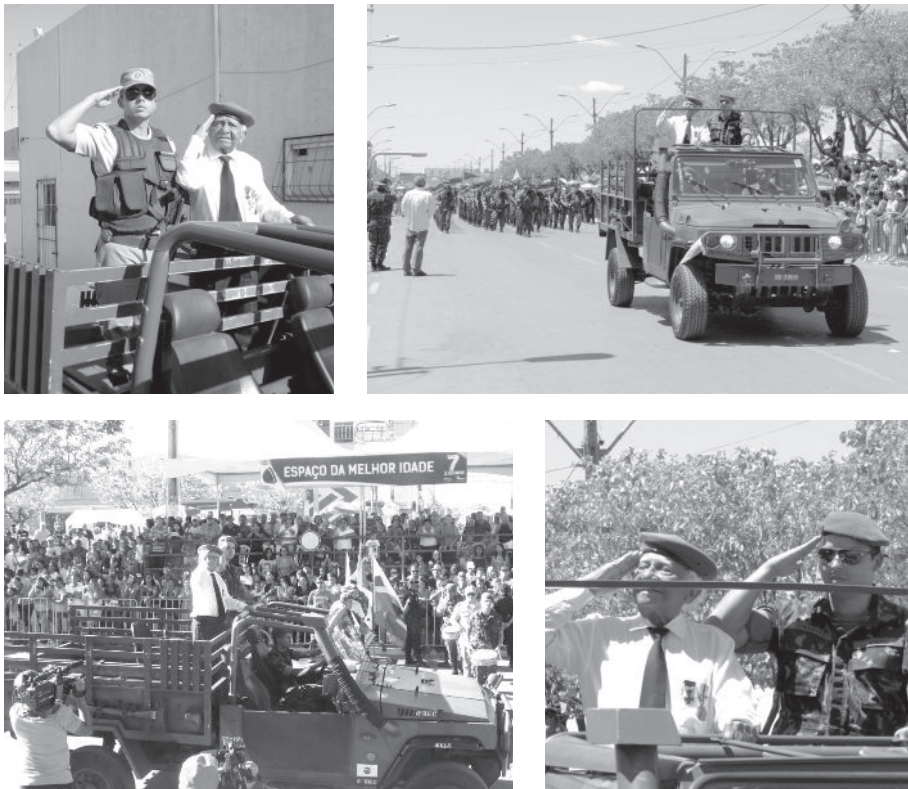


Figura.69 a 72: desfiles de 07 de Setembro.

Fonte: 4º BEC e PMBA.



Durante décadas o Cabo Pamplona esteve recluso em sua casa, vivendo tempo suficiente para acompanhar o falecimento dos seus amigos mais antigos, e, portanto, caindo no esquecimento dos mais jovens que sequer conheciam a sua história. Entretanto, desde o ano de 2015 o pracinha vive uma experiência única: emergiu completamente das profundezas do anonimato para os holofotes da fama!

Contudo, apesar de externar orgulho e gratidão pelas homenagens prestadas, ele jamais se envaidece do conflito, refutando educadamente qualquer título de herói de guerra, e deixando claro que se pudesse não teria ido. Caberá às futuras gerações interpretar o legado do Sr. Eurypedes Pamplona!

Em suas visitas ao quartel e palestras nas escolas, o Cabo Pamplona passa vagarosamente, seja amparado por sua cadeira de rodas, seja caminhando, com a bengala na mão direita e alguém a amparar-lhe pelo braço esquerdo, mas sempre sorrindo para os que o saúdam. Seu trajeto é sempre recheado de sinceras reverências. Do general-de-exército ao aluno soldado da polícia militar, todos lhe prestam continência. Dos diretores de escolas aos estudantes mais jovens, todos lhe estendem a mão e sorriem para as câmeras. A importância da sua imagem para o culto às tradições militares no 4º Batalhão de Engenharia de Construção, na Polícia Militar da Bahia, bem como para a educação moral e cívica regional é evidentemente inegável.



Capítulo X

O CENTENÁRIO



O CENTENÁRIO

Hoje, aos 100 anos de idade, Eurypedes Lacerda Pamplona é um ancião perfeitamente lúcido e com muitas lembranças a serem divididas. Desde o seu nascimento, Pamplona testemunhou aproximadamente oitenta por cento da história barreirense, e um quinto da história nacional. Muitas das ruas, praças e escolas da cidade possuem o nome dos seus contemporâneos.

Suas memórias são inestimáveis fontes para a história tanto do município quanto da República do Brasil. Presenciou e viveu acontecimentos marcantes para ambos, como: Coronelismo, criação do Tiro de Guerra 128, Era Vargas, Revolução Militar, chegada do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, conquista do Cerrado Brasileiro, expansão de Barreiras, dentre outros. Entretanto, é por ter vivenciado a mais sangrenta das guerras que é lembrado e homenageado. Ainda que feliz e emocionado pela recordação, o pracinha declara não sentir orgulho algum em ter ido para o *front*, mas apenas em ser parte do Exército Brasileiro, instituição em que sempre acreditou e confiou (PINHEIRO, 2013b, p.07).

Nosso país encontra-se, apesar das suas mazelas, em relativa estabilidade política, econômica e social. Embora a história militar brasileira seja repleta de conflitos, as últimas décadas conferiram à Força Terrestre o estereótipo de uma instituição sempre pacífica, ainda mais quando, através dos meios de comunicação temos tantas notícias de guerras mundo afora, e observamos o nosso país em constante posição de neutralidade.

Dos 25.334 brasileiros que lutaram na Itália há 70 anos, poucos são os que ainda estão vivos, e muito em breve não haverá mais nenhum para contar suas histórias. Completando “100 primaveras”, Pamplona é uma relíquia não apenas em Barreiras, mas principalmente para o Brasil. O aposentado é reverenciado por simbolizar os tantos jovens humildes que, vivendo a expe-



riência da guerra, lutaram por um mundo com mais liberdade e democracia.

O nosso expedicionário nunca teve o seu nome gravado em um monumento ou na fachada de uma escola. Tampouco virou estátua, mas lutou junto àqueles que viraram. No entanto, nos últimos quatro anos ele deixou de ser um anônimo em âmbito nacional, tornando-se inegavelmente um exemplo para todos os brasileiros.

Conquanto, é importante registrar que o grande herói bairense é apenas um ser humano, com virtudes e defeitos como qualquer outro, mas notável por ter percorrido uma longa estrada que de tão comum, tornou-se extraordinária. Eurypedes nasceu pobre, mulato, sertanejo do Extremo Oeste Baiano. Conviveu diuturnamente com a morte a tentar levar-lhe a vida nos campos de batalha, mas ironicamente sobreviveu tempo suficiente para acompanhar o falecimento dos seus pais, de todos os seus irmãos e, recentemente, para sofrer a inigualável dor da perda do seu filho.

O pracinha jamais teve posses ou poder político, não foi o melhor combatente, tampouco o mais graduado, e muito menos o mais corajoso, mas carrega toda uma vida em sua história centenária. E apesar da sua recente fama por ter lutado no pior conflito da humanidade, sempre faz questão de ressaltar a estupidez de uma guerra, jamais se orgulhando da mesma, e deixando claro a todos que se pudesse não teria ido para o front.

Para a sociedade civil, Eurypedes Pamplona encarna com autenticidade o que há de mais simples e humilde no povo brasileiro: sua dignidade, honestidade, espírito patriótico e respeito às instituições, tornando esse homem um ser extraordinário. Além do mais, o seu clamor pela harmonia dos povos e equilíbrio mundial fizeram dele um marco memorável.

Mas para o segmento castrense, o Cabo Pamplona simboliza um algo a mais, especialmente às centenas de militares incorporados e exonerados anualmente no 4º Batalhão de Engenha-

ria de Construção, e aos integrantes da Polícia e dos Bombeiros Militares da Bahia, constitucionalmente designados forças auxiliares e reservas do Exército Brasileiro. Em Barreiras, a sua história bélica foi única, mas futuramente pode ser a de qualquer militar, homem ou mulher, da ativa ou da reserva.

Para responder a uma convocação de guerra, não é mais necessário viver em grandes centros urbanos, como sucedeu ao nosso ilustre expedicionário. Mais do que nunca, Barreiras está integrada ao Brasil, e o Brasil ao mundo. A presença do 4º BEC em missões internacionais de paz comprova que os seus militares e reservistas podem, a qualquer instante, ser convocados para defender os interesses da nação.

Mesmo no pacífico presente, Pamplona permanece um ícone. A sua presença nos eventos, enfrentando a dor dos anos com o apoio de uma bengala, indica, juntamente com a sua atitude inabalável perante os símbolos nacionais, que o seu civismo e a vibração militar servem de exemplo não apenas às Forças Armadas e Auxiliares, mas a todos os cidadãos do nosso país.

Entretanto, o seu maior legado foi, a despeito da sua história combatente, revelar a milhares de barreirenses a existência de um sentimento maior que o espírito guerreiro: o espírito da paz!

Barreiras-BA, 10 de junho de 2019.

JOÃO PAULO PINHEIRO LIMA
 - 1º TENENTE R/2 PINHEIRO -
 - SOLDADO PM JOÃO PINHEIRO -

*O Tenente dos Praças,
 O Soldado da Educação!*



















REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. **Historiografia luso-brasileira contemporânea**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

BALTAZAR, Alessandra. **Patrimônio Cultural: Técnicas de Arquivamento e Introdução à Museologia**. Batatais: Claretiano, 2010.

BLAJBERG, Israel. **Soldados que vieram de longe: os 42 heróis brasileiros judeus da 2ª. Guerra mundial**. Resende, RJ: AHIMTB, 2008.

BOEHMER, Elleke. **Mandela: o homem, a história e o mito**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

BORGES, Vavy Pacheco. Fontes Biográficas: Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

CHALTON, Nicosla; MACARDLE, Meredith. **A história do século 20 para quem tem pressa. 1ª. Ed.** Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

CORRÊA, Rubens Arantes. **História do Brasil III**. Batatais: Claretiano, 2013.

COSTA, Marcos. **A história do Brasil para quem tem pressa. 2ª. Ed.** Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

COSTA, Ricardo. Para o que serve a História? **Sinais 3**, Vol. 1, jun.2008. Vitória: UFES, Centro de Ciências Humanas e Natu-



rais, p.43-70. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/para-que-serve-historia-para-nada>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

COSTA, Virgílio Pereira da Silva. **Duque de Caxias: A vida dos grandes brasileiros - 6**. CAJAMAR, Editora Três, 2001.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. Revolução Constitucionalista de 1932. In: PAULA, Luiz Carneiro de (org). **História militar geral II: as guerras de Napoleão ao século XXI**. 2.ed. rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

_____. Participação militar no desenvolvimento socioeconômico do país. In: PAULA, Luiz Carneiro de. **Tópicos especiais: memórias e representações militares**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

DONATO, Mário. **Tiro de Guerra**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

_____. **Sampaio**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.

DUNANT, Henry. **Lembrança de Solferino**. Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 2016.

EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **História do Exército**

Brasileiro: Perfil militar de um povo. Vol.I. Brasília: Fundação IBGE, 1972.

_____. **História do Exército Brasileiro: Perfil militar de um povo. Vol.II.** Brasília: Fundação IBGE, 1972.

_____. **História do Exército Brasileiro: Perfil militar de um povo. Vol.III.** Brasília: Fundação IBGE, 1972.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **Humana, demasiado humana.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. **História Contemporânea II.** Batatais: Claretiano, 2013.

GLASGOW, Roy. **Nzinga: resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582-1663.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

GOMES, Alberon de Lemos. As Matronas da Nova Lusitânia: casar, procriar, orar. In: GUIMARÃES, Maria de Fátima (coordenadora). **Gênero e História – Caderno de História do Departamento de História da UFPE.** Publicação do Grupo de Estudo Gênero & História. Ano 2, nº2. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004

LE GOFF, Jacques. **História e Memória. 5ª. ed.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LOPES. Rodrigo Touse Dias. **Abordagens Temático-Metodológicas para História Regional.** Batatais: Claretiano, 2010.

LOVEJOY, Paul E. Identidade e a miragem da etnicidade: a jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. **Afro-Ásia**, Vol. 27, 2002. Salvador: UFBA, Centro de Estudos



Afro-Orientais, p.9-39. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/27_7_identidade.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2014.

MACMILLAN, Margaret. **Usos e abusos da história**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MARRIOTT, Emma. **A história do mundo para quem tem pressa. 4ª. Ed.** Rio de Janeiro: Valentina, 2015.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2005.

MOTTA, Aricildes de Moraes (org). **História Oral do Exército: formação de oficiais da reserva**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.

MOURA, Aureliano Pinto de. Da 1ª. Guerra Mundial à Missão Militar Francesa (1917-1920). In: PAULA, Luiz Carneiro de (org). **História militar geral II: as guerras de Napoleão ao século XXI**. 2.ed.rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

NETO, José Maria Gomes de Souza; SILVA, Kalina Vanderlei Paiva da; SCHURSTER, Karl. **Pequeno dicionário de grandes personagens históricos**. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2016.

NORTHUP, Solomon. **Doze Anos de Escravidão: a história real de Solomon Northup, cidadão de Nova York, sequestrado na cidade de Washington em 1841, e resgatado em 1853, em uma plantação de algodão da Louisiana**. 1.ed. São Paulo: Seoman, 2014.

PARENTE, Paulo André Leira; SANCHES, Marcos Guimarães. **Teoria e metodologia da história**. Palhoça: UnisulVirtual, 2009.

PAULA, Luiz Carlos Carneiro de; MOURA, Aureliano Pinto de; DIRETORIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. Guerra da Tríplice Aliança contra Solano Lopez. In: PAULA, Luiz Carneiro de (org). **História militar brasileira I: do período colonial ao monárquico**. Palhoça: UnisulVirtual, 2009.

_____. Reorganização do Exército e da Marinha do Brasil: “reforma Hermes” e os programas de Júlio de Noronha e Alexandrino, na Marinha. In: PAULA, Luiz Carneiro de (org). **História militar geral II: as guerras de Napoleão ao século XXI**. 2.ed.rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

_____. O “Estado Novo” e a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. In: PAULA, Luiz Carneiro de (org). **História militar geral II: as guerras de Napoleão ao século XXI**. 2.ed.rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

_____. Memória e representações na História Militar. In: PAULA, Luiz Carneiro de. **Tópicos especiais: memórias e representações militares**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

_____. Das características da profissão militar e dos valores militares. In: PAULA, Luiz Carneiro de. **Tópicos especiais: memórias e representações militares**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

_____; BITTENCOURT, Armando de Senna; JÚNIOR, Renato Jorge Paranhos Restier. A Marinha do Brasil no período republicano. In: MOURA, Aureliano Pinto de [et al]. **História militar brasileira II: período republicano**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

· _____; DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. A Arte da Guerra no Século XX. In: PAULA, Luiz Carneiro de.



História militar geral II: as guerras de Napoleão ao século XXI. 2.ed.rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

_____; NACCER, Carlos Alberto. Armas e Uniformes como memória e representações na História Militar. In: PAULA, Luiz Carneiro de. **Tópicos especiais: memórias e representações militares.** Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

_____. **Introdução ao estudo da história militar.** Palhoça: UnisulVirtual, 2014.

PAMPLONA. Luiz Gonzaga. **Barreiras, Bê-A,... da Barra pra cá!** Brasília: 2002.

PEDROSA, Evelyne Arnaud Sampaio. **O sonho das rosas... e dos lírios.** Taguatinga, DF: Expresso Digital Gráfica Rápida, 2009.

PINHEIRO, João Paulo; PITTA, Ignez Almeida. **No cerrado entre o malho e o fuzil: o Exército Brasileiro no Oeste Baiano.** Barreiras: Aliança, 2012.

_____. **Tiro, Guerra e Mito: a história de um barreirense na Segunda Guerra Mundial.** 2ª. Ed. Barreiras: Irmãos Ribeiro, 2015.

PINTO, Suely Ramalho. **Simplesmente Barreiras.** Salvador: Gráfica Central Ltda, 1988.

PITTA, Ignez Almeida. **Documentos Barreirenses – Coleção do Professor – Volume I: Barreiras, uma História de Sucesso – Resumo Didático Desde as Origens até 1902.** Barreiras: Cangraf, 2005.

REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front.** Porto Alegre: L&PM, 2006.

RODRIGUES, R. C. B. **Historiografia e Teoria da História**. Batatais, 2013.

ROMANO, Clayton Cardoso; ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **História do Brasil IV**. Batatais: Claretiano, 2013.

· SANTOS, Albenzio Eloy dos. **O educador itinerante**. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2012.

· SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia. 1ª. ed.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Kalina Vanderlei. Biografias. In: PINSKY, Carla Basanezi. **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos. 2ª. ed.** São Paulo: Contexto, 2008.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed.; Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura – Exped Ltda., 2001.

TAVARES, General Aurélio de Lyra. **Vilagran Cabrita, e a Engenharia de seu tempo**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

TORELLI, Leandro Salman; PEREIRA, Reginaldo de Oliveira. **Metodologia da História II**. Batatais: Claretiano, 2009.

TZU, Sun. **A arte da guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

WILL, Daniela Erani Monteiro. **Metodologia da pesquisa científica**. Palhoça: UnisulVirtual, 2012.

WRIGHT, Quincy. **A guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.



FILMOGRAFIA

A COBRA Fumou. Direção de Vinícius Reis. Produção Brasil: BSB Cinema Produções Ltda, 2002. 1 DVD (94 min.).

A ESTRADA 47. Direção de Vicente Ferraz. Produção Brasil: Três Mundos, Verdeoro & Stopleftine Films, 2015. 1 DVD (105 min.).

O CURIOSO Caso de Benjamin Button. Direção de David Fincher. Produção EUA: Warner Bros, 2008. 1 DVD (116 min.).

SENTA a Pua! Direção de Erik de Castro. Produção Brasil: BSB Cinema Produções Ltda, 1999. 1 DVD (112 min.).

PUBLICAÇÕES EM JORNAL

PINHEIRO, João Paulo. Patrimônios Históricos de Barreiras encontram-se ameaçados pelo descaso. **Jornal Novoeste**, Barreiras, 21/05/2013, p-03.

PINHEIRO, João Paulo. Homenagem ao herói de 94 anos da segunda guerra mundial. **Jornal Novoeste**, Barreiras, 23/07/2013, p-07.

E-REFERÊNCIAS

Figura 4 - Rua do Ouvidor na década de 40: disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/mariahelena/posts/2011/10/26/rio-de-sempre-da-uma-volta-na-ouvidor-413332.asp>>. Acesso em: 27 jan. 2013.

Figura 5 - Símbolo da Força Expedicionária Brasileira: disponível em: <<http://aluisiodutra.zip.net/arch2009-08->

01_2009-08-31.html>. Acesso em 09 set. 2014.

SITES

4º BEC. **Formatura da Tomada de Monte Castelo.** *Homepage.* Disponível em: <http://www.4becnst.eb.mil.br/materias/tomada_monte_castelo.html> Acesso em: 08 set. 2014.

CMNE. **Solenidade Comemorativa dos 70 anos de Batismo de Fogo da FEB.** *Homepage.* Disponível em: <http://www.cmne.eb.mil.br/noticia_completa.php?ID=667¬icias=1> Acesso em: 19 nov. 2014.

COMANDO DA 6ª. REGIÃO MILITAR. **Organizações Militares – Tiros de Guerra.** *Homepage.* Disponível em: <<http://www.6rm.eb.mil.br/index.php/organizacoes-militares/tiros-de-guerra>> Acesso em: 21 abr. 2019.

JORNAL DO BRASIL. **A Rendição Alemã: o Fim da Segunda Guerra Mundial.** *Homepage.* Disponível em: <<http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2012/05/08/a-rendicao-alema-o-fim-da-segunda-guerra-mundial/>> Acesso em: 08 set. 2014.

PITTA, Ignez Almeida. **Ligação entre Barreiras e Barreirinhas por ajoujo – Década de 1930.** *Homepage.* Disponível em: <<http://www.historiadebarreiras.com/rio-grande/ligacao-entre-barreiras-e-barreirinhas-por-ajoujo-decada-de-1930/>> Acesso em: 01 set. 2014.

PORTAL BRASIL. **HISTÓRIA GERAL SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.** *Homepage.* Disponível em:< http://www.portalbrasil.net/historiageral_segundaguerramundial.htm> Acesso em 08 set. 2014.



· **PORTAL FEB. 2º Tenente Enfermeira – ALICE NEVES MAIA.** *Homepage.* Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/2a-tenente-enfermeira-alice-neves-maia/>> Acesso em: 01 set. 2014.

_____. **“A Montanha” – O Filme.** *Homepage.* Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/o-filme-a-montanha-de-vicente-ferraz/>> Acesso em: 08 dez. 2014.

_____. **Cap Enf Aracy Arnaud Sampaio.** *Homepage.* Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/cap-enf-aracy-arnaud-sampaio/>> Acesso em: 01 set. 2014.

O GLOBO. Rio de sempre dá uma volta na Ouvidor. *Homepage.* Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/mariahelena/posts/2011/10/26/rio-de-sempre-da-uma-volta-na-ouvidor-413332.asp>> Acesso em: 27 jan. 2013.

YOUTUBE. A Estrada 47 Trailer Oficial (2014). *Homepage.* Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=OIWRI-JIMKUM> Acesso em: 21 nov. 2014.

_____. **Baquaqua Comum & Extraordinário part 1.** *Homepage.* Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=I9F-ZF9j4UHQ> Acesso em: 11 dez. 2014.

_____. **Baquaqua Comum & Extraordinário part 2.** *Homepage.* Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=z-4f244nJyzQ> Acesso em: 11 dez. 2014.

OUTRAS REFERÊNCIAS

1936/37 DOCUMENTOS SOLTOS DO TIRO DE GUERRA.

1937 RELAÇÃO DE SÓCIOS TIRO DE GUERRA 128.

1938/39 REGISTRO DE TIRO TIRO DE GUERRA 128.

LIVRO DA ORDEM DO RIO GRANDE.

PAMPLONA, Enoy Barreto. **Entrevista semi-estruturada realizada em sua residência no Centro. Rua Ruy Barbosa, nº 369.-Barreiras: 22 ago. 2014.**

PAMPLONA, Eurypedes Lacerda. **Entrevista semi-estruturada realizada em sua residência no Centro. Rua Ruy Barbosa, nº 369. Barreiras: 12 set. 2012.**

_____. **Entrevista semi-estruturada realizada em sua residência no Centro. Rua Ruy Barbosa, nº 369. Barreiras: 17 nov. 2012.**

_____. **Entrevista semi-estruturada realizada em sua residência no Centro. Rua Ruy Barbosa, nº 369. Barreiras: 05 jan. 2013.**

_____. **Entrevista semi-estruturada realizada em sua residência no Centro. Rua Ruy Barbosa, nº 369.-Barreiras: 23 abr. 2013.**

_____. **Entrevista semi-estruturada realizada em sua residência no Centro. Rua Ruy Barbosa, nº 369.-Barreiras: 22 ago. 2014.**

_____. **Meu Diário de Guerra, 1º Caderno. 1944/1945.**

_____. **Meu Diário de Guerra, 2º Caderno. 1945.**

Este livro foi composto na
fonte Garamond 14/16
impresso em papel Off Set 90g.
Capa em Cartão Supremo 350g.
na Egba - Empresa Gráfica da Bahia
Salvador, 2019